



SABERES DA TERRA E DA ÁGUA

espaços comunitários na Costa da Lagoa

JULIA WILKE LAUREANO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Centro Tecnológico
Universidade Federal de Santa Catarina

Orientadora: Máira Longhinotti Felipe

Florianópolis, 2021



a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipo de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são nossos valores estéticos. O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar ou reinventar a cidade [...] é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente de um exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização [...] (HARVEY, 2014 apud FERREIRA, 2018, p. 272)

AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do coração,

À minha mãe, Juliana Wilke, que sempre me deu segurança e conforto pra trilhar o caminho que eu quisesse e por ser meu exemplo de determinação e paixão no que faz. Sigo teus passos em também escrever um trabalho de conclusão de curso sobre a Costa da Lagoa.

Ao meu pai, Edu Altamiro Laureano, por me apoiar em qualquer decisão, acreditar em qualquer coisa que eu faça e ser meu exemplo de sabedoria e bondade.

Ao Gabriel Sala, por ser meu parceiro de qualquer coisa e em qualquer lugar, percorrendo comigo caminhos tão belos e nutrindo com tanto respeito e afeto tudo que nos rodeia, em busca do melhor para nós e para o mundo.

À Poli e à Mari, pela nossa amizade repleta de evoluções, pensamentos, conversas, acolhimento e parceria. Vocês me emanam força, positividade, esperança e amor e foram fundamentais em todas as etapas dessa vida universitária.

A todo o grupo da 15.1, em especial ao “Aram”, pelas risadas, festas, encontros, preocupações, trabalhos, confissões e ajudas. Levo todos no coração com muito amor e orgulho.

À toda a comunidade da Costa da Lagoa, lugar onde cresci e minha fonte de inspiração nas coisas simples e belas da vida.

À Maíra, por me orientar e me guiar lindamente nesse caminho de conclusão de curso, sempre de forma carinhosa, acolhedora, sábia e gentil. Palavras são poucas para descrever o tamanho da minha admiração por ti.

À todos meus familiares, em especial à vó Maria (*in memoriam*), tia Ná, dinda Lê, Adriana Sappino e Felipe Sala, e tantos outros que acreditaram em mim e se orgulharam a cada conquista minha.

Aos meus amigos, colegas e professores, a todos que contribuíram na minha jornada estudantil, realizada integralmente no ensino público, por me acrescentarem tantas coisas, tantos conhecimentos e tantas experiências.

E por fim, agradeço à UFSC, que me permitiu estudar e sonhar livremente e me construiu não só como arquiteta e urbanista, mas também como uma cidadã mais consciente. Viva à universidade pública, gratuita e de qualidade!

SUMÁRIO

1	introdução e objetivos	04
2	conceitos	05
	ESPAÇO, LUGAR E PAISAGEM	05
	MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO	06
	ENRAIZAMENTO	06
	SER HUMANO E NATUREZA	07
3	costa da lagoa e ratones	07
	CONTEXTO	07
	HISTÓRIA	08
	OCUPAÇÃO E INFRAESTRUTURA	10
	TRANSPORTE	11
	ZONEAMENTO MUNICIPAL	12
	MODOS DE VIDA E PRÁTICAS CULTURAIS	13
4	rota cultural proposta	20
5	espaços comunitários da costa da lagoa	22
	A COMUNIDADE	23
	O EXISTENTE	24
	IMPLANTAÇÃO EXISTENTE	26
	IMPLANTAÇÃO PLANEJADA	27
	CENTRO COMUNITÁRIO	28
	CORTES DO CENTRO COMUNITÁRIO	29
	RANCHO COMUNITÁRIO	33
	DETALHES CONSTRUTIVOS	35
	PAISAGISMO	36
	PERSPECTIVAS	37
6	bibliografia	41

Entende-se por cultura as ações que refletem o modo de viver, pensar e falar de um grupo, ou seja, as características através das quais este se reconhece sobre o meio em que vive. Os termos cultura, culto e colonização derivam do verbo em latim “colo”, que significa eu moro, eu ocupo a terra, eu cultivo o campo (BOSI, 1992 apud NÓR, 2010).

O patrimônio cultural pode ser entendido como o conjunto dos valores e significados atribuídos a lugares, práticas e objetos, que representam uma identidade coletiva e que são referências de sua cultura e história. A cultura entendida sob o ponto de vista imaterial pode ser traduzida como algo não materializável, que vem das práticas coletivas e trata-se de um processo que não é estático, na medida em que tais práticas são passadas e recriadas de geração em geração, gerando um sentimento de identidade e continuidade.

Diante dos processos de urbanização das cidades, conjuntamente com o modelo capitalista unificador e mercadológico, alguns fenômenos começam a desaparecer, como o vínculo à terra, o sentimento de enraizamento de comunidades e a continuidade de práticas e saberes tradicionais. Observa-se uma perda do sentido de lugar e da memória coletiva, que descaracteriza paisagens e desarticula a coletividade.

Nessa premissa, dois bairros relativamente isolados em Florianópolis/SC apresentam testemunhos do modo de vida açoriano na Ilha, possuidores de um passado ainda vivo em suas constituições materiais e imateriais. Os bairros do presente estudo são a Costa da Lagoa e o Ratonos, que se conectam através de um caminho rudimentar em meio a um morro. No que se refere ao patrimônio cultural, essas localidades resguardam um estilo de vida e características próprias de organização social, que

refletem uma continuidade do passado.

Historicamente, a Costa da Lagoa e o Ratonos possuíam uma economia pautada nas atividades rurais e pesqueiras, contando com inúmeros engenhos de farinha de mandioca e de cana de açúcar. Um dos poucos engenhos remanescentes na Ilha de Santa Catarina ainda apto ao uso é o da Vila Verde, situado na Costa da Lagoa, que desenvolve a feitura da farinha como forma de festa e salvaguarda de saberes como a carpintaria do engenho e das ferramentas, manutenção das paredes de taipa e as práticas tradicionais da produção da farinha de mandioca. Na Costa da Lagoa, existe uma cultura náutica tradicional que envolve desde a fabricação de canoas de um pau só, baleeiras, tarrafas, ranchos de pescas, etc, a técnicas de pescaria, saberes do clima (vento, lua, etc) e preparação dos alimentos. Na comunidade do Ratonos, maior porção da cidade zoneada como área rural, ainda há uma relação de produtividade com a terra que relembra os séculos passados da região.

Nestas comunidades encontram-se diversos resquícios de um viver antigo: a pesca artesanal, a produção de peças em renda de bilro, a brincadeira do boi-de-mamão, o artesanato que constrói canoas, as redes de pesca dispostas na beira da lagoa, lendas sobre bruxas, relações com a vizinhança e características da fala, que são aspectos de identidade e cultura presentes ainda em ambas as comunidades.

Considerando a existência de elementos culturais significativos, como a pesca artesanal, a agricultura familiar, a cultura náutica, festas tradicionais religiosas e relações de sociabilidade, bem como características da paisagem natural, a flora e fauna, e de ocupação e uso do solo, reconhece-se a necessidade de incentivo à preservação da paisagem e do estímulo à valorização cultural, social e econômica. Concomi-

tantemente, observa-se a potencialidade de um estudo para a implantação de um centro comunitário de valorização cultural, como um elemento de estímulo às trocas, encontros, capacitações, apresentações, etc, ligadas às práticas e objetos de memória, considerando a diversidade do patrimônio cultural e estimulando sua valorização e conservação.

Este trabalho procura ser um reconhecimento de uma cultura da qual faço parte, compostas por atividades vivas, tradicionais e muitas vezes manuais, mas que são cada vez mais ameaçadas pela atividade turística e pelo mercado imobiliário.

OBJETIVOS

1) Definir diretrizes para uma rota comunitária, cultural e ambiental que conecte os bairros da Costa da Lagoa e Ratonos, em Florianópolis/SC. A rota estará amparada por uma rede de espaços coletivos interconectados às dinâmicas e demandas dos bairros, e deverá prover de conformações espaciais que valorizem os atributos naturais e paisagísticos e o patrimônio material e imaterial da Costa da Lagoa e Ratonos.

2) Elaborar uma proposta de intervenção arquitetônica na vila central da Costa da Lagoa, que será um dos equipamentos coletivos da rota proposta, e que supra demandas comunitárias e assegure a continuidade de práticas culturais realizadas hoje na comunidade.

ESPAÇO, LUGAR E PAISAGEM

Para pensar sobre configuração socioespacial, três conceitos parecem ser pertinentes: o de espaço, de lugar e de paisagem. O espaço pode ser entendido como um conceito cartesiano, um dado geométrico e físico que comporta qualquer coisa e qualquer ser e pode ser complementado com adjetivos como espaço geográfico, ecológico, comercial, político, etc. O conceito de lugar, por outro lado, possui valor e significado psicológicos, sendo o espaço onde se dão as relações. Para Santos (1985 apud NÓR, 2010), cada espaço é transformado devido às relações sociais, ao meio ecológico e às tecnologias, atribuindo um valor particular, mesmo que imaginário e simbólico (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2018; NÓR, 2010).

De caráter subjetivo, um lugar pode, inclusive, existir apenas simbolicamente, podendo ser um não lugar (AUGÉ, 1995 apud CAVALCANTE; NÓBREGA, 2018) ou um espaço pessoal (SOMMER, 1973 apud CAVALCANTE; NÓBREGA, 2018). O espaço pessoal é a zona invisível mas determinada a qual um indivíduo sente como sua, defendida quando invadida “e que o ajuda a definir o tipo de relação desejada com os demais” (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2018, p. 188). Os não lugares são espaços da sociedade atual onde não há permanência nem uso suficientes para se estabelecerem relações, como estacionamentos, túneis, estradas, etc, reduzindo as cidades a locais de dormitório, de consumo rápido e reduzindo o sentimento de pertencimento (GEHL, 2004 apud HARDT; HARDT; HARDT, 2017).

Alguns lugares da cidade que normalmente são atribuídos como não-lugares, como as estradas, ruas e pontos de ônibus, possuem outro sentido na Costa da Lagoa, pois são es-

paços dotados de significados e de sociabilidade. Por exemplo, sua estrada principal é a lagoa, que, além de transporte, representa também lazer e alimento. Suas ruas são as trilhas, que além de caminhos de ligação entre as casas, também são lugares de contemplação da natureza, de realização de exercícios físicos e de bem-estar. Seus pontos de embarque e desembarque de barcos, assim como os próprios barcos, são lugares repletos de sociabilidade, visto que na espera dos barcos há o encontro da comunidade, a atualização das notícias e as conversas cotidianas.

Outro conceito importante é o de paisagem, que surge a partir de representações conscientes acerca do entorno. Com provável início a partir das pinturas rupestres, esse termo foi explorado em diversas áreas e culturas, com diferentes significados atribuídos no decorrer da história e dos povos. No início do século XX, Otto Schlüter cria o termo *naturlandschaft-kulturlandschaft* que associa pela primeira vez a descrição física a elementos culturais. Atualmente, entre os geógrafos, há um consenso de que a existência humana deve ser incluída no conceito de paisagem, considerada muitas vezes como um elemento antrópico da paisagem.

Atualmente, tanto a dimensão objetiva/física quanto a dimensão subjetiva/simbólica subsidiam a análise ou leitura da paisagem, que pode incluir desde um inventário eco-geográfico até a utilização de lendas, mitos, representações que as populações elaboram sobre seus espaços a fim de compreender sua dinâmica de constituição (COSTA; GASTAL, 2010, p. 4).

A paisagem, então, pode ser explicada como uma representação social e cultural, sendo tanto o meio natural quanto as alterações feitas sobre ele, e é transformada na medida em que suas formas são alteradas. Por ser transformada por atores sociais, permite uma leitura do

espaço natural e do sentido de lugar, possibilitando o entendimento dos processos de produção da vida, os costumes, seus símbolos e suas raízes. Sendo assim, a paisagem registra a história cultural de um lugar (NÓR, 2010).

Em relação a sua paisagem, a Costa da Lagoa destaca-se pelas belezas naturais de fauna e flora, conformada por morros com cobertura vegetal densa e orla com pequenas praias alternadas a formações rochosas. Na margem dos morros, há uma estreita faixa de ocupação polinucleada de casarios. As práticas originadas nesse espaço aproveitam a lagoa como modo de vida, de subsistência, de locomoção e de lazer. As orlas transformaram-se em espaços de habitação e de trocas sociais, enquanto os morros foram usados por muito tempo como espaços de plantar e produzir. Observam-se também atividades náuticas e sua manutenção, como canoas, trapiches, ranchos, redes de pesca, etc. Como o transporte principal da comunidade é feito via barcos, o entendimento da paisagem



[01] Observação da paisagem da Costa da Lagoa na perspectiva de quem anda de barco. Foto: Florip Art. Edição: A autora.

na Costa da Lagoa se dá, além da observação a partir do pedestre, muito pela observação da paisagem emoldurada pelas janelas dos barcos, na qual as transformações da paisagem são facilmente detectadas.

O espaço ocupado por Ratoles possui como características principais seus morros, rios, o mangue e grandes áreas planas. As práticas desenvolvidas nesse espaço aproveitaram o rio Ratoles como modo de vida e de subsistência, mas que, por diversos fatores políticos e ambientais, foram interrompidas. Nas áreas planas desenvolveram-se as habitações e os espaços de trocas, enquanto os morros também foram usados por muito tempo como espaços de plantar e produzir. A paisagem de Ratoles ainda hoje possui características rurais, rodeada de morros e ruas sinuosas, com pouca ocupação do solo e com a presença de hortas, pomares e pastagens. Surge, recentemente, a ocupação do solo por parte de condomínios residenciais fechados, que utilizam a disponibilidade de terras gerada por uma antiga estrutura rural. A especulação imobiliária é relativamente recente na região, que, além da falta de equipamentos e infraestrutura pública, põe em preocupação as áreas de manguezal, rios e cachoeiras, e as formas nativas de uso do espaço, confrontadas com o surgimento de um novo padrão de ocupação da área.



[02] Paisagem de Ratoles: baixa ocupação, grandes terrenos, morros ao fundo e vegetação preservada. Foto: Google Street View. Edição: A autora.



[03] Associação dos Pescadores do Rio Ratones. Foto: Estudos Nacionais. Edição: A autora.

MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO

A memória é um elemento que constitui o sentimento de identidade, que expressa os valores dados a certos grupos, certos lugares, etc. Bergson (1990 apud FERREIRA, 2018) argumenta que a memória não é pura, pois trata-se de uma reelaboração que evoca o passado para o presente, de forma representativa e não real. Deve ser entendida, portanto, como uma experiência social, na medida em que um grupo, com uma massa de lembranças em comum, constitui memórias que se apoiam umas nas outras e que, portanto, estão submetidas a flutuações e transformações.

Com a invenção do desenho e da escrita, as sociedades humanas puderam armazenar informações através do tempo e do espaço. Entretanto, muito do desenvolvimento e conhecimento histórico de comunidades tradicionais foi e ainda é passado oralmente ou através de atividades tradicionais, transmitidas de geração a geração. Documentar é também lembrar e valorizar, mas manter viva a memória é manter vivos o conhecimento, as técnicas e seus modos de vida.

A noção de proteção patrimonial tem início a partir da evolução temporal da humanidade, quando o homem consegue se distanciar de outra época, surgindo na modernidade, primeiramente como forma de preservar monumentos de valor artístico e histórico. Essa concepção restringia o conceito de patrimônio à materialidade de monumentos e edificações, sem reconhecer a diversidade e complexidade da sociedade e dos modos de vida que também se desenvolveram em torno desses espaços, excluindo-os dos registros. No contexto europeu entre guerras, elaborou-se a Carta de Atenas de 1931 com diretrizes para proteção e conservação patrimonial. Após a Segunda Guerra Mundial, foi criada a Unesco. Nesse período, conceitos antropológicos de cultura e patrimônio cultural foram sendo desenvolvidos, abrangendo à categoria de patrimônio conceitos de conjuntos arquitetônicos, produtos culturais de diversos povos e expressões imateriais (CASTRIOTA, 2009; NÓR, 2010).

O conceito de paisagem cultural surge no século XX, quando Sauer propaga o termo geografia cultural, revisando a ideia de Schlüter. Para ele, a paisagem cultural é o resulta-

do entre o agente (cultura) e o meio (natural). Consideram-se paisagem culturais as características do meio ambiente, os sítios históricos, os sistemas de uso da terra e o conhecimento tradicional, em aspectos estéticos, simbólicos, espirituais, funcionais e ecológicos. A significação e autenticidade dessas paisagens dependem da continuidade dos sistemas tradicionais de cultura e produção, que criam padrões característicos de uso da terra e de sentido único de lugar (CASTRIOTA apud NÓR, 2013). A paisagem cultural é um elemento vivo, produto da interação humana com seus processos de produção de vida.

Frente às transformações socioeconômicas do mundo globalizado, a cultura vem sofrendo, através de intensas trocas comerciais, fácil e rápida mobilidade e interação, com um possível efeito homogeneizador, comprometendo a memória coletiva da sociedade. Por outro lado, no âmbito de organizações internacionais, a diversidade cultural considera cada vez mais expressões singulares a serem protegidas e preservadas (NÓR, 2013).

Como marco importante na paisagem cultural da Costa da Lagoa, temos a lagoa da Conceição, que é limite, acesso e distanciamento. É lazer, alimento, transporte. A relação dos moradores com o corpo lagunar se modificou pouco ao longo do tempo. Na orla, essa relação é um importante marco na paisagem: são trapiches, canoas de um pau só, baleeiras, botes e lanches, ranchos de pesca, redes dos mais variados tipos. Entre a vegetação, as casas que acompanham os 5 km que servem de caminho do bairro, em relações muitas vezes harmônicas com a natureza, demonstram um tipo específico de ocupação no espaço. Em meio a paisagens naturais, encontra-se a marca do homem: vilas, casas, embarcações, ranchos de pesca, ins-

trumentos de trabalho, etc. Segundo Pedralli e Dias (2015), a comunidade da Costa da Lagoa demonstrou, em entrevistas, um desejo de continuidade das características da comunidade, além de reiterar, “todo tempo, o contentamento em ter na Costa da Lagoa o *seu* lugar” [grifo das autoras] (PEDRALLI; DIAS, 2015, p. 15).

Em Ratones, a planície garantiu grandes terrenos para agricultura e os morros asseguraram os pontos de água, com cachoeiras e rios, e o manguezal é um importante marco na paisagem. Embora longe de mar ou de lagoas, a pesca foi por muito tempo presente na comunidade através de seus rios. Atualmente, a relação e o uso do rio modificou-se, principalmente devido às obras de drenagem e à construção de rodovias.

A paisagem cultural dessas localidades possui uma topografia específica, riquezas hídricas, testemunhos patrimoniais edificados, uma riqueza de espécies vegetais e tradições de origem açoriana que marcam tanto o meio material quanto o imaterial.

ENRAIZAMENTO

Comunidades tradicionais, com gerações de um mesmo grupo numa região geográfica, tendem a ter um sentimento de lar e uma relação íntima com o passado coletivo e tradições, que é sentida através de uma coletividade importante para o indivíduo e para o grupo. Esse forte vínculo entre a identidade psicossocial e o socioambiente pode ser nomeado como enraizamento (HAY, 1998; TUAN, 1980 apud MASSOLA; SVARTMAN, 2018a).

O termo “enraizamento” entrelaça os significados de tempo e espaço no socioambiente e, embora esteja vinculado ao passado, fundamenta o sentido de continuidade pesso-

al que permite sustentar o presente e o futuro. Dessa forma, o passado não é, necessariamente, idealizado e aprisionador, na medida em que o indivíduo, ancorado em um passado comum, tenha poder de deliberar sobre o presente e se sinta responsável individual e coletivamente pelo futuro como produto de suas decisões (MASSOLA; SVARTMAN, 2018b, p. 302).

Na sociedade contemporânea globalizada, onde as relações se dão de forma mais flutuantes e há uma intensa mobilidade que impede relações mais estáveis e duradouras com o ambiente, enfraquece-se as condições para que o enraizamento aconteça (MASSOLA, SVARTMAN, 2018b) e, conjuntamente, há uma busca maior sobre a identidade própria dos indivíduos em relação à grande parte da história onde as pessoas nasciam com lugares mais determinados na sociedade. O sujeito contemporâneo e globalizado está vivenciando uma identidade fragmentada, de várias identidades, muitas vezes contraditórias e não-resolvida (MOURÃO, CAVALCANTE, 2018), além de, pela desterritorialização, ser separado de suas origens pessoais, sociais e históricas (APFELBAUM, 2000 apud MASSOLA; SVARTMAN, 2018a).

Em uma pesquisa genética realizada com 131 indivíduos da Costa da Lagoa, escolhidos ao acaso, entre os anos de 1995 e 1996, Souza (2001), constatou, com 87% dos indivíduos residentes sendo nativos, que: 21,7% dos casais eram consanguíneos; o sobrenome mais comum era Santos (29,22%), seguido de Laureano (26,78%) e Pereira (13,86%); o sobrenome Laureano caracterizando o efeito do fundador, pela sua alta frequência na população (7%) em relação às demais; 77,9% tem origem europeia, 18,9% origem africana e 3,2% origem ameríndia, concluindo que a Costa da Lagoa constitui-se como um um isolado genético e possui,

ainda, gerações de um mesmo grupo habitando a região, fator que influencia no sentimento de enraizamento na comunidade.

SER HUMANO E NATUREZA

A partir da Revolução Industrial, as cidades europeias, e mais tarde as brasileiras, sofrem com o adensamento populacional e com condições insalubres. Uma visão romântica da vida no campo, como lugar de reflexão e isolamento espiritual, se contrapôs a das cidades, símbolo da civilização que começa a ter seus problemas e suas críticas, culminando no surgimento de parques e áreas verdes para restaurar o poder purificador da natureza. Esses espaços criados no meio das cidades geralmente ignoravam os ciclos naturais, feitos de uma forma estática e de contemplação, desvinculados de seu território original (BERETTA, 2018).

A oposição do paradisíaco e mágico da natureza versus o racional do ser humano influenciou a oposição natureza-habitação. Diegues (2008) comenta sobre o “mito moderno da natureza intocada”, que dita que o ser humano deve ser separado da natureza a fim de preservá-la. Essa separação transforma as relações com a natureza em puramente recreativas e contemplativas, separando o habitar do existir em equilíbrio com a natureza.

Esse pensamento também vai de encontro ao modo de viver dos povos indígenas e de povos tradicionais, que, através de tecnologias próprias de manejo da natureza, protegem e podem, inclusive, potencializar a diversidade biológica. Para Gomez-Pompa e Kaus (1992 apud DIEGUES, 2008), o conceito de natureza selvagem e intocada é um conceito urbano.

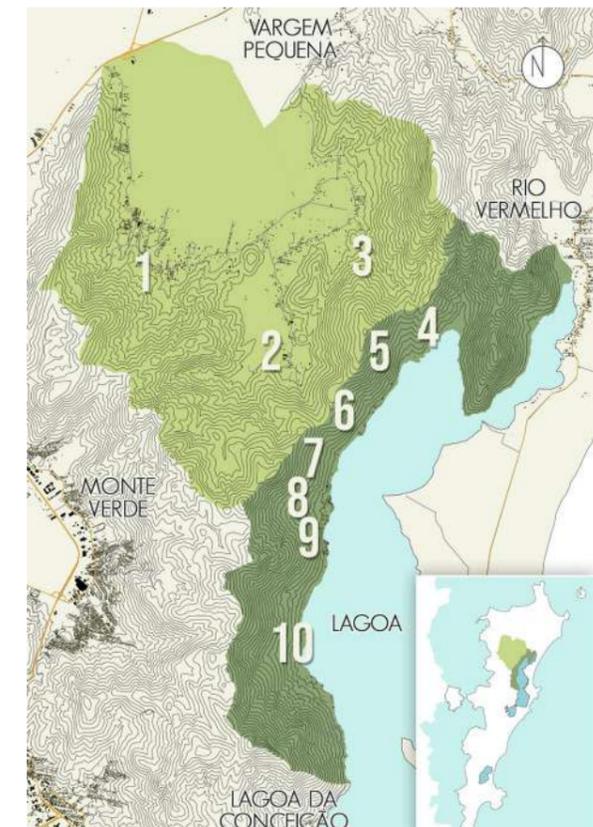
Os termos “rural” e “urbano”, “campo” e “cidade” adquiriram diversos significados e

características ao longo da história e são vistos, ainda, sob uma visão dicotômica. Questionam-se os significados dos termos na contemporaneidade, sobretudo na indefinição de fronteiras rígidas entre os mundos rural e urbano, que passam por processos dinâmicos. Nas tentativas de categorização, a partir dos anos 1990, alguns pesquisadores criaram a categoria “rurbano” ou, ainda, “rurbanidade” (FERREIRA, 2018).

A partir da década de 70, Florianópolis passa por um fetichismo sobre sua cultura e belezas naturais, estimulado pelo turismo e mercado imobiliário, transformando seus espaços, paisagem e cultura em mercadoria. Nesse contexto, o discurso de uma capital “moderna e desenvolvida” busca invisibilizar as marcas de ruralidade presentes na cidade.



[04] Paisagem da Costa da Lagoa. Foto: Art Br Drone. Edição: A autora.



[05] Vias, edificações e topografia nos bairros Costa da Lagoa (em verde escuro) e Ratores (em verde claro). Vilas de Ratores: 1. Centrinho; 2. Canto da Cachoeira; 3. Canto do Moreira, Vilas da Costa da Lagoa: 4. Saquinho; 5. Prainha; 6. Praia do Sul; 7. Vila; 8. Baixada; 9. Praia Seca; 10. Vila Verde. Imagem: A autora.

A cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, possui uma geografia complexa com manguezais, lagoas, dunas e morros, que geram limitações em relação à ocupação do seu território. Suas freguesias se distribuíram de forma heterogênea e dispersa, permanecendo praticamente autônomas durante décadas. No coração da Ilha, os bairros da Costa da Lagoa e Ratores são, ainda que relativamente isolados, vizinhos separados por um morro (Figura 05). Tal isolamento, ainda percebido na Costa da Lagoa e em Ratores, principalmente comparando com os processos de urbanização de outros bairros da cidade, contribuiu para a preservação da paisagem, dos modos de vida, do uso da terra, dos dialetos, etc.

Os bairros da Costa da Lagoa e Ratores são singulares no município, marcados por atributos históricos da formação sociocultural

e econômica, pela presença de atividades econômicas do setor primário, rede urbana pouco modificada, relativo grau de conservação ambiental, padrões de ocupação rufo-urbanas. Nesses bairros, há uma continuidade dos sistemas tradicionais e em sua forma de utilização do espaço, conferindo sentidos únicos de lugar.

A comunidade da Costa da Lagoa, localizada na porção noroeste da Lagoa da Conceição, é um reduto de pescadores cujo acesso se dá somente por barco ou trilhas. Seu assentamento é polinucleado, desenvolvido a partir dos primeiros grupos familiares povoadores do bairro. São divididas atualmente, conforme Figura 05, em Vila Verde (nº 10), Praia Seca (nº 9), Baixada (nº 8), Vila (nº 7), Praia do Sul (nº 6), Prainha (nº 5) e Saquinho (nº 4). A Costa da Lagoa possui 802 moradores (Censo Demográfico IBGE 2010 - Estimativa 2015) e área de 967,5 ha.

O bairro Ratoles situa-se no centro-norte da Ilha de Santa Catarina, sendo a maior porção considerada rural da cidade pelo Plano Diretor Municipal (2014). Sem oceano ou baías, o bairro é cortado pelo rio de mesmo nome. O Rio Ratoles é o maior rio da Ilha e foi meio de subsistência dos pescadores artesanais, além de servir como via de escoamento da produção local até o centro da cidade (ARAÚJO, 2017). Ratoles possui uma área total de 33,12 km² e 3.535 moradores (Censo Demográfico IBGE 2010 - Estimativa 2015). Suas localidades são divididas, conforme Figura 10, entre Centrinho (nº 1), Canto da Cachoeira (nº 2) e Canto do Moreira (nº 3).

A colonização açoriana em Florianópolis/SC, principalmente em sua porção insular, é fruto da estratégia de povoamento da coroa portuguesa em meados de 1750. Com outros tipos de solo e condições geoclimáticas, houve uma adaptação no cultivo de alimentos e no padrão alimentar dos ilhéus dos Açores, recebendo influência e influenciando os moradores indígenas locais (FARIAS, 2000).

Devido principalmente à morfologia acidentada, no período colonial durante décadas as localidades da Ilha foram praticamente autônomas, tendo a agricultura como meio de subsistência, baseada na policultura de pequena escala e mão de obra familiar, através do uso comunal de terras, com pequeno excedente e complementada com a pesca artesanal (ARAÚJO, 2017; CAMPOS, 1989). A policultura tinha como base a mandioca, o café, aipim, feijão, milho, algodão, banana e cana-de-açúcar, além da criação de animais, da pesca e da caça (CARDOSO, 2001).

No litoral catarinense, a cultura rural esteve amparada pela produção da farinha de mandioca entre os séculos XVIII e XIX. Em 1797, segundo o Relatório dos Engenhos Existentes, na Capitania de Santa Catarina existiam 884 engenhos de farinha de mandioca. Destes, 101 estavam situados na freguesia da Lagoa da Conceição, além de 10 fábricas de açúcar e 28 de aguardente (BASTOS, 2013). Segundo Cardoso (2001), até 1970 existiam sete engenhos de farinha de mandioca em Ratoles, enquanto os moradores contabilizavam trinta e cinco. Cesário Simões Júnior (1981) contou 28 engenhos de farinha de mandioca na Costa da Lagoa em 1980.

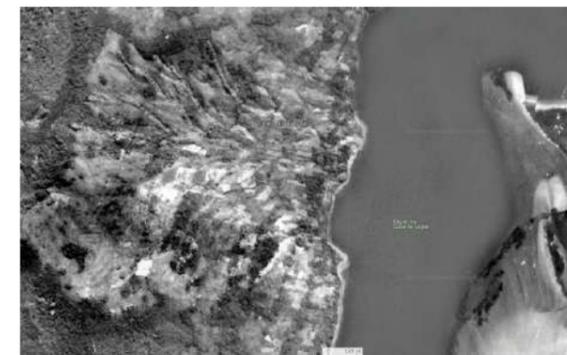
Somado à agricultura, atividade permanente, e a pesca, atividade sazonal, ainda havia nos povoados a confecção do linho, tecidos e

rendas, artefatos de barro, cestaria e madeira, caracterizando o homem açoriano como lavrador, pescador e artesão.

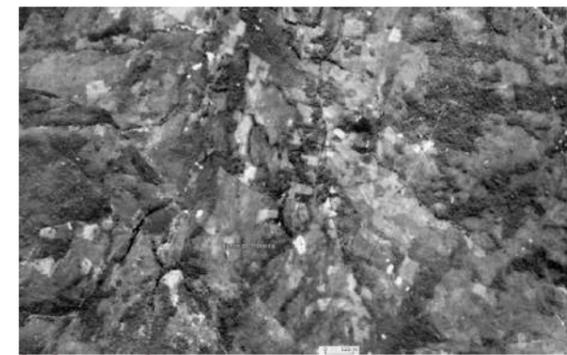
A vida agrícola na Costa da Lagoa é decorrida por Seo Nezinho, em entrevistas realizadas por Basso (2016, p. 118-119):

Aqui era todinho plantado, todo o morro era careca [...] só uma roça atrás da outra assim. Não tinha nenhum lugarzinho que tinha uma mata virgem assim. [...] A Costa foi muito forte em venda de cachaça... melado, açúcar mascavo, nós chamava de açúcar grosso. Tinha até carro de boi, tinha caminho de carro de boi... para carregar as canas de açúcar até o engenho sabe? [...] Você passa em vários lugares assim, tem a marca ainda dos engenhos de cana, o bargaço da cana era jogado no pátio do engenho... onde jogava ele ficava uma terra preta, e quando você passa tem uma terra preta até hoje... Então a vida vai mudando, né? Hoje é barco, barco, barco... talvez amanhã já não é mais barco... Por isso é bom falar essas coisas para lembrar que existia essas coisas... [...] Eles faziam a roça lá no morro, né, e se preocupavam em fazer a trilha do carro do boi... faziam com pedra, às vezes só o chão mesmo... Ainda tem algum caminho... atrás do castelo... faziam um caminho de dois metros de largura mais ou menos assim, da roça até o engenho... tinha vários... era cheio. [...] Igual hoje tem um barco, antigamente todo mundo tinha um carro de boi... Na verdade eles não pararam de repente, foram parando... [...] aí então começaram a ir pro Rio Grande e foram deixando as plantações devagarzinho... E ganhava um dinheirinho lá e comprava as coisas... os móveis dentro de casa... [...] por isso o pessoal foi deixando a roça pois o povo já precisava de dinheiro para poder ter as coisas, né? [...] Aí o pessoal ia tudo pro Rio Grande pescar... voltava depois de seis meses com um monte de dinheiro pra poder comprar as coisas... Aí a roça foi enchendo de mato...

As figuras 06 e 07 mostram grandes áreas de desmatamento provocado pela agricultura nos bairros. A partir dos anos 70, a cobertura vegetal demonstra sua fase inicial de regenera-



[06] Vila da Costa da Lagoa, 1938. Fonte: Geoprocessamento da Prefeitura Municipal de Florianópolis.



[07] Canto do Moreira, em Ratoles, 1938. Fonte: Geoprocessamento da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

ção, evidenciando um processo de interrupção de práticas realizadas nesses espaços.

Da produção para subsistência, restavam poucos excedentes da agricultura para comercialização com outros bairros e com o centro da cidade. A baixa produtividade, principalmente devido à precariedade tecnológica, exigia que toda mão de obra familiar disponível trabalhasse. Entre a roça e a pesca, as relações familiares se mesclavam com as relações de trabalho e características desses laços sociais ainda estão presentes nos vínculos atuais da população tradicional.

Além de trabalharem em seu próprio bairro, moradores de Ratoles vinham até a Costa da Lagoa para pescar além do rio Ratoles, e moradores da Costa da Lagoa também trabalhavam nas terras de Ratoles, numa ligação feita por caminhos que atravessam o morro,

como pode ser visto em entrevista realizadas por Araújo (2017, p. 74):

Eu pescava com meu pai, não aqui, na Costa da Lagoa. Ele trabalhava na roça de dia e a noite ele pescava (...) ele levava a gente pra pescar siri de noite, a gente olhava assim, a gente colhia, era a coisa mais linda, pegava camarão... (Márcia, nativa do Rato- nes, 65 anos).

Em seu trabalho sobre o caminho da Costa da Lagoa, Simões Júnior (1981) relata que o caminho entre os Rapazes (atual Vila Verde) e a Vila e da Vila até Rato- nes eram os trechos vi- vos, utilizados e conservados, diferente do resto do caminho, sinalizando a ligação principal como sendo entre as Vilas e entre a Costa da Lagoa e Rato- nes, sendo a ligação terrestre com a Lagoa da Conceição pouco utilizada.

Em Rato- nes, ao longo do rio, estabelece- ram-se algumas famílias que viviam da agricul- tura e da pesca. A produção excedente passou a ser escoada para o centro da cidade através do rio, sendo também a ligação principal do bairro para o centro da cidade rumo ao mercado mu- nicipal. Segundo Araújo (2017, pág. 47),

o excesso de produtos agrícolas ori- ginados em Rato- nes era comumente trocado com outras comunidades, indicando que a relação entre elas era também de escambo e complementa- ridade. Tanto o excedente produzido pela Costa da Lagoa como o de Rato- nes era escoado pelo Rio Rato- nes até Desterro - atual centro da cidade e que funcionava como pólo de atração dos produtos.

O vínculo entre as duas comunidades também se dava na esfera social, como conta Si- mões Júnior (1981, pág. 6.2):

Quando ocorrem festas nos Rato- nes, na Barra da Lagoa ou na própria Cos- ta o movimento através do acesso [ca- minho] aumenta consideravelmente, e é comum encontrar grupos durante a noite com lanternas, pombocas ou simples tochas de folhas secas de ba- naneira indo ou voltando alegremente comentando a festa.

O processo de urbanização, do sécu- lo XX e início de XXI, influenciou no declínio agrícola em Florianópolis. O camponês floria- nopolitano, com a perda e o parcelamento da terra, arranja atividades suplementares à pesca e à agricultura para sobrevivência financeira.

O trabalho acessório, se ajuda, de iní- cio, o camponês a manter esta condi- ção, passa a exigir a maior parte da energia da família, levando ao des- cuidado com o cultivo da propriedade e à sua conseqüente redução, seja por venda ou por arrendamento. Desta forma, o camponês vai se tornando cada vez mais dependente do trabalho acessório e chega um momento em que este se constitui na principal fonte de subsistência da família. Neste mo- mento está completado o processo de proletarização do camponês (LAGO, 1983, p. 14).

A partir de 1970, a economia da Costa da Lagoa foi passando de agricultura dos enge- nhos de cana e mandioca quase que exclusiva- mente para a pesca. A mata nativa entrou em processo de regeneração, tomando espaços que antes eram para as roças e fechando muitos ca- minhos entre os bairros adjacentes (imagens 17 e 18).

A decadência da produção também es- teve relacionada às constantes queimadas, ao uso contínuo do solo, à sucessiva divisão das terras, à redução das atividades portuárias e às leis de preservação ambiental (NÓR, 2010). A partir da década de 60, a chegada da luz elétrica e de sua conseqüente taxa de pagamento, a proi- bição da tração animal e as exigências sanitárias também foram motivos que contribuíram para o abandono dos engenhos. Essas transforma- ções afetaram de modo significativo as relações de sociabilidade das comunidades mais rurais (BRAGANHOLO, 2017).

Com foco na pesca artesanal, os homens “embarcados”, como eram chamados, estavam

no mar do outono ao inverno, na pesca da tai- nha, da anchova e do camarão, e da primavera ao verão, em terra, junto à família, no trabalho agrícola de cultivos (NÓR, 2010). O declínio da produção agrícola na Ilha e o aumento da pro- dutividade do setor pesqueiro, a partir de 1960, atraiu muitos pescadores para diversos portos do país, como Itajaí, Rio Grande e Santos.

A pesca se manteve como uma atividade bastante realizada na Costa da Lagoa, principal- mente em virtude da relação íntima com a la- goa. Em Rato- nes, segundo a pesquisa de Araújo (2017), os moradores acusam a drenagem do rio como causadora de diversos problemas, tornando o rio menos profundo, prejudicando a navegação, a pesca e causando enchentes em terrenos próximos. Além disso, a construção da rodovia SC-401 prejudicou a ligação hidroviá- ria, de passagem de canoas e pequenas lanchas, criando uma barreira física entre o bairro Rato- nes e o lado favorável para pesca (lado do man- guezal).

Desde 1987, o Manguezal do Rio Rato- nes está na área da Reserva Ecológica de Carijós, como uma Unidade de Conservação Federal. Essa nova configuração gerou diversas recla- mações, pois restringiu a pesca onde há peixes maiores e não cobre o montante do rio, que está fora do manguezal, mas que segundo os mora- dores (ARAÚJO, 2017) é o berçário dos peixes e onde a pesca não é rentável. A efetividade da proteção ambiental é indagada pelos morado- res, que defendem uma pesca regulamentada com cadastros de pescadores, garantindo a con- tinuidade cultural e o modo de viver daquela população.

As diversas transformações socioeconô- micas pelas quais Florianópolis passou, a par- tir da década de 1970, provocaram alterações expressivas no modo de vida da população. O

estímulo ao turismo e o avanço da especulação imobiliária transformou pequenas comunida- des agrícolas e pesqueiras em balneários tu- rísticos. A implantação de rodovias e as novas oportunidades de estudo e trabalho no centro da cidade alteraram as redes locais de solidarie- dade. Muitas localidades sofreram com a des- caracterização da paisagem, expulsão da popu- lação local e desarticulação das comunidades tradicionais (MALUF, 1993; NÓR, 2010).

A ocupação do solo na Costa da Lagoa é conformada por pequenos núcleos dispersos em caminhos sinuosos ao longo da lagoa e sopés dos morros, com terrenos compridos, perpendiculares ao caminho. O atual caminho principal, trilha que inicia no Canto dos Araçás, datado do século XVIII, acompanha as curvas de nível do terreno, o limite da borda d'água e a alta declividade dos morros, sendo esta última uma barreira contra a expansão da ocupação em sentido aos morros, impulsionando a linearidade nas margens da lagoa. Sua ocupação linear ao longo da borda d'água proporcionou uma relação íntima da comunidade com a lagoa.

Na Costa da Lagoa os habitantes anuais são constituídos em sua grande maioria por moradores tradicionais, principalmente na Praia Seca, Vila e Praia do Sul, em contrapartida dos migrantes com casas de veraneio ou novos moradores situados sobretudo na Vila Verde. Observa-se também que a grande maioria dos moradores nativos residem em casa própria, característica do desmembramento de lotes pelos herdeiros. Essa situação é comentada por Manoel, entrevistado por Pereira (2012, p. 56):

Ainda ontem eu tava falando, do Rio até o Rio Grande do Sul, que eu trabalhei muito tempo embarcado; a Costa é o único lugar que eu conheço que não tem ninguém nativo que mora de casa alugada! Todo mundo tem seu pedacinho pra morar, né? Você pode ver que é isso: Não tem ninguém da Costa aqui, nativo, que more de casa alugada! Você vai na Lagoa, tem nativo que mora de casa alugada, vai no Rio Vermelho... Vai na Barra.... Em qualquer lugar.

A ligação entre a Praia do Sul e a porção Norte da Costa da Lagoa pouco se desenvolveu, principalmente nas localidades da Prainha até o Saquinho. Em 1981, Simões Júnior (1981) relata uma interdição nos caminhos feita por parte de

grandes proprietários de terra daquela porção. Nessa imediações, são comuns edificações de luxo de políticos e empresários. Recentemente, o zoneamento do Plano Diretor Municipal alterou essa área antes zoneada como Área de Preservação Permanente para Área de Preservação de Uso Limitado, demonstrando uma área em disputa de interesses.

Em relação a sua infraestrutura, a Costa da Lagoa possui energia elétrica desde 1982, após consultas à comunidade. Concomitantemente, foi discutida a implantação de uma estrada, negada pela população.

Até 1986, quando foi instaurado o sistema de barcas pelo poder público, a locomoção feita pela comunidade era através das trilhas e barcos particulares. Com a linha municipal lacustre, a Costa da Lagoa foi colocada “cotidianamente em contato com os desejos urbanos da cidade” (GIMENO, 1992, p. 3).

O caminho da Costa da Lagoa via Lagoa da Conceição, sua natureza e algumas edificações de valor histórico foram tombadas pelo Decreto Municipal nº 247 de 06/11/1986, como Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município de Florianópolis/SC. O tombamento abrange o início da trilha, no Canto dos Araçás, até o Saquinho, com uma área aproximada de 976, 8 hectares (FREITAS, 2019).

Devido ao acesso dificultado, a localidade torna-se peculiar em relação às outras freguesias da Ilha, além de ter contido relativamente o impacto da expansão urbana. Essa diferenciação é sentida pelos próprios nativos que indagam os novos moradores com perguntas como “veio dar um tempo da cidade?”.

A impressão de isolamento [...] pode ser recente, uma vez que a Lagoa sempre foi tida como um todo único para seus moradores mais antigos (RIAL, 1988 apud PEREIRA, 2012). E pode-se pensar que esta impressão de isolamento historicamente coincide com

a transformação do meio de transporte oficial na Ilha, de barcos para automóveis, na década de 1970 (RIAL, 1988:72 apud PEREIRA, 2012). Assim os recursos que simbolizam a “cidade” e que chegam à Lagoa naturalmente, segundo a logística das estradas, fazem com que a comunidade da Costa fique como um lugar de outro tempo: um lugar aonde (ainda) se chega apenas por barco, ou a pé; um dos últimos lugares a chegar energia elétrica na Ilha (PEREIRA, 2012, p. 14-15)

A Costa da Lagoa, em termos de equipamentos públicos, é dotada de uma escola pública, localizada no ponto 16 (Vila), que atende aproximadamente 60 alunos do 1º ao 4º ano e a Educação Infantil (RAMOS, 2015), energia elétrica, telefonia (apenas na Vila), posto de saúde (com assistência médica e odontológica e uma farmácia básica) e saneamento básico (apenas na Vila). O abastecimento de água é feito por sistemas caseiros pelos próprios moradores, em que, geralmente, há uma associação ou responsável pela água. Na comunidade ainda há a Associação de Moradores da Costa da Lagoa (AMOCOSTA) e duas cooperativas de barqueiros (Cooperbarco e Coopercosta).

Em Ratonos, a área mais antiga é a Vila de Ratonos, onde encontram-se construções típicas açorianas, a escola, a igreja, o cemitério, a praça e os comércios. A Vila Canto do Moreira é, desde a colonização, caracterizada pela atividade da agricultura. Atualmente existem grandes sítios e chácaras de uso sazonal, além de propriedades agrícolas alternativas e algumas tradicionais. Na Vila Canto da Cachoeira, onde também se praticavam atividades agrícolas, é onde inicia o rio Ratonos e atualmente possui muitos pescadores e agricultores aposentados (CARDOSO, 2001).

Ratonos vem passando por diversos processos de urbanização desde os anos 1950, como as obras de drenagem da bacia hidrográ-

fica do rio Ratonos, a retificação do rio e a introdução de comportas, com o objetivo de deixar a planície própria para cultivo e diminuir a ocorrência da maré cheia, e a construção da rodovia estadual SC-401, em 1972. Em 1987, foi criada a Reserva Ecológica de Carijós, como uma Unidade de Conservação federal, abrangendo todo o manguezal do rio Ratonos. Na mesma época, surgem os primeiros sítios e chácaras do bairro, a partir de terrenos vendidos por pequenos agricultores, muitos pertencentes aos novos funcionários públicos da cidade em busca de uma “casa de campo” (CARDOSO, 2001).

Nos últimos anos, observa-se uma pressão muito forte por parte do mercado imobiliário na criação de condomínios e loteamentos residenciais, principalmente pela disponibilidade gerada por sua antiga estrutura rural, colocando em risco áreas como o manguezal, rios e cachoeiras, além da falta de infraestrutura urbana. Muitos dos terrenos herdados, que ainda não entraram na lógica imobiliária, tem espaços no terreno para pequenas roças e, em meio a casas e condomínios de luxo, a agricultura familiar resiste. Odilon Francisco Alves (ROSA, 2014) comenta: “ainda tem espaço para produzir, mas Trindade, Córrego e Saco Grande já foram iguais. Em duas décadas, a cidade chegará a aqui”.

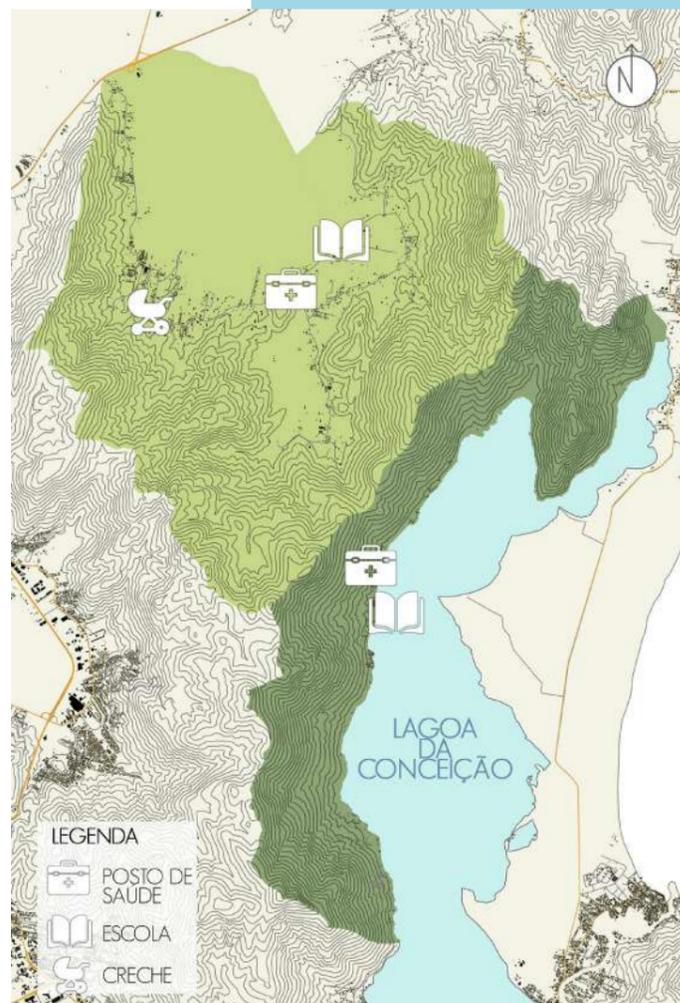
Em formulário de apreciação pública da minuta do plano diretor de 2014, protocolado no IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis), apresentado pelos representantes do Distrito de Ratonos, os moradores posicionam-se a favor da manutenção da característica rural:

Com relação ao zoneamento ARR – Área Residencial Rural. Apesar de posições contrárias do IPUF à época, a comunidade decidiu por unanimidade na audiência pública de 2008, em manter a característica rural do distrito com a aprovação da diretriz. “Man-

ter a característica rural do Distrito de Ratoles, priorizando áreas de exploração rural.” [...] Entendemos que a manutenção da característica rural, faculta e permite o uso do espaço para exploração rural, tanto agrícola como pecuária e limita o adensamento de áreas construídas. Mantendo assim a possibilidade de se trabalhar com agricultura, pecuária, pesca e por outro lado, garante uma paisagem rural (FERREIRA, 2018, p. 258-259).

Essa vontade também é expressada em entrevistas realizadas por Saldanha (2013), na qual 90% dos entrevistados desejam que as características rurais do bairro sejam mantidas, e por Coelho, Dellagnelo e Kanitz (2013, p. 10) que afirmam que “grande parte dos interesses converge para a manutenção das características rurais do distrito”.

Em relação à infraestrutura, o abastecimento de água em Ratoles, segundo entrevistas realizadas por Custódio & Leite (2017), geralmente é realizado a partir de nascentes, rios, córregos e/ou poços, por sistemas de canalização feitos pelos próprios moradores. Ratoles também possui uma creche pública e uma escola pública de ensino fundamental, energia elétrica, telefonia, posto de saúde (com assistência médica e odontológica e farmácia básica) e saneamento básico. Na comunidade ainda há a Associação de Moradores de Ratoles (AMORA) e a Associação dos Pescadores do Rio Ratoles (APRR).



[08] Equipamentos públicos em Ratoles (verde claro) e Costa da Lagoa (verde escuro). Imagem: A autora.

A má condição das estradas, até meados do século XX, foi um dos fatores mais importantes para o isolamento das comunidades agrícolas florianopolitanas em relação à população da área central. A Costa da Lagoa não possui ligação rodoviária até hoje e o Ratoles não é via importante de passagem para nenhum outro bairro, influenciando na expansão da ocupação urbana, na preservação do meio natural e dos modos de vida e no relativo isolamento das comunidades. Se imaginar que, até quarenta anos atrás, só existiam canoas na Costa da Lagoa e que, hoje, a localidade conta com um patrimônio naval diversificado e um tipo de embarcação a cada morador nativo, aproximadamente, pode-se sugerir que a região foi contra a corrente de desaparecimento contínuo da cultura náutica que aconteceu no Brasil durante o século XX.

Em relação aos seus acessos, a Costa da Lagoa é acessada somente por barcos, nos trajetos a partir da Lagoa da Conceição ou a partir do Rio Vermelho, além de duas trilhas, uma com saída no Canto dos Araçás e outra em Ratoles.

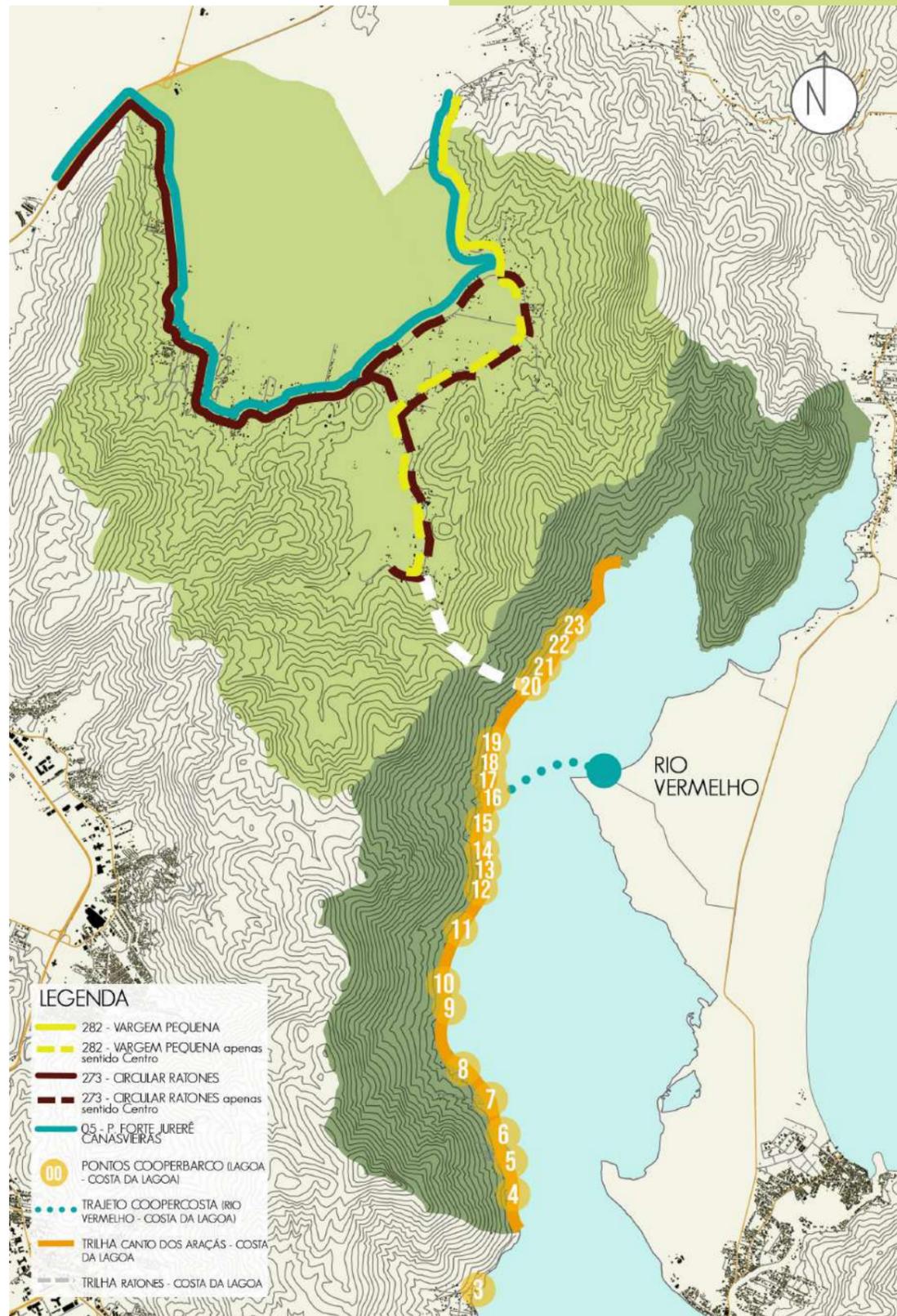
O caminho principal usado atualmente é a trilha via Lagoa da Conceição, com início no Canto dos Araçás, hoje tombado (decreto municipal nº 274 de 1986), conjuntamente com sua cobertura vegetal e construções históricas. Margados pela lagoa e por morros que chegam aos 400 metros, o caminho passa por ocupações feitas de formas esparsas e alguns pontos de maior adensamento. Seu acesso se dá de forma similar há séculos: à pé, aproximando a vida atual com a dos ilhéus nos seus primórdios.

Em relação ao transporte de Ratoles, o bairro é servido por três linhas do transporte coletivo municipal, sendo elas: 282 - Vargem Pequena; 273 - Circular Ratoles; e 05 - P. Forte Jurerê Canasvieiras. A linha 282 - Vargem Pe-

quena faz a ligação do bairro com o Terminal Integrado de Canasvieiras (TICAN), com aproximadamente 10 horários diários. Porém, no seu sentido bairro (TICAN - Bairro), seu ponto final é no início da localidade Canto da Cachoeira, praticamente não atendendo Ratoles. A linha 273 - Circular Ratoles faz ligação do bairro com o Terminal Integrado de Santo Antônio (TISAN), com aproximadamente 14 horários diários. Porém, no seu sentido bairro (TISAN - Bairro), não abrange as localidades Canto da Cachoeira e Canto do Moreira. A linha 05 - P. Forte Jurerê Canasvieiras faz parte do transporte executivo municipal e liga o bairro com o centro da cidade, mas funciona de forma limitada, apenas aos finais de semana e feriados e com somente dois horários.

A escassez de horários e a ineficiência do atendimento nas localidades Canto do Moreira e Canto da Cachoeira fazem com que o bairro seja atendido de forma precária pelo serviço de transporte coletivo municipal.

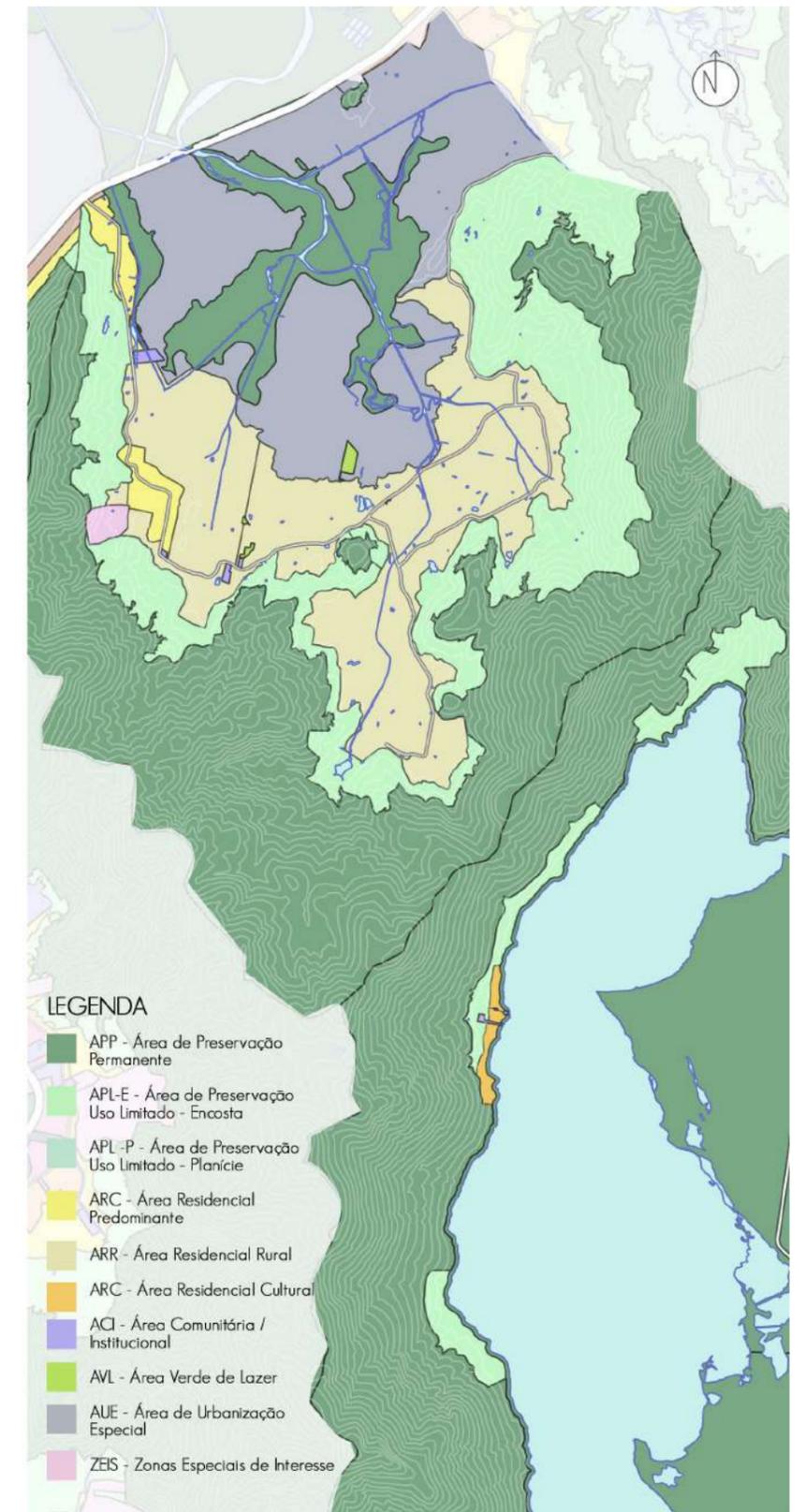
ZONEAMENTO MUNICIPAL



[09] Acessos e transportes aos bairros da Costa da Lagoa e Rationes. Imagem: A autora.

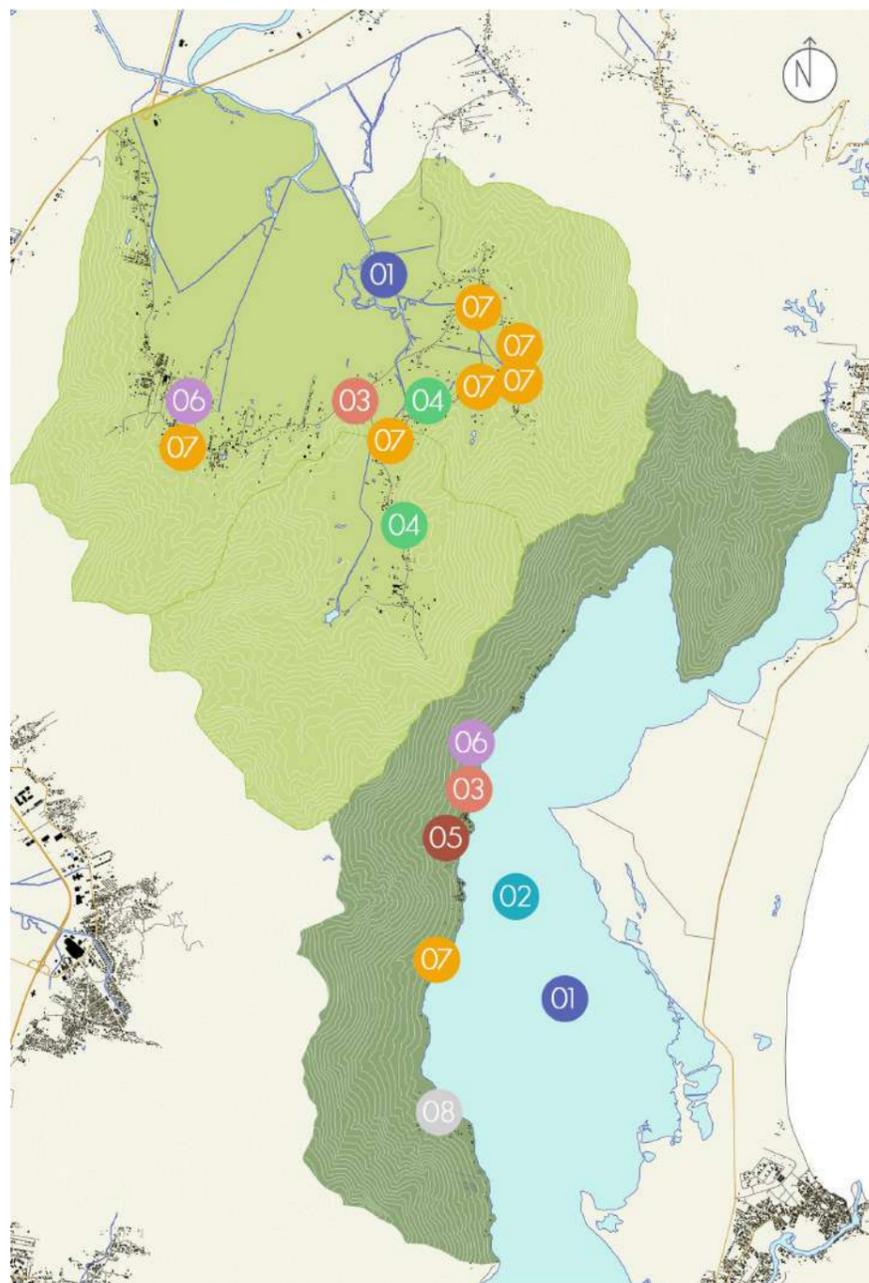
Conforme o Plano Diretor de Florianópolis/SC do ano de 2014, a comunidade da Costa da Lagoa é, do início do Canto dos Araçás até a praia do Saquinho, zoneado como Área de Preservação Cultural (APC) e como Área de Limitação Ambiental - Tombadas (ALA-3). Boa parte do seu território é Área de Preservação Permanente (APP), limitando o crescimento espacial da comunidade.

Rationes é zoneada majoritariamente como Área Residencial Rural (ARR), a maior ARR da cidade. Possui uma grande mancha zoneada como Área de Limitação Ambiental - Banhado (ALA-2).



[10] Plano Diretor Municipal de Florianópolis (2014). Imagem: A autora.

MODOS DE VIDA E PRÁTICAS CULTURAIS DO PASSADO E DO PRESENTE



[11] Espacialização das práticas culturais. Fonte: A autora.

LEGENDA

- 01 Pesca artesanal
- 02 Festa N. Sra. Navegantes
- 03 Festa do Divino
- 04 Agricultura
- 05 Farra do boi
- 06 Boi de mamão
- 07 Casas coloniais
- 08 Engenho de farinha
- Carpintaria náutica
- Rendas de bilro
- Culinária

Patrimônio Natural

CACHOEIRA DA COSTA DA LAGOA

Ponto turístico importante da comunidade, a cachoeira da Costa da Lagoa é uma das poucas cachoeiras da cidade.



[12] Cachoeira da Costa da Lagoa. Foto: Gilberto Pereira. Edição: A autora.

MATA ATLÂNTICA E A LAGOA DA CONCEIÇÃO

A natureza exuberante da Mata Atlântica de Florianópolis pode ser vista nos morros que dividem as comunidades da Costa da Lagoa e Rationes.



[13] Lagoa da Conceição e seus morros. Foto: Mauro Goulart. Edição: A autora.

MANGUEZAL DO RIO RATONES

O manguezal do rio Rationes é um berçário da vida animal em Florianópolis. Ele ocupa a maior parte do bairro de mesmo nome, sendo um importante marco na paisagem natural da comunidade e da Ilha.

Em entrevistas realizadas por Saldanha



[14] Manguezal do rio Rationes. Foto: Rico Bach. Edição: A autora.

(2013), 39% dos entrevistados, moradores de Rationes, são a favor do uso do mangue para fins educativos, para passeios turísticos, para a pesca artesanal executada pelas pessoas nativas do bairro, para coletar marisco, berbigão e para pesquisa científica. Para 29% o manguezal não deveria ser usado e 32% não souberam ou não quiseram responder.

PAISAGEM RURAL

Em Rationes, há disponibilidade de terras, utilizadas pela agropecuária, além da existência de sítios de produção agrícola. A herança da estrutura agrária, a baixa densidade e os estilos de vida atuais da comunidade são vistos na paisagem da região.



[15] Paisagem rural em Rationes. Foto: Street View. Edição: A autora.

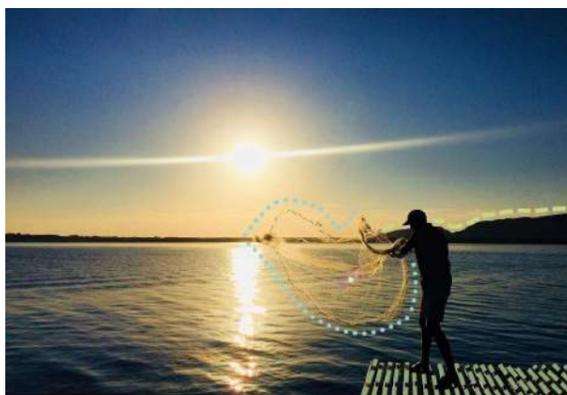
PESCA ARTESANAL

A técnica da pesca artesanal está apoiada, sobretudo, no uso do corpo e no saber sensível, que, ao longo dos anos, passa por modificações e refinamentos. O saber-fazer pesqueiro tem como base o sentir dos sentidos: o equilíbrio, a atenção, a mudança no som, a vibração, as cores, etc.

A pesca em embarcações é uma prática antiga entre os moradores nativos da Costa da Lagoa e de Ratonos. Segundo Gimeno (1992), a tarrafa era comum em todas as famílias na Costa da Lagoa, sendo comum a pesca individual de peixes e camarões.

A transição do trabalho coletivo para o individual também esteve ligada à transição da atividade agrária para a pesqueira

Com o tempo, a venda do pescado, local ou do mar, realizado pelos pescadores da Costa da Lagoa, passou a ter maior valorização na comunidade e, o que antes era vendido para comércios na Lagoa da Conceição passa a ser vendido localmente, principalmente a partir do surgimento dos primeiros restaurantes na comunidade. Atualmente, a atividade da pesca é exercida por quase todos os homens nativos da



[16] Pescador na Costa da Lagoa, jogando tarrafa. Foto: Natelie. Edição: A autora.

Costa da Lagoa. Além da pesca para subsistência da família, na própria lagoa, muitos homens nativos da Costa estão envolvidos com a pesca da tainha, nos meses de maio a julho.

Em Ratonos, a tradição da pesca foi extremamente prejudicada, principalmente com a realização de algumas obras públicas. A Associação dos Pescadores do Rio Ratonos (APRR), fundada em 1991, é um espaço de discussão e formação de grupo a fim de reivindicar pelos direitos dos pescadores artesanais na região. Em 2016 a APRR contava com 33 associados dos quais nenhum conseguia se sustentar financeiramente somente com a pesca artesanal (SERAFIM, FALCIANO, 2016). A APRR disponibiliza seu espaço, no antigo porto do rio Ratonos, para abrigar as canoas e para concentrar a luta pela retomada da pesca artesanal no rio Ratonos



[17] Pescador em seu barco no Rio Ratonos. Foto: Flávio Tin. Edição: A autora.



[18] Comportas do rio Ratonos. Fonte: SERAFIM, FALCIANO (2016).

como atividade profissional.

A APRR possui três principais reivindicações: i) melhorias no saneamento básico do e bloqueio do avanço da urbanização desorganizada (interesses latifundiários e especulações imobiliárias); ii) estabelecimento de acordos entre os pescadores e a Estação Ecológica de Carijós; e iii) a retirada das comportas construídas no rio Ratonos (SERAFIM, FALCIANO, 2016).

FESTA N. SRA. DOS NAVEGANTES

A festa da N. Sra. dos Navegantes começa a ser decidida no ano anterior, quando se escolhem os “festeiros” que, junto com a sua família, estarão comprometidos com a arrecadação de dinheiro e organização da festa.

Na Costa da Lagoa, no primeiro ou segundo sábado de fevereiro acontece o famoso baile de vanerão, no salão paroquial. A procissão dos barcos é realizada normalmente no domingo, com início e saída na Igreja da comunidade. A procissão lacustre é acompanhada pela maioria das embarcações do bairro, na qual uma carrega a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira dos pescadores. Os barcos se enchem com os membros familiares e vizinhos, decorados e enfeitados com fitas, balões e fo-



[19] Barco carregando o símbolo da N. Sra dos Navegantes na Costa da Lagoa. Foto: Mariza Ortiz Carvalho. Edição: A autora.

guetes, acompanhando a banda musical. Após o anúncio do foguetório, o barco principal sai em direção aos pontos das vilas, indo normalmente até o ponto 7 (final da Vila Verde).

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

O ciclo do Divino Espírito Santo começa na Quaresma, quando as bandeiras peditórias percorrem as casas, anunciando a festa e coletando doações. Durante a festividade, a bandeira, a coroa e salva, as tochas e o tambor percorrem as casas, majoritariamente de moradores nativos, arrecadando doações para a festa e para a Igreja. Na bandeira, uma pomba branca com fitas penduradas simbolizando promessas, na qual cada família escolhe algumas fitas após sua doação.

É uma das práticas que melhor conserva a influência açoriana no sul do Brasil. A celebração é organizada por um grupo de festeiros, nomeados no ano anterior, fortalecendo até hoje os laços comunitários.

A AGRICULTURA

A agricultura ainda é uma atividade bastante comum na comunidade de Ratonos, maior porção da cidade zoneada como rural pelo Plano Diretor Municipal. Pela chegada tardia do mercado imobiliário e pela inexistência de praias, conseqüentemente não sendo explorado massivamente pelo mercado turístico, Ratonos foi um bairro que teve seu desenvolvimento urbano ocorrido de maneira lenta. A disponibilidade de grandes porções de terras, herança de sua estrutura agrária, possibilitou a existência de alguns sítios de produção de hortas.

Hoje, a agricultura em Ratonos beneficia-se, de certa forma, da valorização da produção orgânica, permitindo o vínculos de práticas rurais de grupos com um passado ligado a um mundo agrícola, além de beneficiar-se econo-

micamente “de uma atividade tida como fadada a desaparecer, nesta Ilha cada vez mais urbana” (FERREIRA, 2018, p. 130).

D. Genair, moradora de Ratonos relata, em entrevistas realizadas por Ferreira (2018, p. 108):

[...] cenoura, abóbora, tem tudo quanto é coisa aí, salsinha, cebolinha verde, aí a gente consome e o que sobra dá pra família e pros amigos, dá tudo, ele não vende, negócio assim de vender, assim só que ele vende quando sobra o alho, cebola e feijão, é onde ele vende, porque as outras coisas ele dá tudo pra família e pros amigos dele ao redor da porta.



[20] Agricultor em Ratonos. Foto: Marco Santiago. Edição: A autora.

Em entrevistas realizadas em Ratonos por Saldanha (2013), 56% dos entrevistados disseram que poderia ou deveria ser feito algum uso na floresta/mata, 33% acham que não poderia ser usada e 12% não souberam responder. Sobre essa utilização são citados o uso dos morros para as roças e plantações (43%), o manejo sustentável de cipós e bambus e sementes para produção de mudas de espécies (25%), coleta de plantas medicinais (11%), turismo ecológico e educação ambiental (7%), coleta de pinus pra construção (7%) e o uso sem devastar (7%), o que demonstra uma maior abertura da comunidade para estímulos à agricultura, principalmente sistemas sustentáveis como as agroflorestas.

A FARINHADA

A técnica de obtenção da farinha é atribuída aos guaranis, com a sabedoria do método da coivara, da forma de extração do ácido cianídrico e na utilização culinária, enquanto o desenvolvimento de engrenagens mais sofisticadas para o processo, resultando numa farinha mais fina, é uma herança atribuída à cultura açoriana (BRAGANHOLO, 2017).

A plantação de mandioca e a produção de farinha pelos engenhos catarinenses não tem relação com o complexo dos engenhos do ciclo do açúcar no sudeste e no nordeste do Brasil, que envolvia uma grande propriedade baseada na monocultura, uso prioritário de trabalho escravo e exportação para o mercado externo (BRAGANHOLO, 2017).

Embora a mão de obra escrava na Ilha seja constantemente desconsiderada, a renda dos excedentes da farinha de mandioca possibilitou a compra de escravos por parte de algumas famílias. Bastos (2013) comenta sobre a pesquisa da historiadora Joice Farias acerca de inventários *post-mortem* da década de 1870 de moradores da Lagoa da Conceição. Nela, estima-se que 60% possuíam de 1 a 8 escravos, revelando uma faceta de senhores de pequenos grupos de escravos na localidade. A existência de mão de obra escrava, porém, não permitia o ócio dos senhores de escravos e sua família, podendo apenas produzir um excedente a mais e reduzir em parte o tempo do trabalho.

Enquanto o trabalho agrícola catarinense envolvia a família de forma mais solitária, a feitura da farinha se constituía num encontro social da comunidade, como conta Virgílio Várzea em 1900. Ele descreve o encontro da comunidade no engenho, a divisão de trabalho, as brincadeiras, cantos e danças ao redor da produção.

Simões Júnior (1981) relata que por volta de 1945 na Costa da Lagoa, apenas entre o Canto dos Araçás e o Casarão da D. Loquinha (entre o ponto 10 e 11) existiam 16 engenhos de farinha e de cana-de-açúcar. Já em 1960, restavam seis engenhos de farinha e um de cana-de-açúcar em toda a Costa da Lagoa. Em Ratonos, em entrevistas realizadas por Cardoso (2001, p. 49), Valter Caetano, morador da Vila Canto do Moreira, relata: “Tinha engenhos de farinha e hoje não tem nada... fui criado assim... na inverno fazia farinha, era uma festa... 32 engenhos, e hoje não se encontra mais... a gente colocava o boi e em duas horas trocava eles, no final tinha farinha, biju à vontade”. Roque Damasco, morador da Vila de Ratonos: “aqui mudou muito... tinha engenho de farinha, lavoura... há 25 anos atrás, saía 30 carroças por dia, com frutas, verduras para o Centro”.

O processo de produção da farinha de mandioca se dá por seis etapas: raspar a casca (tarefa tradicionalmente feita por mulheres, numa roda de raspadeiras), lavar a mandioca sem casca, sevar (ralar), prensar a massa ralada, peneirar o bloco resultante da prensa e fornear. Para essas tarefas, foram desenvolvidos a roda para ralar, a prensa, o forno, além de instrumentos como peneiras, cochos, tipitis, etc.

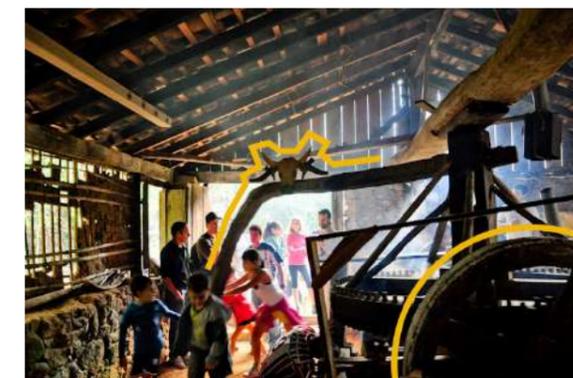
Com cuidado às vezes pictórico, as pessoas descrevem com detalhes sua vida e seu trabalho, reproduzindo, algumas vezes, até mesmo o ranger das engrenagens. Como bem destaca Flores (1991, op. cit.) “A memória do trabalho é tão viva e tão presente que se transforma no desejo de repetir o gesto com as mãos e ensinar o ofício a quem escuta” (ANDERMANN, 1996, p. 90).

Observa-se uma diferença entre a relação atual dos moradores de Florianópolis e dos moradores do interior do estado com a produ-

ção de farinha. Enquanto para os primeiros, a produção atual está vinculada a um momento festivo, para os outros percebe-se a necessidade de consumo e venda desses produtos ainda atualmente.



[21] Peneirando o bloco de farinha compactada, antes de ir ao forno. Foto: Cepagro. Edição: A autora.



[22] Crianças rodando a cangalha no engenho da Costa da Lagoa. Foto: Fernando Angeoletto e Mariana Rotili. Edição: A autora.

FARRA DO BOI

A Farra do Boi é uma prática tradicional, realizada perto da Páscoa, em que há a soltura do boi em um terreno baldio, provocando-o e fazendo-o correr atrás das pessoas. Os farristas compram o boi em forma de sociedade e, após a farra, cada sócio fica com uma porcentagem da carne, após seu sacrifício, realizado popularmente no sábado de Aleluia. A sociedade formada para adquirir o boi é uma outra faceta das relações sociais do meio nativo (LACERDA,

2003).

Essa prática, como manifestação das interações sociais nativas, também reflete os modos de sociabilidade comuns às comunidades: o mesmo linguajar, as brincadeiras de insultos verbais e a provocação realizadas nas ruas, botecos e conversas de pescadores.

Em entrevista realizada por Lacerda (2003, p. 176), Jair diz que

o que incomoda mais esse pessoal e as autoridades é a forma anárquica que é a farra do boi. No sentido de que ninguém leva lucro com isso. Aliás, as pessoas só têm prejuízos: tem que pagar o boi, não tem entrada, cada um pode entrar, ninguém tá levando lucro, o Estado não tá levando lucro, não é um evento que traz grande dinheiro para o município, enfim, pra alguém, pra dois ou três. Parece que é isso. Ela [a farra] requer muito espaço, muita correria, muita gritaria. Ela revoluciona por alguns dias o status quo que é uma coisa de silêncio, tranquilidade, não sei o quê. A farra do boi é uma coisa de barulho, um carnaval, é uma coisa de tirar o sono, porque é de noite, de dia, não tem hora; ela incomoda essas pessoas. O que incomoda é isso.

Em entrevistas realizadas por Basso (2016, p. 116-117), Seo Nezinho conta sobre a farra do boi na Costa da Lagoa:

Brincava muito com farra de boi... mas minha nossa, eu brincava muito... naquele tempo a farra de boi era muito bom, sabe? Porque era tudo aberto, os terrenos não tinha nada de divisórias, não tinha cerca de arame, não tinha muro não tinha nada. Era assim ó: quando era para vir o boi, tal dia, todo mundo tava sabendo que tava vindo a farra do boi [...] mas era uma tradição a gente sabia como brincar com o boi e, além disso, o boi sempre foi uma comida pro homem, né? Quando nós ia buscar o boi, o boi estava rolando já a carne... já tinham feito a relação da carne quem é que ia ficar com tantos quilos... [...] não ia nada fora do boi, nada! O fato do boi, a rabada do boi, a cabeça do boi... tava tudo marcadinho... já tinha um destino...

BOI-DE-MAMÃO

O boi foi um animal de grande valor regional, pela ajuda histórica na roça, no transporte e nos engenhos. O boi-de-mamão, que tem como figura central o boi, é uma brincadeira cantada e encenada que envolve a morte do boi, o ritual de cura e sua ressurreição, envolvendo outros personagens como o vaqueiro, o cavalinho, a cabra, a dona Maricota, a bernunça, as bruxas, etc.

Essa apresentação cultural ainda é realizada, principalmente por iniciativas das professoras nas escolas do município. Na Costa da Lagoa, durante anos houve excursões escolares pela Grande Florianópolis para apresentar o boi-de-mamão em encontros culturais açorianos. Em entrevistas realizadas por Basso (2016, p. 117), Seo Nezinho conta sobre o boi-de-mamão na Costa da Lagoa:

Eu ainda ontem tive numa festa junina, é a parte que eu mais gosto... é a hora do boi de mamão... É coisa bonita, né? É baseada no boi... a gente brincava de boi quando era pequenininho... pegava um pedacinho de pau, fazia assim como um gaio... Hoje depois as professora inventaram o próprio boi de mamão, o próprio boi de pano né?



[23] Apresentação de boi de mamão da Escola Desdobrada da Costa da Lagoa, no engenho da Vila Verde. Foto: Fernando Angeoletto e Mariana Rotili. Edição: A autora.

A FALA E A ZOMBARIA

As características linguísticas do modo de falar marcam a identidade de um grupo. Surge, então, uma “comunidade de fala”, termo proposto por Guy (2003), capaz de identificar quem é igual e separar quem é diferente. Dentro da lógica linguística, um indivíduo pode identificar-se com diversas localidades, sentindo-se incluído na medida em que participam da mesma comunidade de fala.

Uma das características dos modos de sociabilidade dos nativos ilhéus é a intensa ironia e graça, encenada de forma muitas vezes agressiva, principalmente em conversas em grupo. Outro fenômeno que acontece entre os moradores é a existência de apelidos desde a infância, muitas geradas a partir de adaptações do nome (Barriga, Peru, Zico, Fadinha, Bilé, etc) o que sugere afetividade e intimidade, mesmo quando o apelido evoca características ou momentos vergonhosos.

RELAÇÕES DE VIZINHANÇA

Pelo relativo isolamento das freguesias da Ilha de Florianópolis, havia um forte sistema de escambo de suprimentos, proporcionados pela alternância entre a pesca e a roça, formando redes de solidariedade que perpetuavam a reprodução social da comunidade, contribuindo para o sentimento de enraizamento da comunidade entre si. Essas relações de vizinhança, enquanto atitude social, possuem uma ambiguidade, pois permeiam entre a ajuda mútua e o olhar vigilante sobre o que o outro faz.

Até alguns anos atrás, o trabalho realizado era retribuído, e não pago, constituindo redes importantes de trocas e mutirões, para tarefas que só podiam ser realizadas coletivamente.

Na Costa da Lagoa é comum as casas não terem muros e estarem de portas e janelas

abertas, características de uma consciência de segurança e do olhar vigilante, que acompanha o movimento na rua e também se faz acompanhar por quem passa na trilha. As trocas, principalmente de alimentos e comidas, são hábitos comuns até hoje na comunidade, como relata Pereira (2012, p. 28), em sua vivência na Costa da Lagoa:

Fui imersa numa troca de alimentos e palavras, quase opressivos [...]. Uma vizinha batia na minha janela com um prato de comida; outra, na minha porta, para me contar uma fofoca quente. Chegou um ponto em que eu recebia comida quase diariamente.

Em entrevista realizada por Basso (2016, p. 110), também encontramos relatos sobre a ajuda mútua entre a comunidade:

Naquele tempo era bom... a gente trabalhava muito, mas também não faltava nada para ninguém, era fartura, nada muito chique, tinha tudo para todo mundo. Mãe fazia muita rosca, esticava um cabo de vassoura na porta de casa e pendurava as roscas... quem passava pegava, era tudo de todo mundo. Se eu tinha um cacho de banana dividia com o vizinho... todo mundo se ajudava. (Dona Eli, nativa da Costa da Lagoa).

A partir da década de 80, com o parcelamento da terra, o contato cotidiano com a cidade e outros bairros, a influência do setor turístico, os deslocamentos de famílias, etc, são sentidos nas redes locais de solidariedade. Um entrevistado lamenta que a ajuda entre vizinhos está diminuindo com o tempo: “Os moradores estão se ajudando menos na Costa da Lagoa, porque a Costa da Lagoa cresceu muito rápido, as pessoas começaram a construir os seus restaurantes, as pessoas começaram a trabalhar mais pro interesse próprio” (SERAFIM et al., 2012, p. 11).

Observa-se que ainda há uma rede de relações de ajuda mútua, remetendo às antigas práticas coletivas no uso das terras comunais e

de sentimentos como o enraizamento e identidade de lugar, mantendo a troca de experiências e facilitando a disseminação de saberes. A dinâmica das relações sociais tradicionais revelam também um outro sentido de propriedade e espaço. Essas formas de interação disseminam saberes e a vitalidade de sentimentos de pertencimento ao lugar para os mais novos, em contraposto às novas formas de produção da vida capitalista, cada vez menos coletivas. Esta situação pode ser vista em uma entrevista realizada por Araujo (2017, p. 109):

[Hoje] é diferente, muito diferente, muito diferente. Porque antes a gente [...] criava a galinha solta, porque o terreno aqui era grande, o do vizinho era grande, as galinhas dele vinham pra cá as minhas iam pra lá, dava tudo certo, sabe? A mesma coisa uma fruta, né? Hoje os terrenos estão tudo cercado, não se pode pegar uma fruta no terreno dos outros, porque é ladrão, né? (Tomás, nativo de Rationes, 54 anos, em 23/05/2016).

Atualmente, a relação de vizinhança é muito forte na Costa da Lagoa, parte pelo isolamento que faz com que as pessoas ainda se ajudem em diversas ocasiões, parte pela comunidade se conhecer e ser considerada uma grande família:

A gente vive em comunidade, quando tu sai daqui tu não tem isso. A Costa é muito familiar e tem essa coisa familiar, por mais que tu seja vizinha de alguém que não é nativo, essa pessoa acaba virando um amigo quase da família, pela convivência em si que se tem aqui. (D.C., 27 anos, F).¹

CULINÁRIA

Hoje, a principal fonte de renda da comunidade da Costa da Lagoa está na gastronomia típica, oferecida pelos restaurantes locais.

¹ Depoimento coletado, idade e sexo do entrevistado.

Utilizando o saber da culinária açoriana e ilhoa, principalmente pescadas por moradores locais, reúne-se também em volta do núcleo familiar ou grupo de vizinhança. Os restaurantes são de famílias locais e geram emprego para muitos moradores, principalmente entre os mais jovens.

Antigamente, sem energia elétrica, a conservação dos pescados era feita com sal e sol, o famoso peixe “escalado”, como relatado por Márcia: “era ova, Tainha, fazia isso, tinha uma peneira grande, assim, que a gente colocava no sol, e daí consumia e não estragava” (ARAÚJO, 2017, pág. 72). Além dos pescados, o pirão (de água, feijão ou de caldo de peixe), é outro prato principal, feito através da mistura com a farinha tradicional de mandioca, em substituição ao arroz, que era raro e muito caro nas comunidades antigamente.



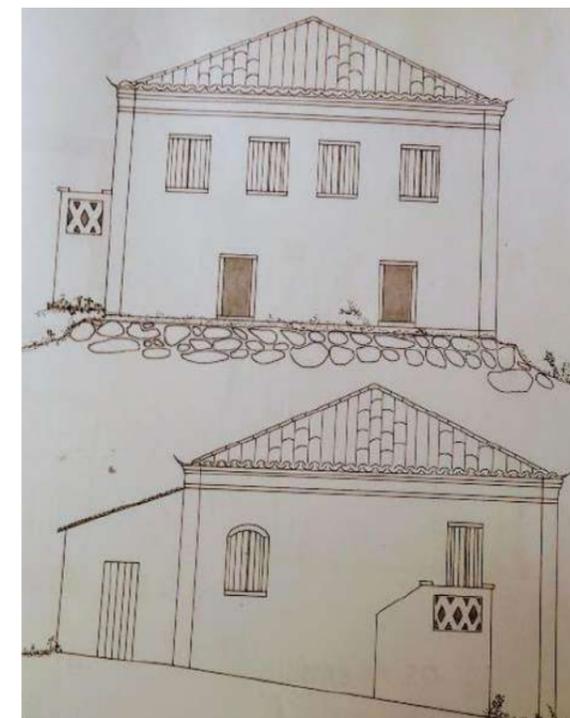
[24] Pirão de caldo de peixe com carapeva frita, peixe típico da Costa da Lagoa. Foto: Restaurante Lagoa Azul.

Artefatos e Construções

CASARÃO DA D. LOQUINHA E ENGENHO (COSTA DA LAGOA)

Dona Loquinha era a proprietária do sobrado mais imponente da Costa da Lagoa, feito com paredes de pedra, barro e óleo de baleia, referencial presente na memória coletiva dos moradores locais até hoje. As últimas três moradoras foram D. Loquinha, sua filha e Maria, ex-escrava. A construção contava com um engenho de farinha, ainda existente, localizado mais à frente da casa, próximo à beira da lagoa, e levava o nome do seu antigo proprietário: engenho de farinha do Seo Casemiro.

Erguida por mão-de-obra escrava por volta de 1780, a construção, pertencente a uma das primeiras famílias a se instalarem na Costa, remonta ao apogeu do período colonial na Ilha, quando o caminho de ligação entre o centrinho



[25] Fachadas do Casarão da D. Loquinha. Fonte: Djonathan Freitas.

da Lagoa da Conceição e Costa ainda era tomado por roças, engenhos e pequenas vilas. Hoje abandonada, a edificação de tipologia luso-brasileira é a única remanescente da comunidade com boa estrutura e com poucas modificações. Sua tipologia arquitetônica conta com um piso térreo e um porão, com telhado quatro águas e telhas estilo capa-canal. A entrada principal, para o piso térreo, encontra-se na fachada lateral voltada a sul.



[26] Casarão da D. Loquinha em frente à trilha. Fonte: Floripa Cool. Edição: A autora.

ENGENHO DA VILA VERDE (DE FARINHA DA COSTA DA LAGOA)

Um dos últimos engenhos de farinha da Ilha está localizado na Costa da Lagoa, datado de aproximadamente 1790 e considerado o único engenho em funcionamento do Leste da Ilha com características de tração animal (FREITAS, 2019). Em propriedade privada, é mantido pela Associação Engenho, que declara, em seu estatuto, o espaço para fins culturais e preservacionistas. A edificação térrea possui paredes de pedra e pau a pique, chão de terra batida e telhado com telhas estilo capa-canal.

Este engenho pertencia a uma família local, os Ramos, e foi desativado para produção comercial por volta dos anos 1970. Moradores da comunidade, em sua maioria não-nativos, se



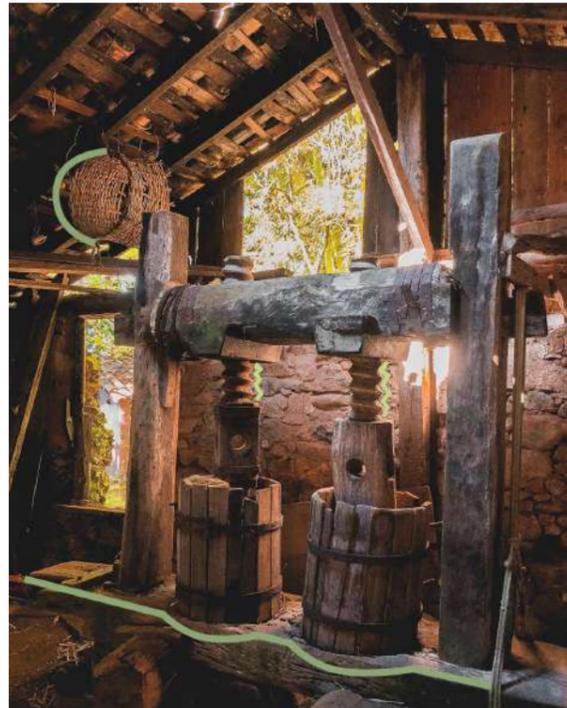
[27] Engenho de farinha na Costa da Lagoa. Foto: Luan Ramos. Edição: A autora.

reuniram no que chamaram de Associação Engenho para restaurar a construção que possuía problemas estruturais e, em 1994, fizeram sua primeira farinhada em forma de festa e memória.

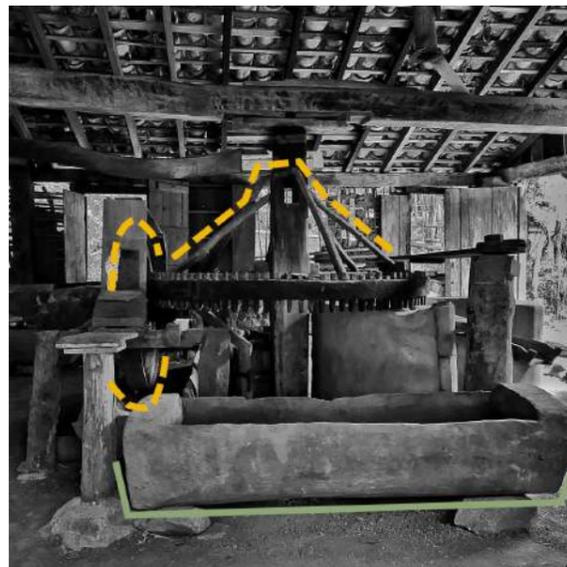
Hoje, a mandioca chega de barco, trazida de alguma localidade da Grande Florianópolis, e o giro da cangalha é feito pela tração humana, principal brincadeira da festa, realizando a produção de farinha simbolicamente pela comunidade.

O preparo da festa da farinhada começa meses antes: são semanas de manutenção do engenho e restauração das peças, além de mutirões de limpeza do espaço. A dinâmica da restauração do engenho e suas peças também passa por um processo ritualístico, sendo difícil pensá-lo sob a lógica da proteção física do bem. Para esses grupos, essa manutenção anual assegura a continuidade do saber-fazer e o envolvimento místico de domínio total da produção.

Depois da manutenção, na semana da farinhada, tem início a raspagem do capote (casca fina da mandioca), logo depois a seva



[28] Prensa com fusos de madeira e barrica do engenho da Costa da Lagoa. Foto: Lauro Laureano. Edição: A autora.



[29] Roda e forno do engenho da Costa da Lagoa. Foto: Luan Ramos. Edição: A autora.

(onde a raiz é ralada) e a prensa no tipiti (etapa de desidratação). O domingo é o dia mais movimentado, quando se peneira e fornece a farinha. Todas as etapas são feitas coletivamente pelos

moradores, coordenadas principalmente pela família Ramos.

Nos dias atuais, a festa, organizada a partir de iniciativas entre a família herdeira e a Associação Engenho, gira em torno de um objetivo cultural, mais alinhada com uma classe média intelectualizada, que complementa a festa com música, exposições de fotos e atrações culturais. Por parte dos nativos, o conhecimento de todo o processo da produção da farinha, além do tradicional pirão com farinha quente recém forneada, feito com feijoada ilhoa e apresentações do boi-de-mamão da escola municipal do bairro.

RUÍNAS

Durante todo o percurso do caminho da Costa da Lagoa, em meio à mata encontram-se diversas ruínas de sobrados e engenhos antigos. A ruína é um testemunho da história humana, mas quase ou totalmente irreconhecível em relação ao que era. É um testemunho documental, na medida em que se pode observar técnicas construtivas, materiais e partidos arquitetônicos do passado, e testemunho simbólico, associado à memória e ao abandono (RODRIGUES, 2017 apud FREITAS, 2019).

CARPINTARIA NÁUTICA

As embarcações na Costa da Lagoa, contam-se mais de 200 (ANTUNES DA LUZ; MARTINS, 2014), significam mobilidade, pesca e lazer. A comunidade depende fundamentalmente dos barcos para o transporte de pessoas e para a realização da pesca artesanal. Considerando que

até quarenta anos atrás, só existiam canoas na Costa da Lagoa e que, hoje, a localidade conta com um patrimônio naval diversificado e uma embarcação a cada três moradores, aproximadamente, podemos afirmar que a região foi contra a corrente de desaparecimento contínuo da cultura

náutica que aconteceu no Brasil durante o século XX (ANTUNES DA LUZ; MARTINS, 2014, p. 206).

Dentre o repertório da carpintaria náutica da Ilha de Santa Catarina, destaca-se a canoa de um pau, um dos legados dos índios carijós. Outra modalidade de embarcação são as baleeiras, confeccionadas com tábuas pregadas umas sobre as outras formando um casco não-liso. Atualmente não são mais fabricadas na Ilha, devido principalmente a dificuldade na manutenção e a diminuição na transmissão da técnica.



[30] Canoa de um pau só em produção na Costa da Lagoa. Foto: Lara Maciel. Edição: A autora.



[31] Baleeiras da Costa da Lagoa. Foto: Ricardo Hidalgo Silveira. Edição: A autora.

O trabalho embarcado nos portos de Rio Grande e Santos, sobretudo, e a pesca da tainha e anchova em mar aberto nos arredores da Ilha, influenciaram o conhecimento de navegação, pesca e carpintaria, e nos materiais e técnicas construtivas. Cada barco necessita de manutenção no mínimo uma vez ao ano, quando não antes por algum problema específico. As reformas

básicas são nos cascos, casarios, convés ou componentes de madeira e mecânica. Entretanto, as técnicas de construção artesanal de barcos vem diminuindo com as novas gerações. Nildo Nicodemos Frutuoso, mestre barqueiro, em entrevista para o ND Mais (2015), se preocupa com a falta de espaço na orla para o trabalho e com a falta de interesse dos mais jovens.

A diferença entre os “nativos” e os moradores novos é clara até em seu meio de locomoção: de um lado as canoas e barcos de madeira, no outro pequenos barcos infláveis, “voadeiras” de alumínio e lanchas.

RANCHOS DE PESCA

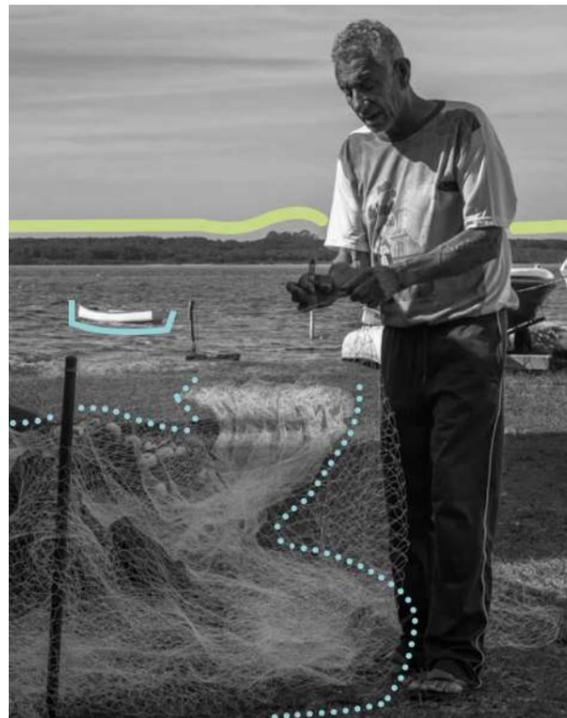
Os ranchos de pesca situam-se às margens da lagoa, na Costa da Lagoa, ou dos rios, em Rationes, vinculados às atividades pesqueiras. Eram e ainda são locais de encontro dos pescadores de suma importância para as comunidades.



[32] Rancho de pesca na Costa da Lagoa. Foto: Marcos Campos. Edição: A autora.

TARRAFAS E REDES

A confecção de redes de pesca é uma prática comum na Costa da Lagoa, devido à proximidade com a lagoa e a tradição da pesca. Por suas trilhas e pela orla, é comum encontrar redes penduradas e guardadas ou homens confeccionando-as, principalmente a tarrafa, com linhas de nylon e agulhas.



[33] Pescador fazendo tarrafa na Costa da Lagoa. Edição: A autora.

RENDA DE BILRO

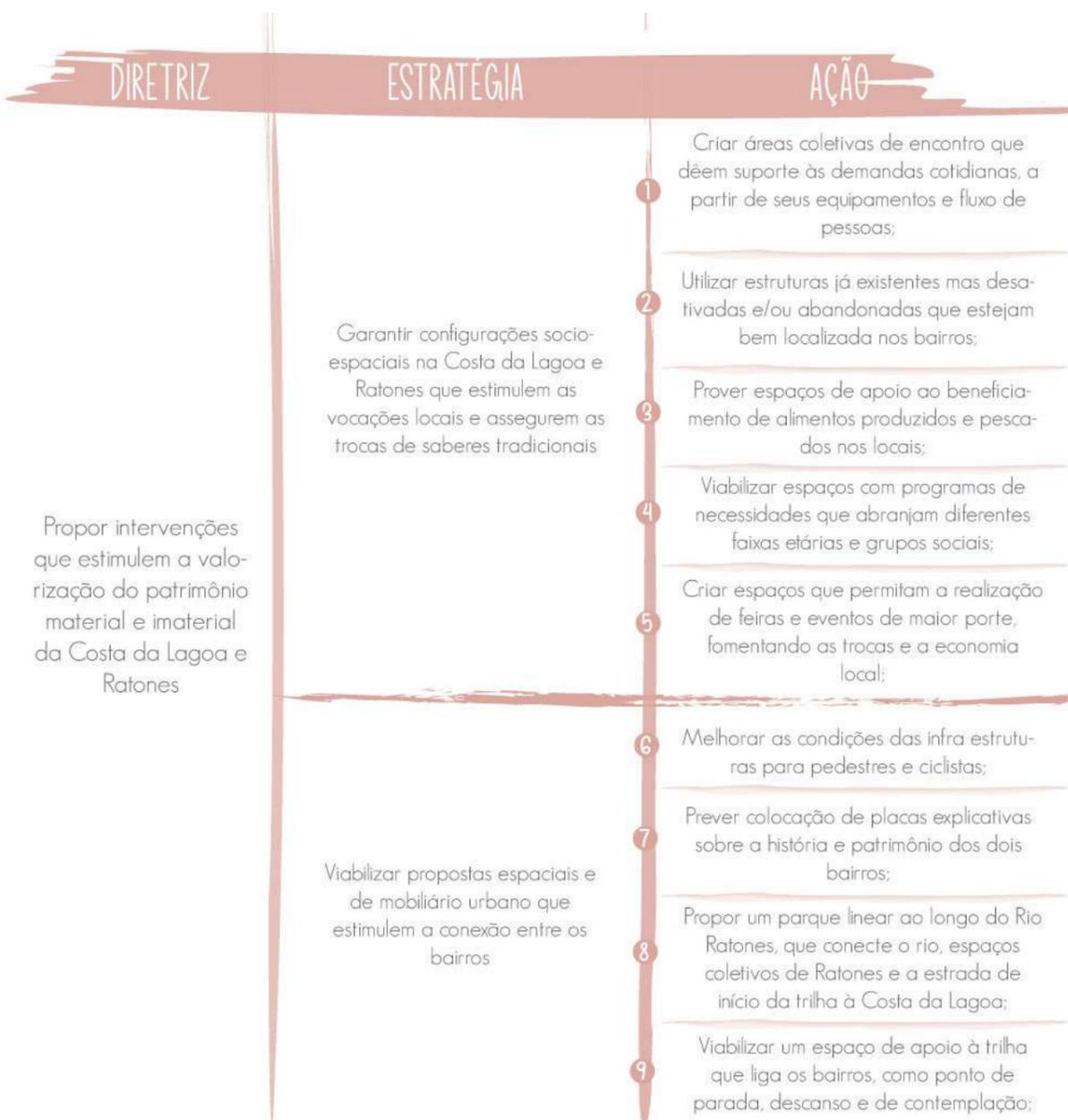
A renda de bilro é uma técnica de costura com fios, produzida pelo cruzamento em tramas com a ajuda de alfinetes e dos bilros. Originária dos Açores, a confecção da renda de bilro é uma atividade majoritariamente feminina, produzida no passado nos intervalos entre as tarefas de casa e a lida na roça e comercializada para gerar renda para a família e para a mulher.



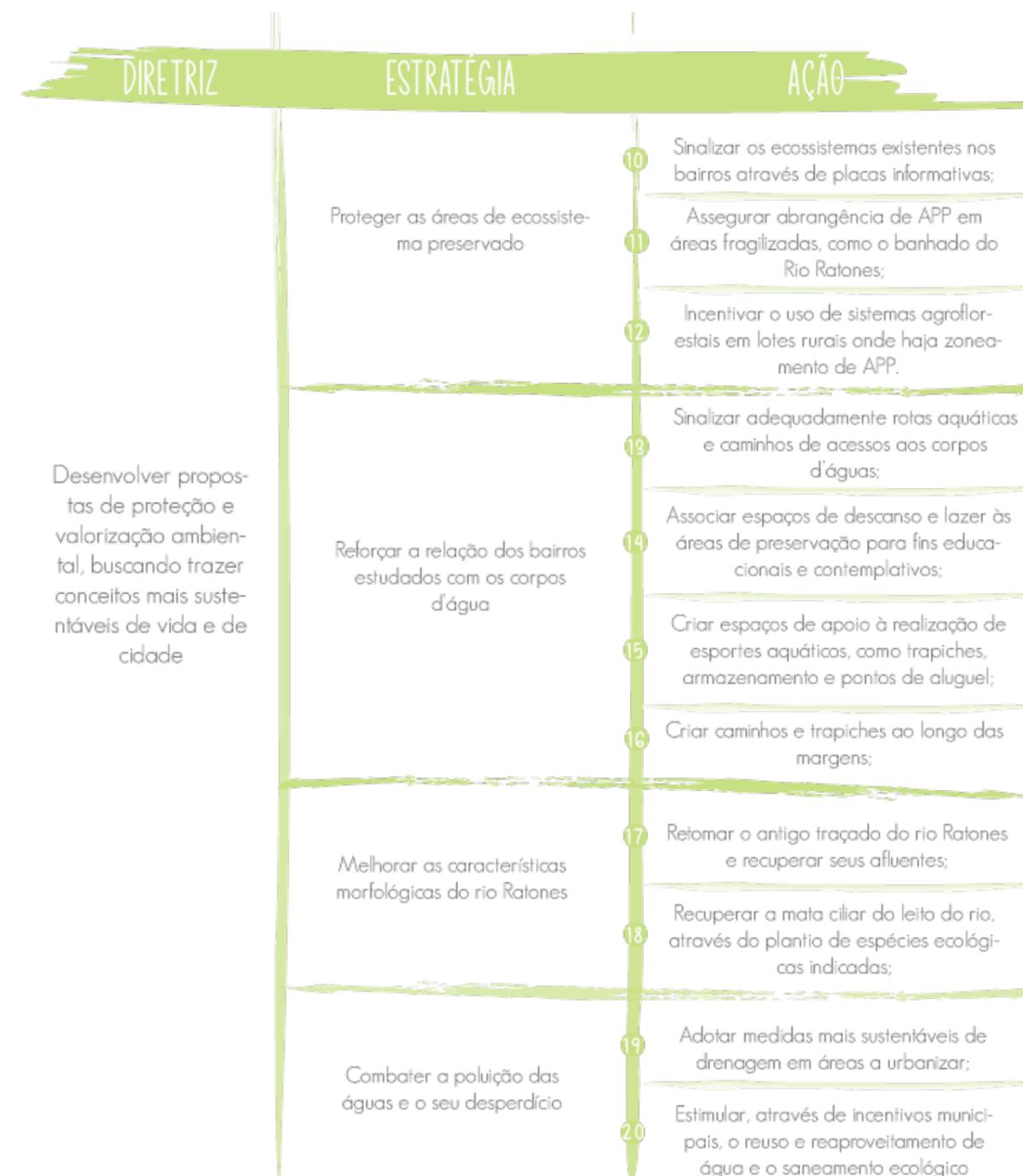
[34] Renda de bilro à venda na RatonArte (feira de arte de Rationes). Foto: Gabriela Wolff. Edição: A autora.

ROTA CULTURAL, AMBIENTAL E COMUNITÁRIA NA COSTA DA LAGOA E RATONES

Considerando a existência de elementos culturais significativos na Costa da Lagoa e Ratonés, como a pesca artesanal, a agricultura familiar, a cultura náutica, as festas tradicionais e as relações de sociabilidade, bem como características da paisagem natural, a flora e fauna, e de ocupação e uso do solo, reconhece-se a necessidade de incentivo à preservação da paisagem, à valorização dos elementos culturais existentes e do estímulo à valorização social e da economia local. O presente projeto busca estimular esses elementos através da proposição de diretrizes para futuras intervenções socioespaciais e equipamentos comunitários, que conformem uma rota comunitária, cultural e ambiental e que esteja conectada a pontos de interesses existentes nos bairros.



[35] Diretrizes para a rota comunitária proposta, a nível do patrimônio material e imaterial. Edição: A autora.



[36] Diretrizes para a rota comunitária proposta, a nível ambiental. Edição: A autora.

A proposta da rota comunitária, cultural e ambiental amarra pontos de interesses existentes aos equipamentos públicos propostos, conforme o mapa ao lado. A rota tem início com a proposta do Centro Comunitário para o bairro de Rationes (em 01 no mapa ao lado), passando pelos equipamentos existentes de Rationes; pela proposta de um espaço de beneficiamento de alimentos (em 02 no mapa); por uma edificação proposta como ponto de apoio à trilha que liga a Costa da Lagoa e o Rationes (em 03 no mapa), passando pela proposta de Centro Comunitário para a Costa da Lagoa (em 04 no mapa).

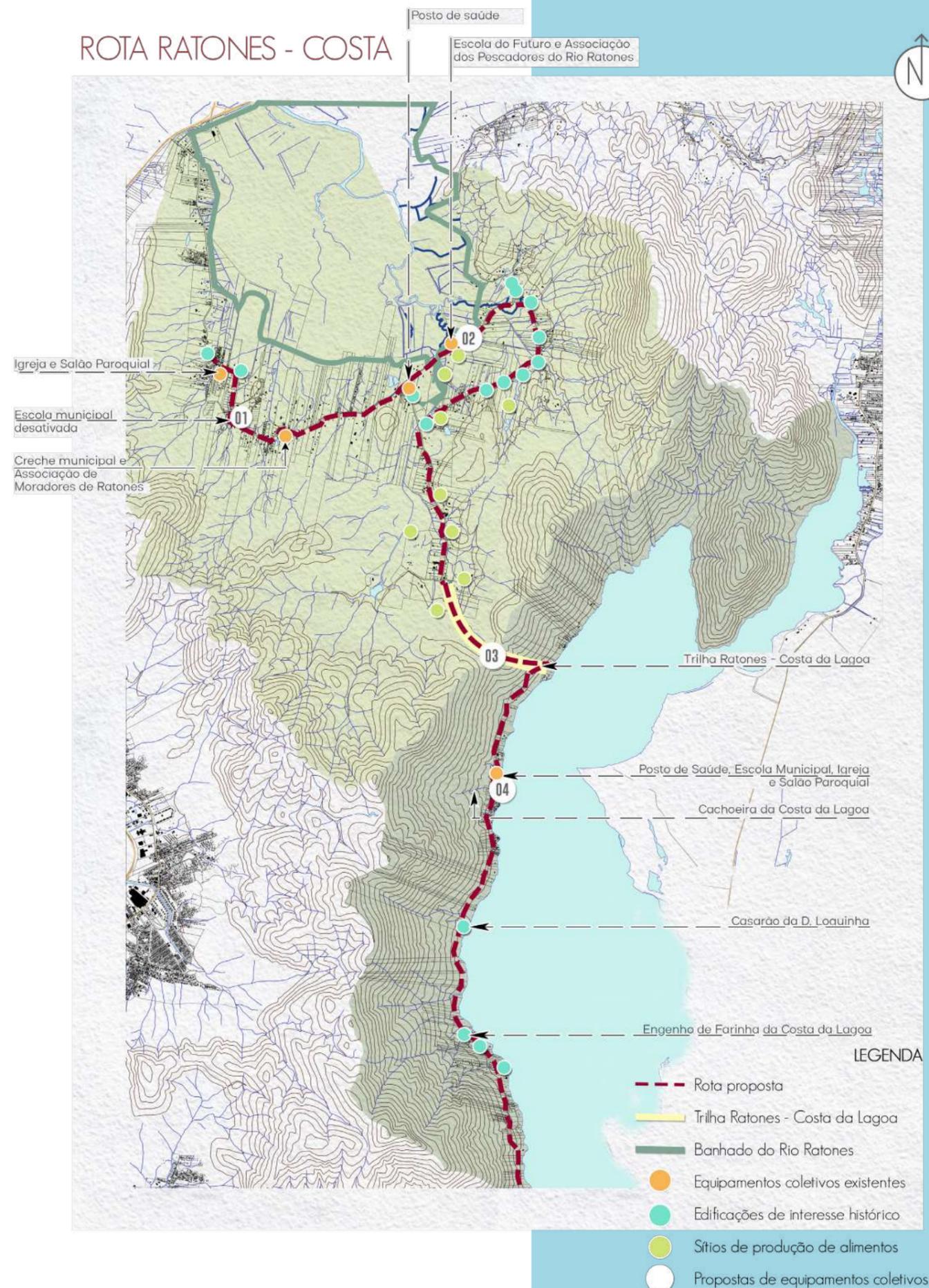
As áreas coletivas propostas dão suporte às demandas cotidianas locais e deverão estar bem localizadas em relação aos equipamentos já existentes, a concentração de pessoas e a abrangência do atendimento do transporte coletivo (ação nº 01). Essa ação se consolida através da locação de intervenções nos centros de Rationes e da Costa da Lagoa. Concomitantemente, busca-se aproveitar imóveis e/ou terrenos abandonados, próximos às áreas centrais, dando-lhes um novo uso e aproveitando estruturas existentes e servidas com infraestrutura urbana. Essa ação (nº 02) se concretiza no trabalho através da sugestão de utilização da antiga escola municipal de Rationes (área 01 no mapa ao lado), no centro do bairro, que poderá utilizar da estrutura existente de salas, quadra de esportes e biblioteca para abrigar novos usos comunitários. Também aproveita-se a estrutura de um antigo restaurante desativado na orla da Costa da Lagoa para a implantação de um rancho coletivo para o bairro (área 04 no mapa).

Considerando a herança rural da região, onde a pesca e a agricultura ainda é vista de forma expressiva, propõe-se espaços de apoio ao beneficiamento de alimentos plantados e pescados nos bairros (ação nº 03), como bancadas

de trabalho, cozinhas equipadas, espaço para trocas, para realização da carpintaria e marcenaria náutica, espaços para secagem e reparo de redes, etc. Em Rationes sugere-se uma edificação específica para o beneficiamento de alimentos (área 02 no mapa), estando próxima de sítios de produção de alimentos, do rio Rationes e da Associação de Pescadores do Rio Rationes (APRR). Na Costa da Lagoa, sugere-se um rancho comunitário com espaço de apoio à chegada e preparo dos pescados e cozinhas coletivas que dão suporte aos pescados e estimulam a gastronomia típica do local (área 04 no mapa).

Os espaços propostos deverão contar com programas de necessidades que abranjam diferentes faixas etárias e grupos sociais (ação nº 04) e que permitam a realização de cursos, exposições e oficinas, como de cestarias, renda de bilro, tarrafas, fabricação do boi-de-mamão, eventos de maior porte (ação nº 05), festas religiosas, como a de N. Sra. dos Navegantes e a festa do Divino, entre outras manifestações culturais, artísticas e políticas. Dessa forma, o projeto busca assegurar a democracia no uso dos espaços e possibilitar trocas de saberes tradicionais entre gerações.

A rota passa por diversos pontos de interesse ambiental, como o banhado e o rio Rationes, o morro de ligação Rationes - Costa da Lagoa, a lagoa da Conceição e a vegetação existente, como também do ponto de vista cultural como as edificações de interesse histórico, o Engenho de Farinha da Costa da Lagoa, sítios de produção de alimentos e ranchos de pesca. Como apoio à rota, prevê-se melhoria das vias para pedestres e ciclistas (ação nº 06), a colocação de placas explicativas sobre a história e cultura dos bairros (ação nº 07) e a sinalização dos ecossistemas existentes (ação nº 10) e dos acessos aos corpos d'água (ação nº 13).



Propõe-se um parque linear ao longo do rio Ratores, com a sugestão de início próximo à Associação de Pescadores do Rio Ratores e a Escola do Futuro (existentes) e o Espaço de Beneficiamento de Alimentos (proposto), conectando o rio, os equipamentos coletivos e a estrada de acesso à trilha à Costa da Lagoa (ação nº 08). A trilha entre os bairros, percurso de nível fácil com aproximadamente 2,5 km, conta com um mirante (03 no mapa), sendo um ponto de parada, descanso e contemplação (ação nº 09).

Buscando propostas espaciais e urbanísticas que estimulem à proteção e valorização ambiental de espaços ambientalmente fragilizados e ameaçados pela pressão do mercado imobiliário, a área caracterizada como banhado do manguezal do rio Ratores, atualmente demarcada como Área de Urbanização Especial (AUE), passa a ser demarcada como Área de Preservação Ambiental (APP) (ação nº 11).

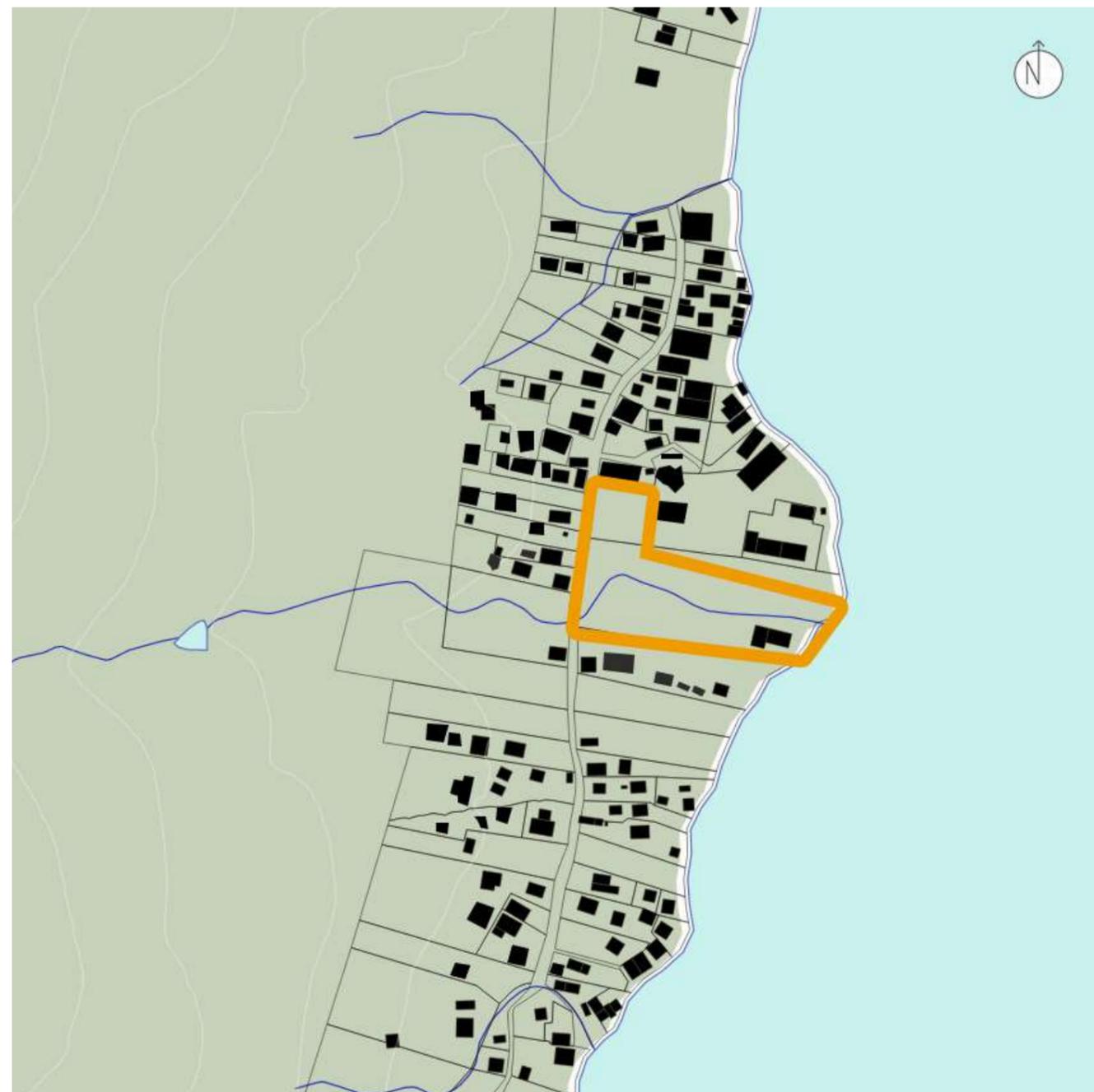
A proposta também englobou, conforme luta da Associação de Pescadores do Rio Ratores, a retomada do antigo leito do rio e a retirada das partes retificadas (ação nº 17), que causam o assoreamento do rio e prejudicam o ecossistema, a navegabilidade e a pesca no local. Conjuntamente, sugere-se a recuperação da mata ciliar através do plantio de espécies vegetais pertinentes (ação nº 18).

Junto aos corpos d'água, sugere-se a criação de espaços de descanso e lazer (ação nº 14), de apoio à realização de atividades e esportes aquáticos (ação nº 15) e a criação de caminhos e trapiches ao longo das margens (ação nº 16), reforçando a relação dos locais com a água.

A nível arquitetônico, escolheu-se trabalhar na proposta do Centro Comunitário e Cultural para a comunidade da Costa da Lagoa (ponto 04 do mapa da página anterior), que estará integrado a rota cultural, comunitária e ambiental proposta e tem como princípio as diretrizes lançadas.



[38] Localização da área de implantação do Centro Comunitário da Costa da Lagoa, em relação aos bairros da Costa da Lagoa e Ratores. Edição: A autora.



[39] Terreno de implantação da proposta para o Centro Comunitário da Costa da Lagoa. Edição: A autora.

A COMUNIDADE

Para conhecer e compreender algumas demandas locais, realizaram-se entrevistas com sete moradores da Costa da Lagoa, presencial e virtualmente (em virtude da pandemia do novo Coronavírus- COVID-19).

Estimulou-se, num primeiro bloco de perguntas, a descrição do sentimento de lugar e das relações sociais. Num segundo bloco, as perspectivas de futuro para o bairro e num terceiro bloco as considerações sobre a construção de um espaço que supra as demandas da comunidade.

Acerca da percepção do lugar, o bairro foi caracterizado, sobretudo, como um lugar tranquilo, seguro e próximo à natureza, com todos os entrevistados mencionando a tranquilidade da Costa da Lagoa. O sentimento de morar no bairro foi descrito como de paz e de privilégio, como nos relatos a seguir: “sentimento de sorte por ter nascido em um lugar completamente diferente de todos, com uma natureza exuberante” (D.C., 35 anos, M)¹ e

Acho que a Costa é um lugar excelente para se morar, é muito tranquilo, a gente tem muita qualidade de vida, tem natureza, tem lagoa, a gente é muito livre aqui, a gente tem muita liberdade, se a gente quer fazer uma trilha, se a gente quer caminhar, é uma comunidade tradicional bem familiar... (D.C., 27 anos, F).

O difícil acesso foi mencionado por todos, dividindo-se as opiniões em relação a ser um ponto positivo, por ser um diferencial da Costa da Lagoa, ou um ponto negativo, através da reivindicação de mais horários e melhorias no transporte lacustre:

Pela qualidade de vida que se tem, a gente tem esse equilíbrio. É uma escolha e a gente acaba se acostumando [...] por mais que pegue o barco, por mais que demore pra chegar, mas todo mundo acha que vale a pena [...]

¹ Depoimento coletado, idade e sexo do entrevistado

a gente chega aqui, a gente desacelera, é um lugar que te tranquiliza [...] não é aquela vida acelerada [...] diferentemente dos outros bairros, que são mais estruturados, que tu consegue tudo rápido, tudo na hora, mas isso te consome muito uma energia e tu quer tudo pra ontem e tu vai se tornando uma pessoa muito mais agitada, ansiosa, acelerada, sem paciência... (D.C., 27 anos, F).

Se a pessoa quer morar aonde tem estrada é direito dela [...] mas a Costa é o único lugar da ilha que não tem estrada [...] todo mundo que quer estrada tem pra onde ir, inclusive tem parente onde tem estrada, Rio Vermelho, Barra [...] (D.C., 63 anos, M).

Também foi mencionada a desarticulação política na comunidade, como demonstram as seguintes falas: “observo também que falta organização e comunicação da associação de moradores com os próprios moradores, para conseguirmos dar mais visibilidade ao nosso bairro” (D.C., 24 anos, F) e a “falta uma associação de moradores que promova mais políticas públicas para a comunidade” (D.C., 25 anos, F).

As perspectivas para o futuro da Costa da Lagoa foram bem variadas, três entrevistados citaram um futuro com a Costa sendo “esvaziada de moradores nativos” e com predomínio de construções irregulares, enquanto os outros quatro entrevistados vêem a comunidade mais unida, principalmente se for apoiada por políticas culturais e de preservação ambiental. Para os entrevistados, o desejo para o futuro é de que haja, sobretudo, a preservação da comunidade, “com plano diretor específico para o local, que é completamente diferente de qualquer outra região de Florianópolis” (D.C., 35 anos, M) e com “projetos culturais que permitissem uma visão mais ampla de mundo pros moradores” (D.C., 23 anos, M).

Em relação ao que falta na Costa da Lagoa hoje, seis dos sete entrevistados mencio-

naram a falta de uma área de lazer, vinculada a esporte e cultura, como demonstrados nos depoimentos a seguir: “acho que a Costa poderia ter bons projetos visando esportes e cultura... Sinto uma carência muito grande na comunidade de projetos nesse ramo” (D.C., 23 anos, M).

e: Falta um atrativo, uma área de lazer tanto cultural quanto pra atividades físicas, a gente não tem um espaço até mesmo pra passar essa cultura das rendeiras, das canoas de garapuvu, a pesca, as tarrafas, acho que isso tá se perdendo, fica cada um na sua casa e não tem um encontro (D.C., 27 anos, F)

A ideia de um espaço pra atividades comunitárias e culturais foi totalmente apoiada:

Acho de extrema importância para o bairro [a construção de um espaço para atividades comunitárias e culturais], pois aqui há anos atrás tínhamos muitas festas culturais, produções de rendas de bilro, a farinhada e a pesca artesanal. A Costa da Lagoa é um bairro com histórico cultural muito lindo que devemos cultivar ele sempre, para não perdermos a essência do nosso bairro (D.C., 24 anos, F).

As sugestões de programa envolvem espaços para atividades esportivas, cursos e trocas culturais.

Acho que poderia acontecer cultivo de plantas e vegetais em geral. Uma exposição com trabalhos típicos do bairro, como rendas, artesanatos, artefatos de pescas, entre outros, uma oficina de renda e artesanatos. (D.C., 24 anos, F)

Focar em manter a cultura local sempre bem ativa, com fotos, esculturas, desenhos, aulas de renda de bilros, folclore (D.C., 25 anos, F)

Pensar em medidas para o futuro de sustentabilidade, como lixo, reciclagem, acho que a gente pode investir muito em hortas, a gente não tem que ficar necessitando de sair daqui pra comprar, acho que a gente tem que pensar em cultivar porque a gente tem terra aqui [...] minha mãe foi criada em roça, meu pai pescou a vida in-

teira, então isso é uma tradição que a gente não pode perder. (D.C., 27 anos, F)

PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades buscou atender as demandas locais apresentadas, através de um espaço coletivo que pudesse abrigar as atividades tradicionais, bem como fomentar a educação, a economia e a organização política da comunidade.

Espaços abertos

Espaço feiras/exposições

Horta comunitária

Espaço orla

Rancho comunitário

Carpintaria

Espaços fechados



O EXISTENTE

A escolha do terreno para a implantação de um Centro Comunitário na Costa da Lagoa levou em consideração a proximidade com os equipamentos coletivos existentes, que já assumem papéis de abrigar eventos comunitários no bairro (como o posto de saúde, a escola e o salão paroquial), a facilidade de acesso e o atendimento de um maior número de moradores, conforme ação nº 01 da etapa de diretrizes.

O terreno localiza-se próximo à cachoeira, um dos principais pontos turísticos e fonte de captação de água potável do bairro, e o rio que deriva dela corta o terreno de projeto.

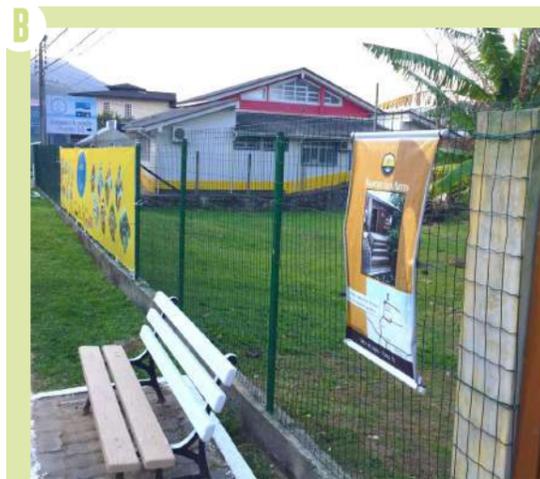
A área de intervenção é majoritariamente

te protegida como Área de Preservação Permanente, tendo apenas uma pequena porção zoneada como Área de Preservação Limitada, logo ao lado do Posto de Saúde (foto 38), onde propõe-se a edificação do Centro Comunitário.

Atualmente, o terreno é cercado e nele se encontram porções gramada, de capinzal e com vegetação dispersa. Possui conexão com a orla da lagoa, margeando o rio, em uma topografia que vai do nível de 12 metros à cota zero. A escolha do terreno levou em consideração a inserção do edifício em ponto central do bairro, a relação com os equipamentos coletivos existentes, a visibilidade e acessibilidade via trilha e via orla e a possibilidade de explorar a relação com as águas através do rio e da lagoa.



[40] Posto de Saúde da Costa da Lagoa, com o terreno de projeto ao fundo à esquerda.



[41] Face do terreno de projeto com a trilha principal. Posto de Saúde da Costa da Lagoa ao fundo.



[42] Vista da trilha para o terreno de projeto. Porções gramadas e de vegetação dispersa.



[43] Face do terreno de projeto com a trilha principal. Posto de Saúde da Costa da Lagoa ao fundo.



[44] Vegetação dispersa no terreno de projeto.

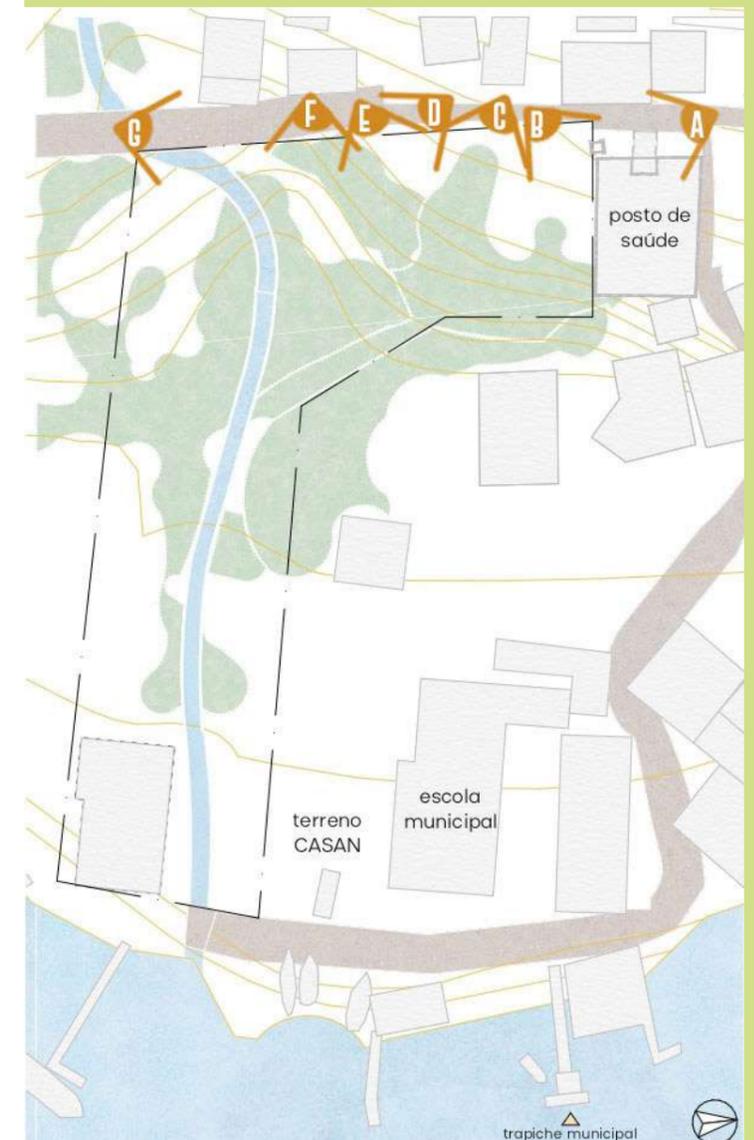


[45] Vista da trilha para terreno de projeto. Vegetação dispersa e presença de capim.



[46] Vista da ponte existente na trilha em direção ao Posto de Saúde.

[47] Ponto de vista das imagens do entorno. Edição: A autora.



A área de intervenção fica próxima ao trapiche nº 16 dos barcos da Costa da Lagoa e próxima à Escola Desdobrada e NEI Costa da Lagoa (foto 45).

Com o objetivo de conectar a edificação do Centro Comunitário à orla e atender a demanda da comunidade por um rancho de pescadores comunitário, a estrutura de um antigo restaurante (foto 49), sem uso há anos, foi incorporada ao projeto tendo seus espaços readequados.



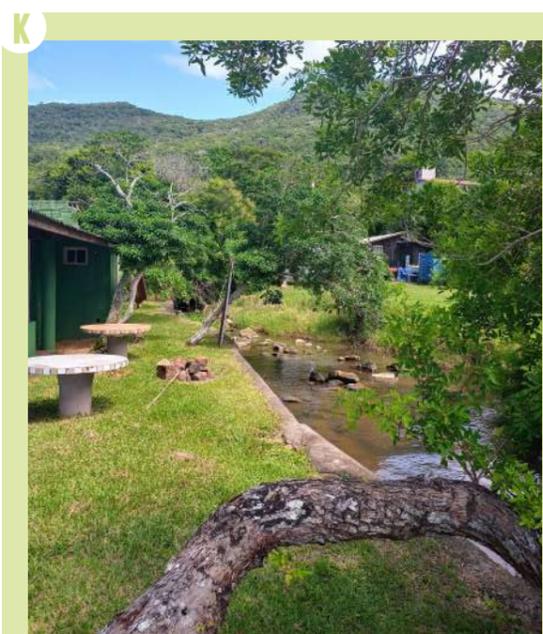
[48] Trapiche de chegada ao ponto de barco nº 16, com a Escola Municipal ao fundo.



[49] Terreno de uso da CASAN.



[50] Ponte de acesso ao Rancho Comunitário proposto.



[51] Restaurante desativado e rio ao lado.



[52] Restaurante desativado.

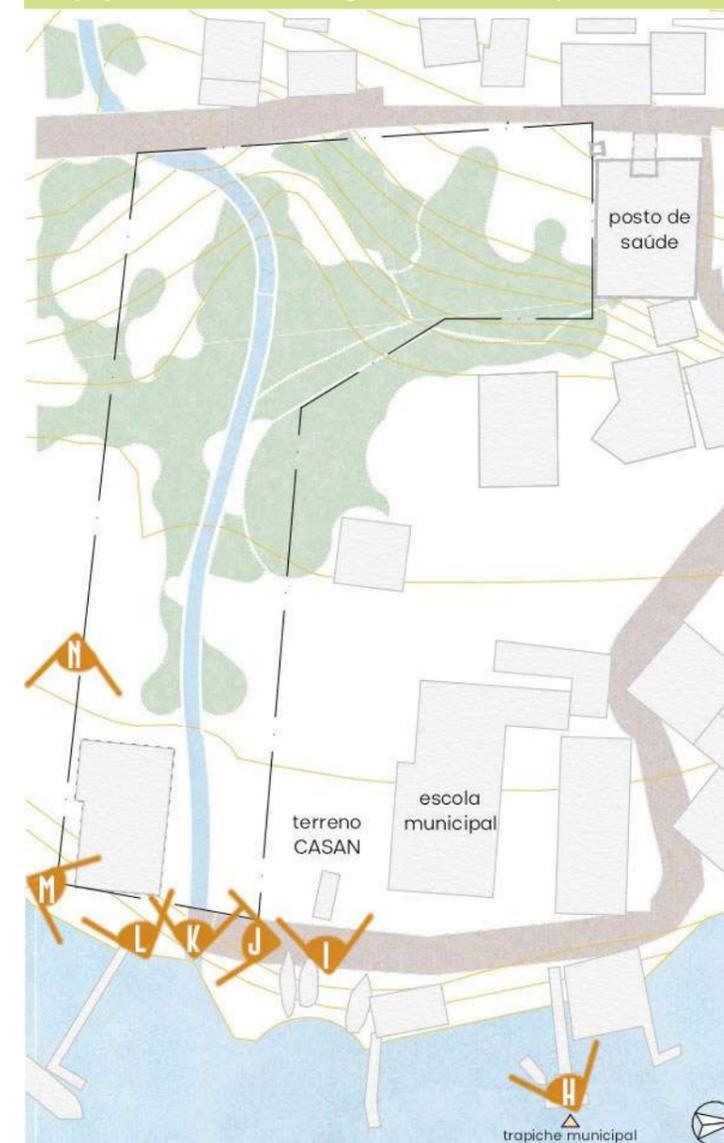


[53] Orla da Lagoa com restaurante desativado à esquerda.

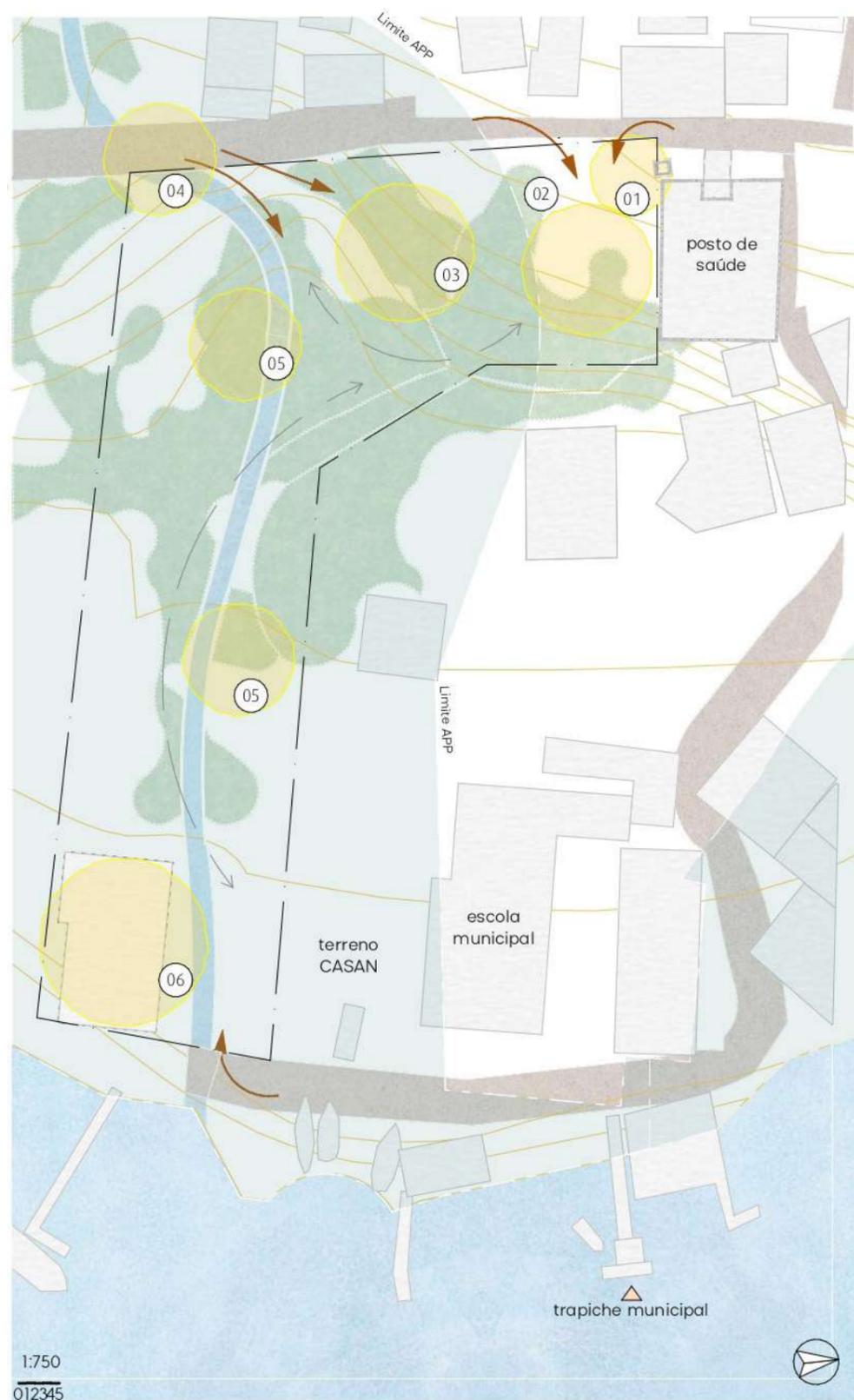


[54] Parte de trás do restaurante desativado (à esquerda), com a lagoa ao fundo.

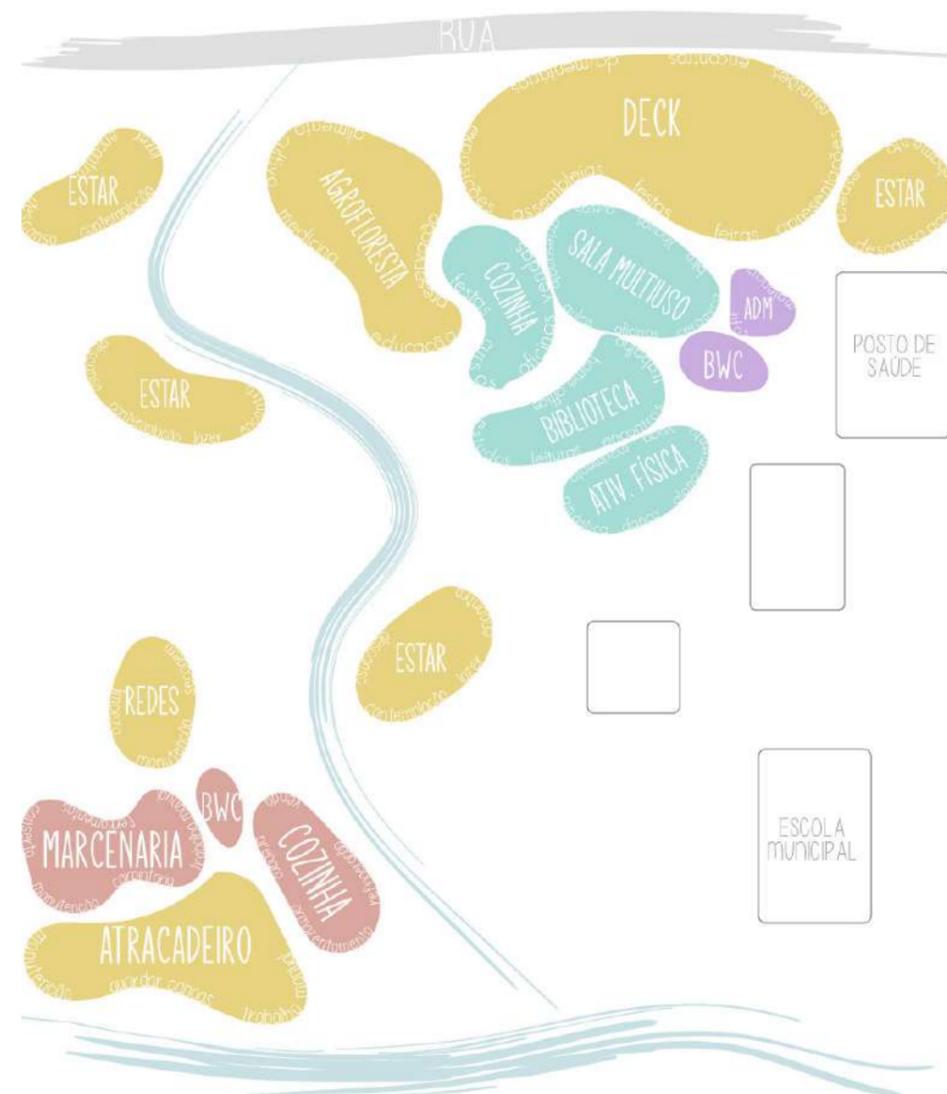
[55] Ponto de vista das imagens do entorno. Edição: A autora.



IMPLANTAÇÃO EXISTENTE



- [- - -] ÁREA DE INTERVENÇÃO
 - INTENÇÕES DE PROJETO
 - FLUXOS DESEJADOS
 - ↔ CAMINHOS EM MEIO À NATUREZA
- 01 Espaço de estar - conexão com o Posto de Saúde
 - 02 Proposta de Centro Comunitário
 - 03 Implantação de agrofloresta
 - 04 Espaços de estar e início dos caminhos propostos
 - 05 Espaços de estar em meio à natureza
 - 06 Proposta de Rancho Comunitário (restaurante desativado)



O Centro Comunitário da Costa da Lagoa foi implantado logo ao lado do Posto de Saúde da comunidade. A conexão dessas edificações busca ser não-invasiva, através de um espaço de estar que possa dar suporte à espera e aos acompanhantes dos usuários do Posto de Saúde.

Por situar-se em Área de Preservação Permanente, o projeto buscou criar áreas de recuperação da vegetação através da proposição de sistemas agroflorestais e de paisagismo com espécies locais.

A estrutura de um antigo restaurante, próxima à foz do rio na Lagoa, foi incorporada ao projeto e readequada para abrigar as atividades próximas à orla, convertendo o espaço em um Rancho Comunitário para os pescadores e barqueiros locais.

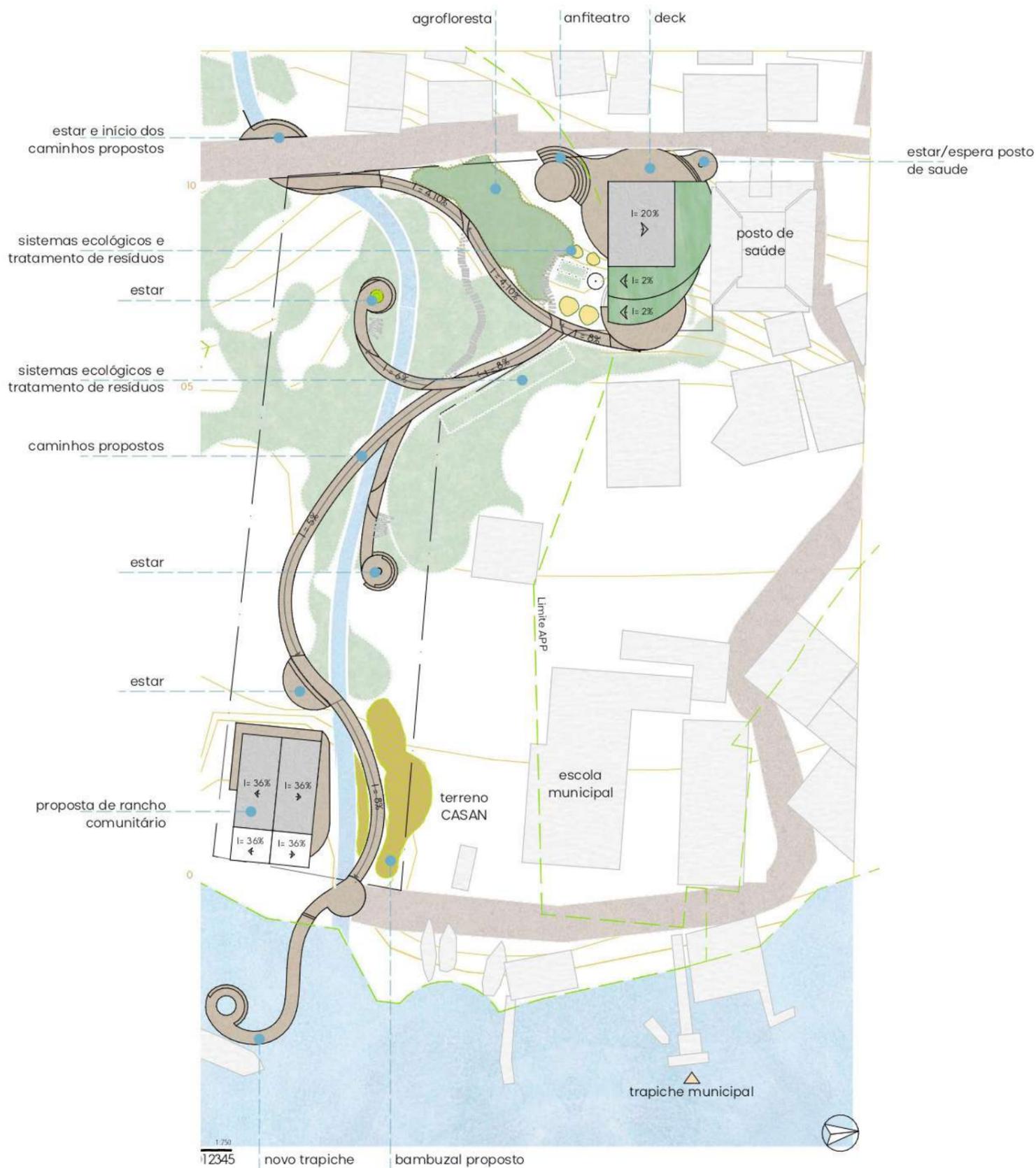
As duas edificações propostas são conectadas por um caminho sinuoso que cria espaços de estar e lazer em meio à vegetação nativa e em torno do rio que vem da cachoeira. O caminho proposto também conecta a trilha principal da Costa da Lagoa com a lagoa e a adentra, transformando-se em trapiche para lazer e atividades náuticas.

1:750
012345

[56] Implantação do existente. Edição: A autora.

[57] Esquema da espacialização do programa de necessidades.

IMPLANTAÇÃO PLANEJADA



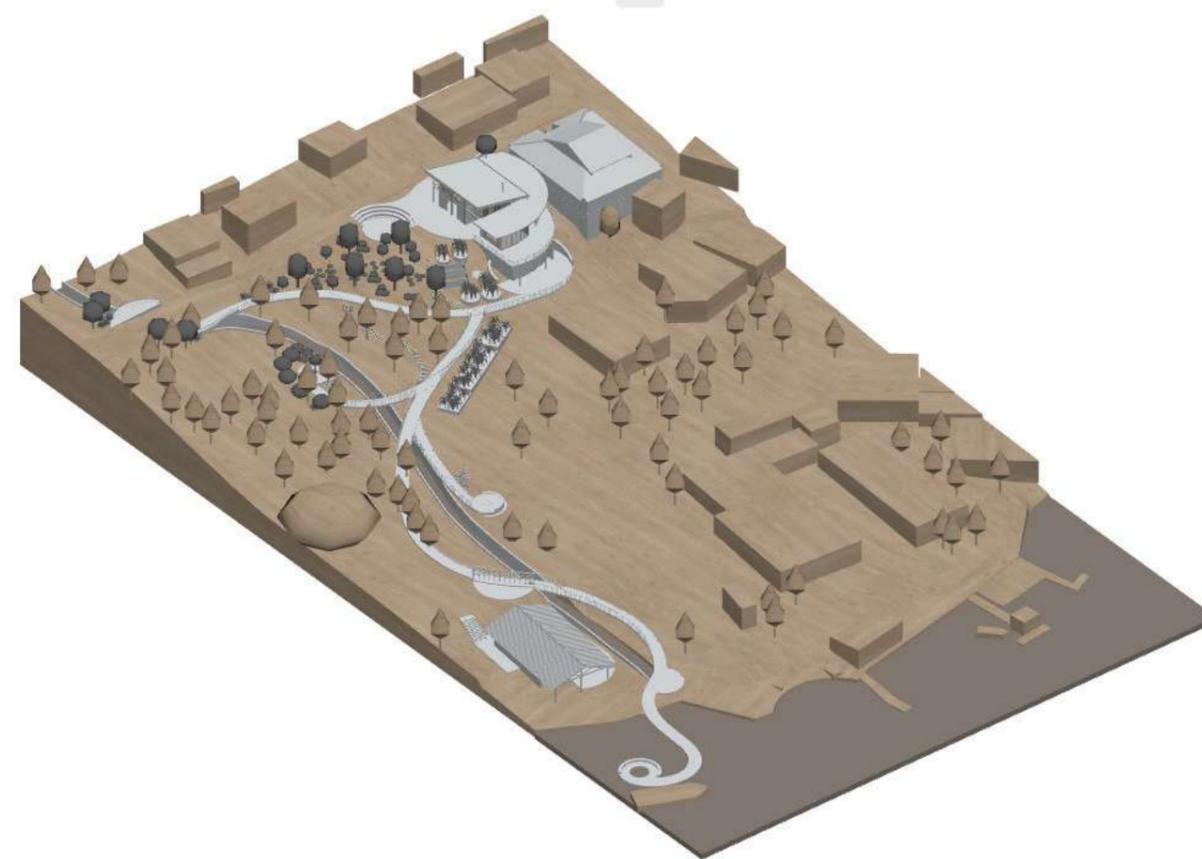
[58] Implantação da proposta.

Criou-se espaços convidativos nas entradas da área da intervenção, conectando as interfaces da trilha principal com os caminhos propostos; o Centro Comunitário com o Posto de Saúde, conformando um espaço que também sirva como um ambiente de espera externo; e a beira da lagoa e o trapiche com os caminhos do projeto.

O terreno demarcado como APP, hoje se encontra com uma vegetação rala e árvores dispersas, especialmente nas proximidades da trilha principal. O espaço é propício para a implantação de um sistema agroflorestal, onde a tradição local de plantio de alimentos pode se

aliar a recuperação da vegetação nativa e servir de modelo para ser replicado em outros locais da comunidade. A maioria dos terrenos da Costa da Lagoa possui, se não todo, uma parcela do lote zoneada como Área de Preservação Permanente ou Área de Preservação Limitada, o que é visto como um empecilho para o uso. A agrofloresta pode servir como uma opção de uso responsável e consciente de áreas protegidas.

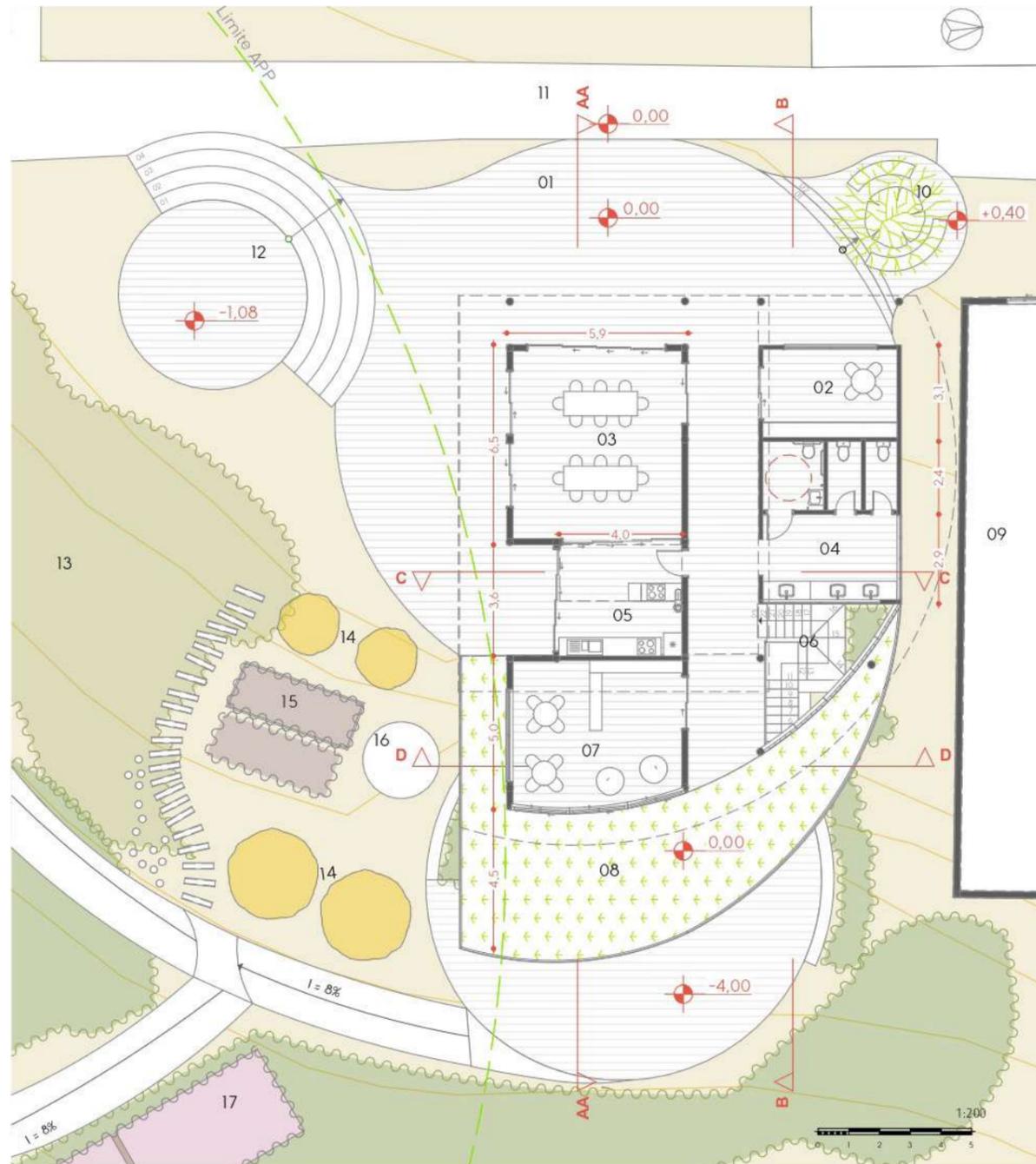
O deck de generoso porte, juntamente com o anfiteatro, faz a interface do Centro Comunitário com o caminho principal e é capaz de abrigar eventos, feiras, exposições, reuniões e festas locais.



[59] Esquema volumétrico da implantação da proposta no terreno.

PLANTA TÉRREO - CENTRO COMUNITÁRIO

A nova edificação se divide em dois níveis, totalizando 240 m², e procura respeitar a declividade natural do terreno. O pavimento térreo, no mesmo nível de quem chega pela trilha principal, é composto por dois blocos, um de salas de uso público e outro de serviços e apoio, conectados por um corredor. A sala multiuso (03) se abre para o deck (01), para a trilha principal (09), o anfiteatro (12), a agrofloresta (13) e para a cozinha comunitária (05), podendo abarcar diversos tipos de usos e dinâmicas coletivas. A cozinha comunitária (05), que pode ter a sala multiuso (01) como sua extensão, tem fácil acesso à agrofloresta (13), para colheita de alimentos e ervas, e às composteiras (15), para destinação adequado

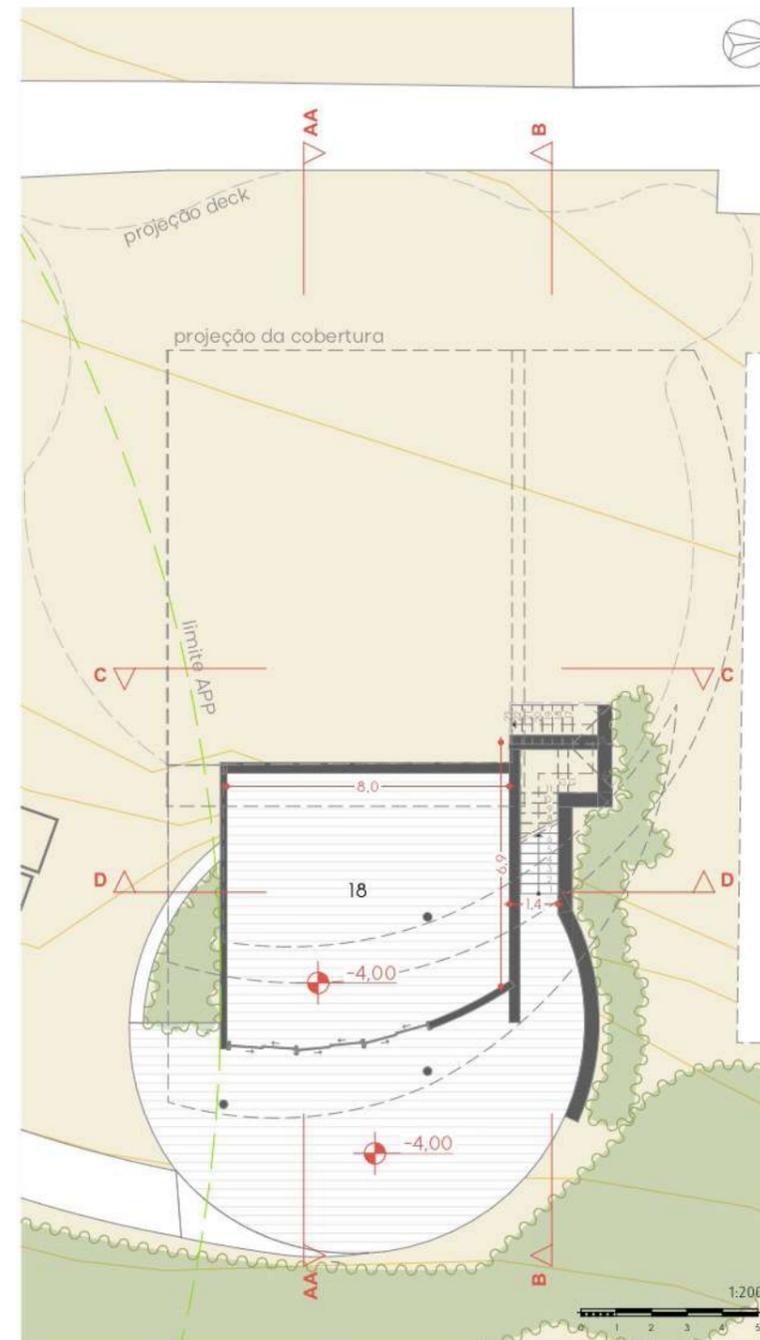


[60] Planta do térreo - Centro Comunitário da Costa da Lagoa.

PLANTA PAV. INFERIOR - CENTRO COMUNITÁRIO

dos resíduos gerados. A biblioteca (07) vira-se para a floresta e para a lagoa, possuindo grandes portas que se abrem para o telhado verde acessível (08), estendendo o espaço de leitura e estudo para o espaço externo.

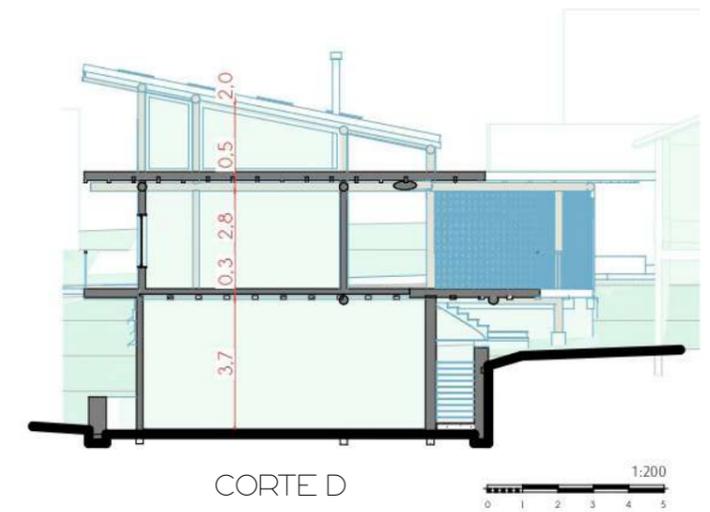
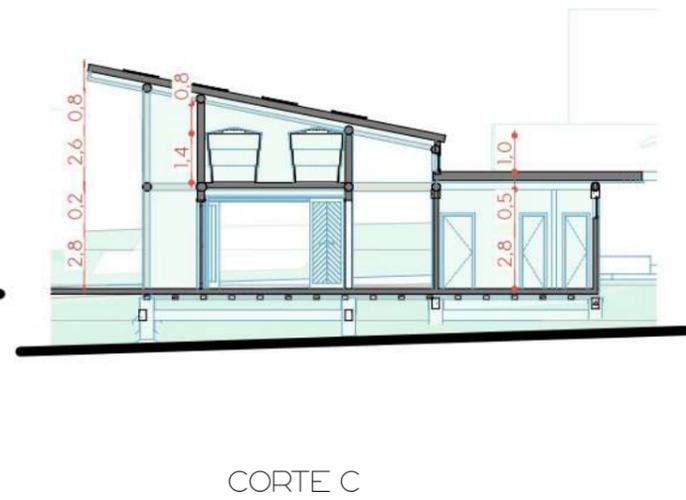
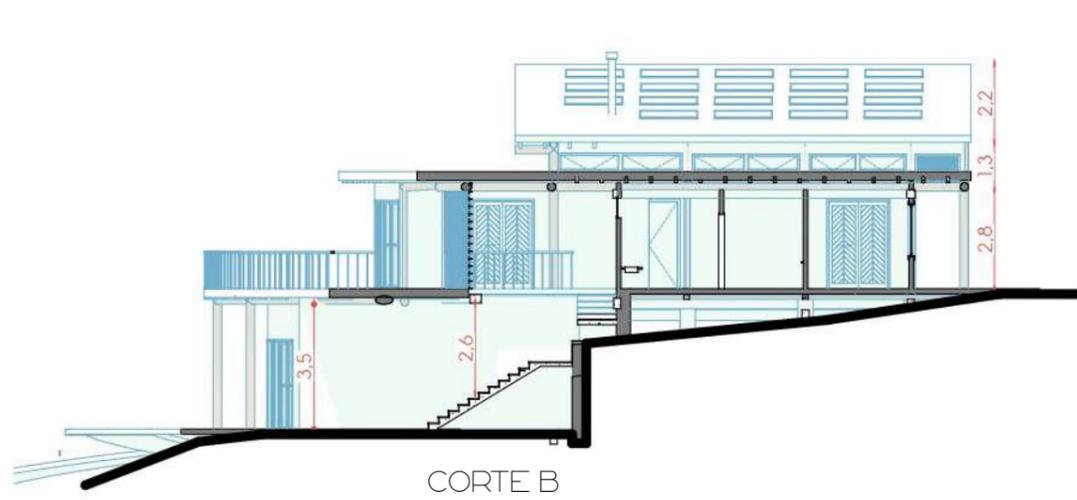
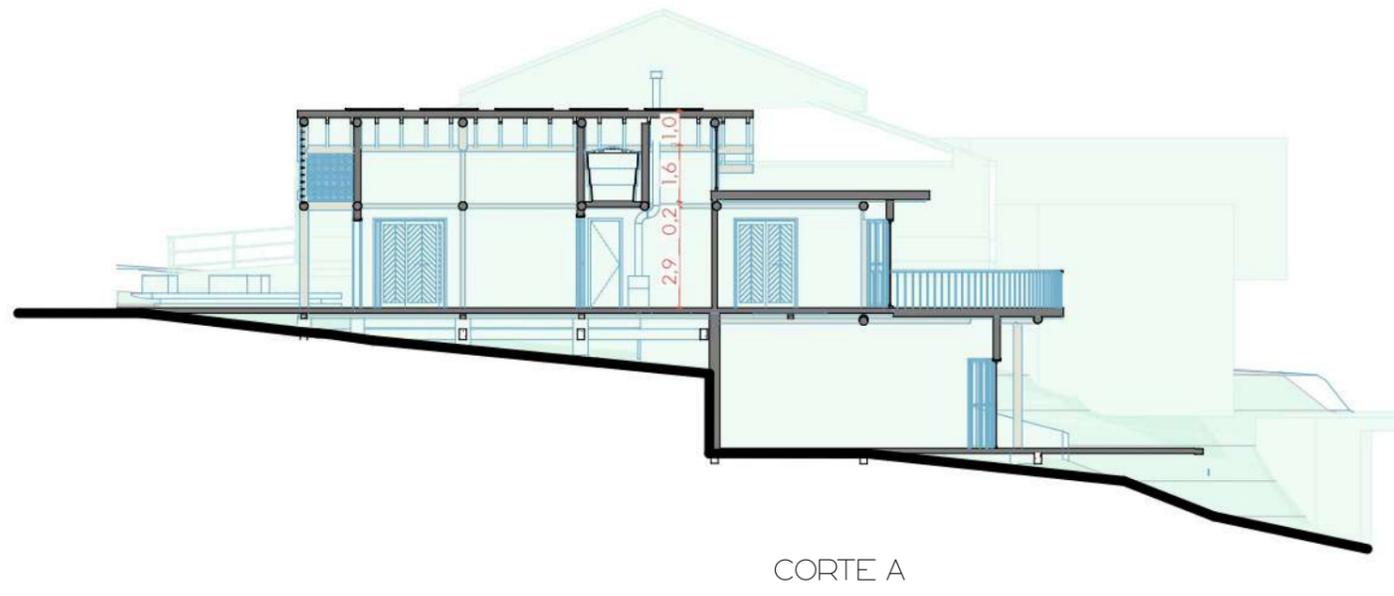
No pavimento inferior há uma sala destinada às atividades físicas, apoiada diretamente sobre o solo, prevendo atividades de maior impacto, ligada a um grande deck, que possibilita a realização de atividades em grupos maiores e ao ar livre. Os espaços podem ser acessados por uma escada coberta e protegida lateralmente por cobogós ou pelos caminhos acessíveis externos.



[61] Planta do pavimento inferior - Centro Comunitário da Costa da Lagoa.

- 01 DECK
- 02 ADMINISTRAÇÃO
- 03 SALA MULTIUSO
- 04 SANITÁRIOS
- 05 COZINHA COMUNITÁRIA
- 06 ESCADA
- 07 BIBLIOTECA
- 08 TELhado VERDE ACESSÍVEL
- 09 POSTO DE SAÚDE
- 10 ESTAR/ESPERA POSTO DE SAÚDE
- 11 TRILHA PRINCIPAL
- 12 ARQUIBANCADA
- 13 AGROFLORESTA
- 14 CÍRCULO DE BANANEIRAS
- 15 COMPOSTEIRAS
- 16 CISTERNA (ÁGUA DA CHUVA)
- 17 BACIA DE EVAPOTRANSPIRAÇÃO
- 18 SALA ATIVIDADE FÍSICA

CORTES - CENTRO COMUNITÁRIO



POSSIBILIDADES DE USO DO CENTRO COMUNITÁRIO



[63] Possibilidade de uso da edificação para feiras e apresentações.



[64] Possibilidade de uso do espaço externo para assembleias e reuniões.



[65] Possibilidade de uso da edificação para festas e eventos religiosos, culturais, gastronômicos, etc.



[66] Possibilidade de uso da sala multiuso para oficinas, reuniões, cursos.



[67] Possibilidade de uso do espaço externo para exposições e mostras.



[68] Possibilidade de uso da cozinha e da sala multiuso para preparo de alimentos para venda e/ou trocas, cursos, oficinas de gastronomia típica do local, etc.



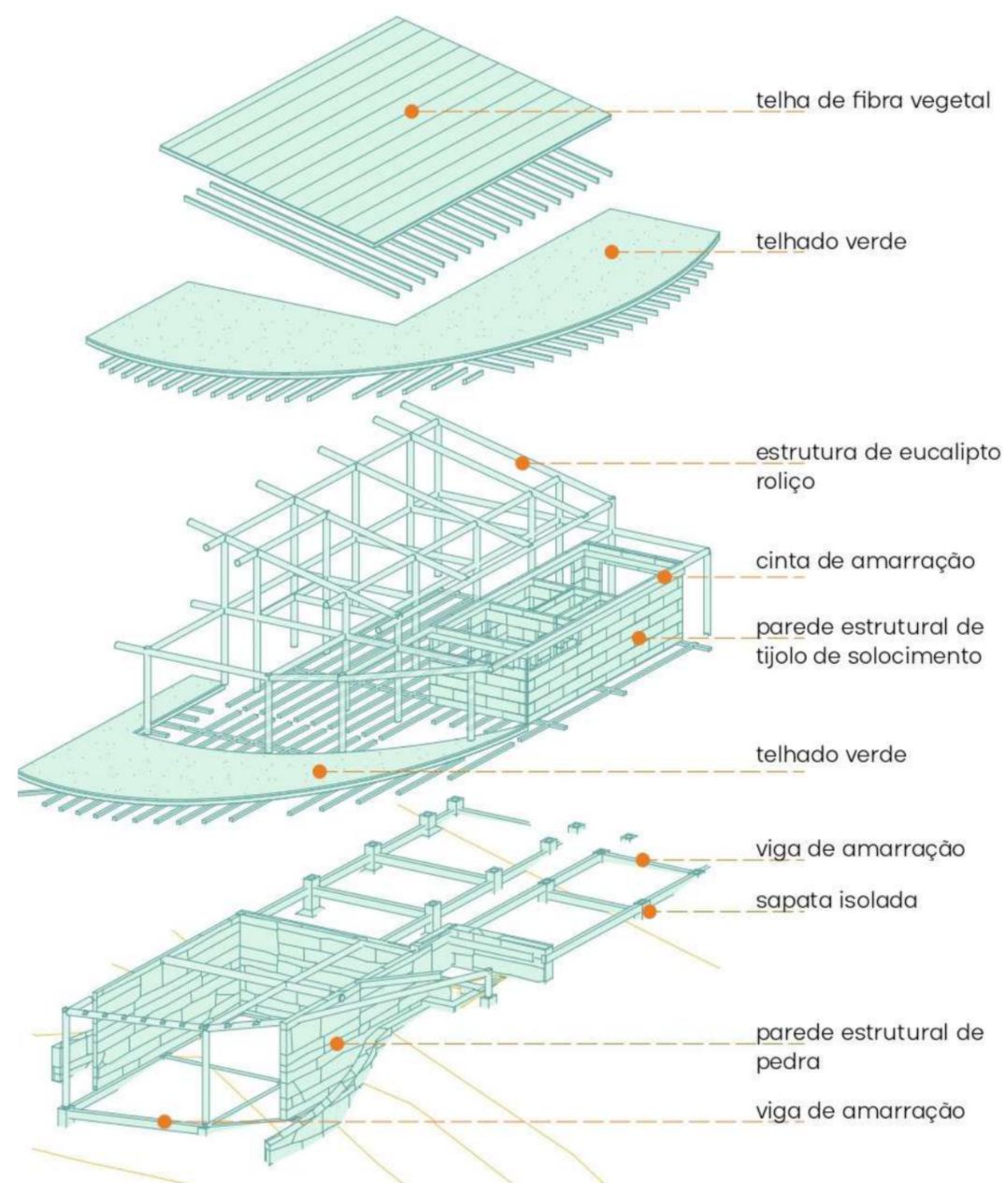
[69] Possibilidade de uso da biblioteca com acesso ao telhado verde como extensão.



[70] Possibilidade de uso do pavimento inferior para atividades físicas, seja no espaço fechado ou expandindo para o espaço aberto de deck.

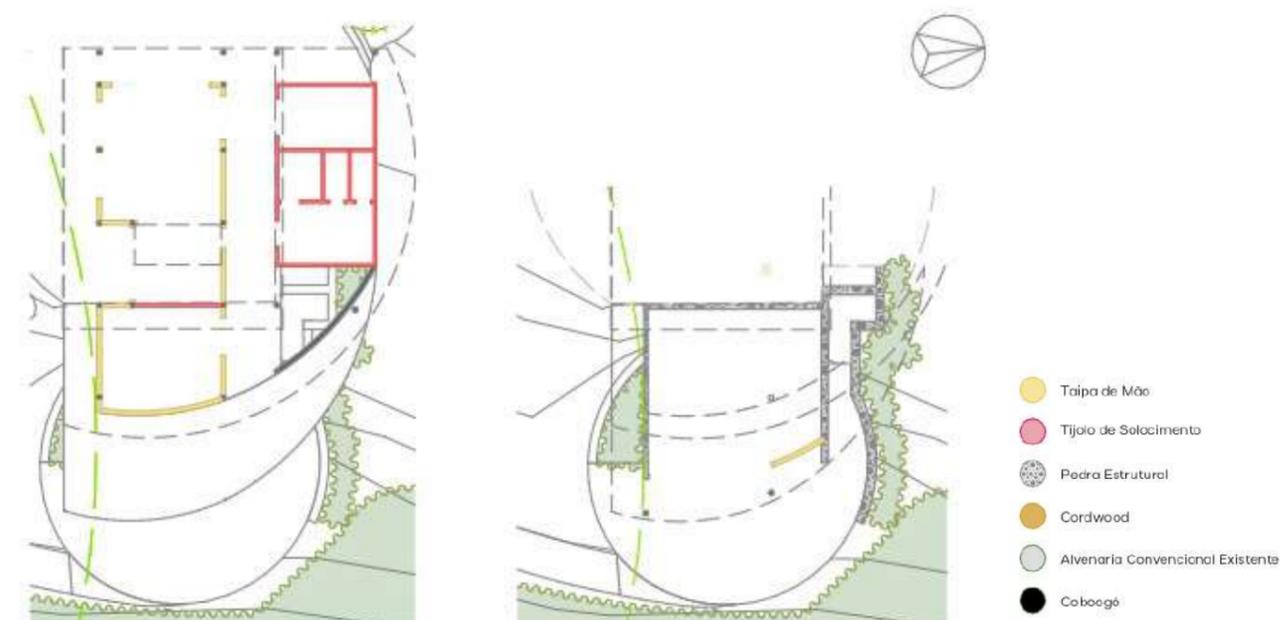
ESQUEMA ESTRUTURAL - CENTRO COMUNITÁRIO

O partido arquitetônico teve como base elementos da construção ecológica e tradicional, predominando a escolha pelo uso da madeira, da pedra natural e da terra crua. Na fundação optou-se pela pedra e pelo concreto armado. Os pilares e vigas são de eucalipto roliço, com a utilização de paredes autoportantes de tijolos de solocimento, sobretudo em áreas molhadas (banheiros e parede da pia da cozinha). No restante dos fechamentos, principalmente onde a edificação é elevada do chão, buscou-se resgatar a técnica da taipa de mão, ainda presente e ensinada nos preparativos que antecedem a farinha-



[71]Esquema estrutural do Centro Comunitário.

da, no Engenho da Vila Verde, utilizando o volume de terra retirado do pavimento inferior semi-enterado. O volume de terra solta obtido com o corte do terreno, considerando uma taxa de emplamento de 25%, ficou computado em 76 m³. O volume aproximado necessário para as paredes de terra crua e para a colocação nos telhados verdes, considerando o telhado verde acessível com 15 cm de altura de terra e o inacessível com 5 cm de altura de terra, é de cerca de 58 m³ de terra, destinando boa parte da terra escavada para a própria edificação.

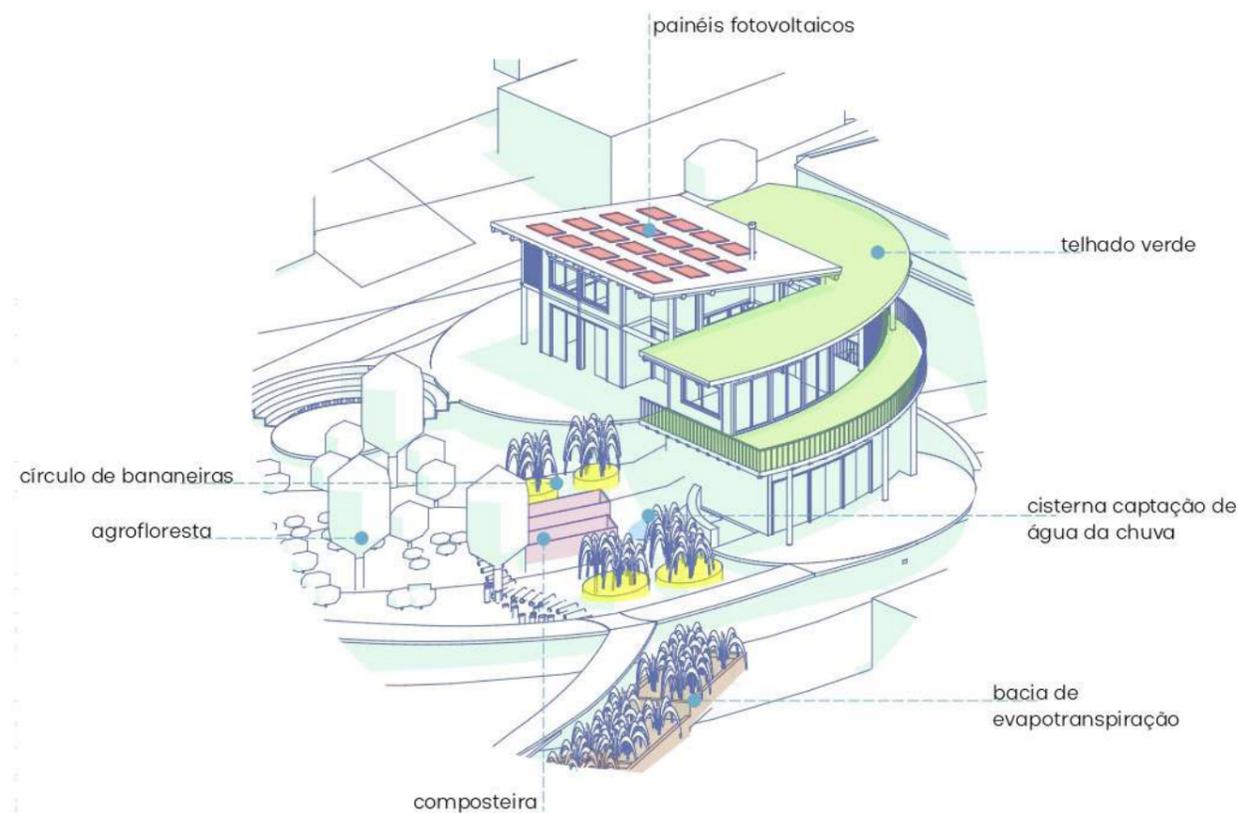


[72]Técnicas utilizadas nos fechamentos do Centro Comunitário.

SISTEMAS ECOLÓGICOS



[73] Esquema dos sistemas de abastecimento de água e energia elétrica e destino e tratamento de resíduos.



[74] Perspectiva isométrica explicativa sobre os sistemas ecológicos utilizados no projeto do Centro Comunitário.

O projeto priorizou por uma construção de baixo impacto ecológico, principalmente por se tratar de um bairro com riquezas naturais preservadas e majoritariamente zoneado como Área de Preservação Permanente e/ou Limitada. Também por ser uma edificação pública e de uso coletivo, em um ponto central da comunidade e com grande visibilidade, optou-se por implantar uma diversidade de sistemas ecológicos com fins educativos, para inspirar e promover sua adoção pelos moradores.

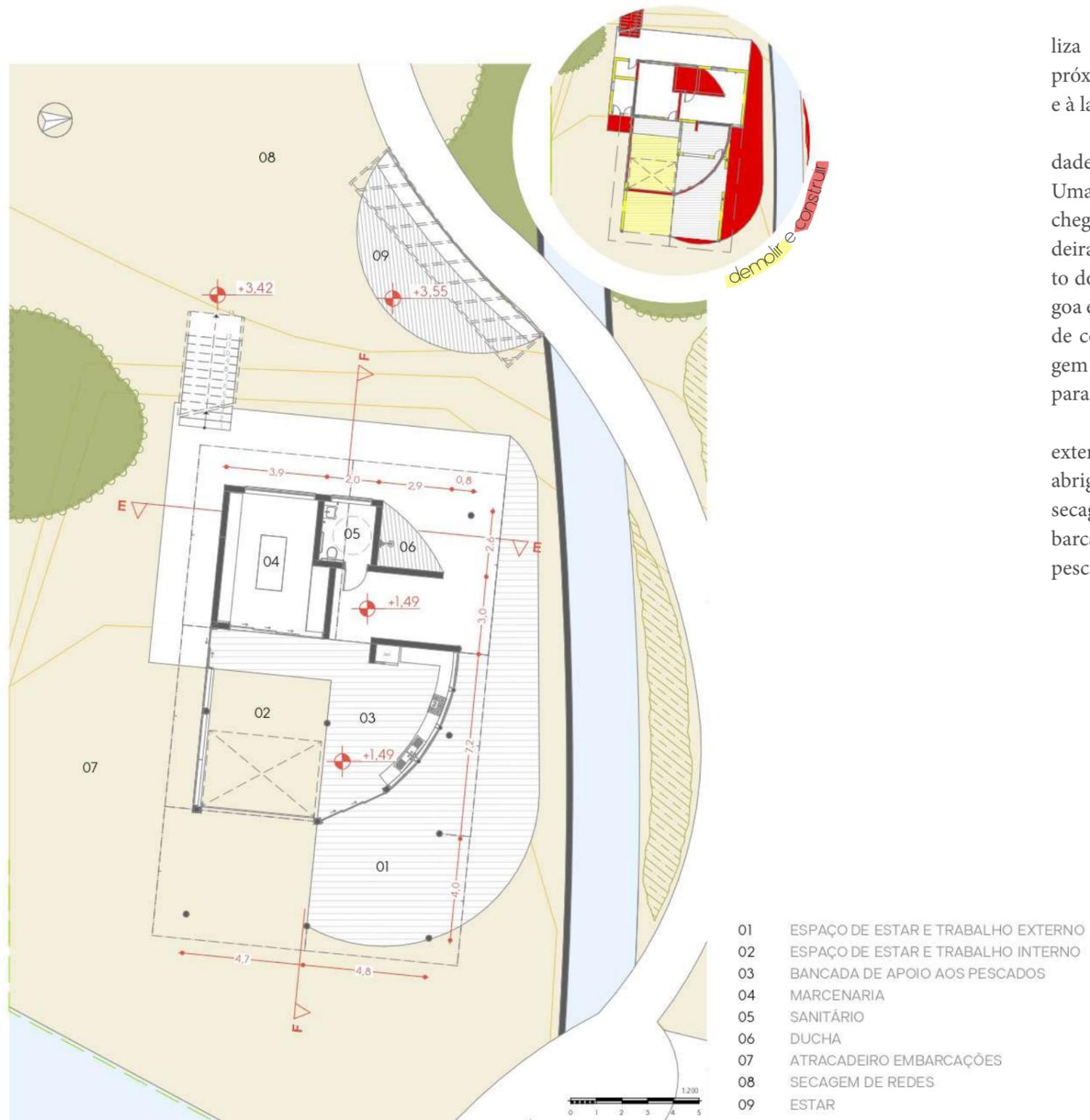
O abastecimento de água potável no bairro vem diretamente dos corpos d'água mais próximos e sofre oscilações na alta temporada, por isso, em relação ao abastecimento de água, além da captação de água do rio mais próximo, optou-se pela coleta de água da chuva para usos que não exigem água potável, como a descarga de sanitários e torneiras externas.

Para o tratamento dos efluentes foram previstas opções mais ecológicas descentralizadas. A proximidade com o rio e a lagoa torna a destinação dos efluentes uma problemática sensível e o baixo atendimento de coleta de esgoto no bairro pela rede municipal requer a solução individual por uma grande parte da comunidade.

Com relação à energia elétrica, a geração própria através de painéis fotovoltaicos é simbólica: a Costa da Lagoa foi o último bairro da cidade a ser atendido com redes públicas de energia elétrica (1982), onde a falta de luz por ventos e chuvas fortes é considerada rotineira e o restabelecimento da rede costuma levar horas, se não dias.

Por fim, no bairro onde a coleta de lixo é realizada totalmente por via lacustre, optou-se por manejar os resíduos orgânicos através da compostagem, de forma a aproveitar os compostos orgânicos, seja na agrofloresta ou doando para a população local, além de servir de forma educativa quanto à destinação dos resíduos gerados pela comunidade.

PLANTA BAIXA - RANCHO COMUNITÁRIO



[75] Planta baixa do Rancho Comunitário.

A proposta de Rancho Comunitário utiliza a estrutura de um restaurante desativado próximo ao rio que corta a área de intervenção e à lagoa.

A estrutura foi mantida em sua totalidade e as paredes internas foram readequadas. Uma parte do deck foi retirada, facilitando a chegada de embarcações direto na areia, e a madeira retirada poderá ser reutilizada no aumento do deck próximo ao rio. De frente para a lagoa e para o rio, optou-se por uma parede curva de cordwood e esquadrias, seguindo a linguagem do restante do projeto e priorizando a vista para as águas (rio e lagoa) e para a vegetação.

Um grande deck (01 e 02), o atracadeiro externo (07) e o gramado (08) são capazes de abrigar atividades como confecção, conserto e secagem de redes, fabricação e conserto de embarcações, chegada, preparo, venda e troca de pescados, etc. Adjacente ao deck, há a sala de

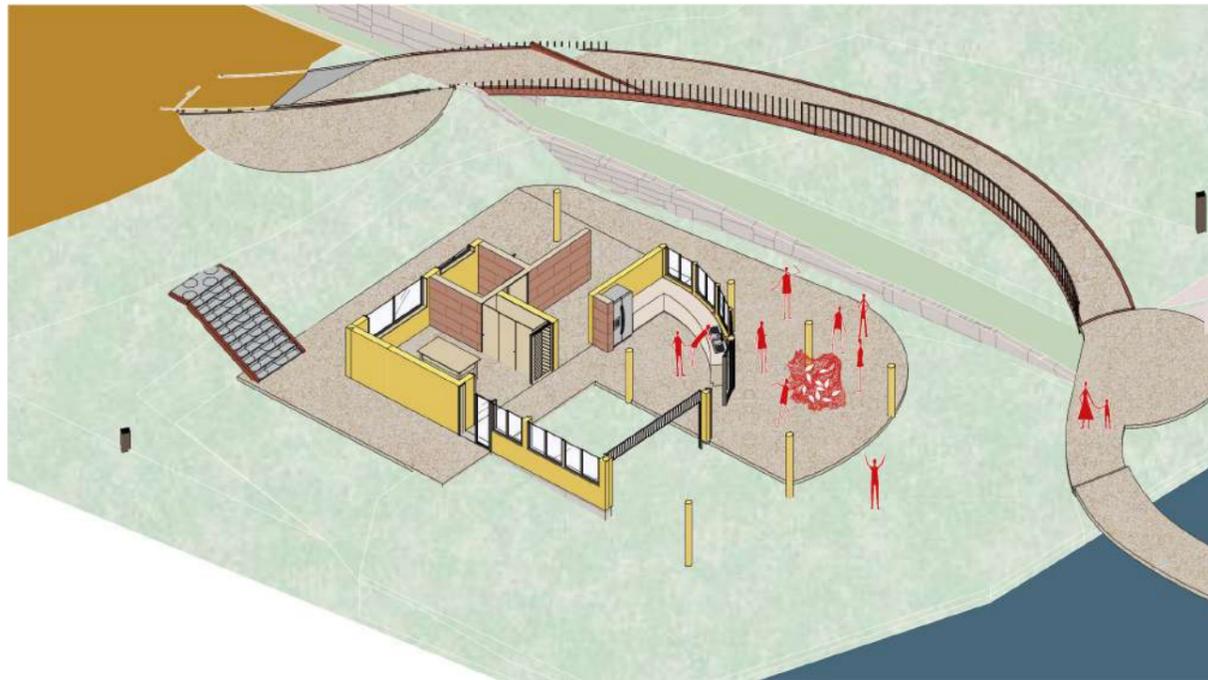
marcenaria (04) para dar suporte às atividades de reparos das embarcações, com o objetivo de garantir espaços de trabalho que assegurem a manutenção das tradições e dos saberes relacionados à carpintaria náutica, bem como promover a autonomia dos pescadores.

A bancada de apoio (03) é equipada com fogão, pia e refrigeradores, para auxiliar na chegada de pescados, bem como o beneficiamento e conservação dos produtos. O equipamento também conta com sanitários (05) e uma ducha externa (06) que pode ser acessada por dentro da edificação ou por fora, pelo deck.

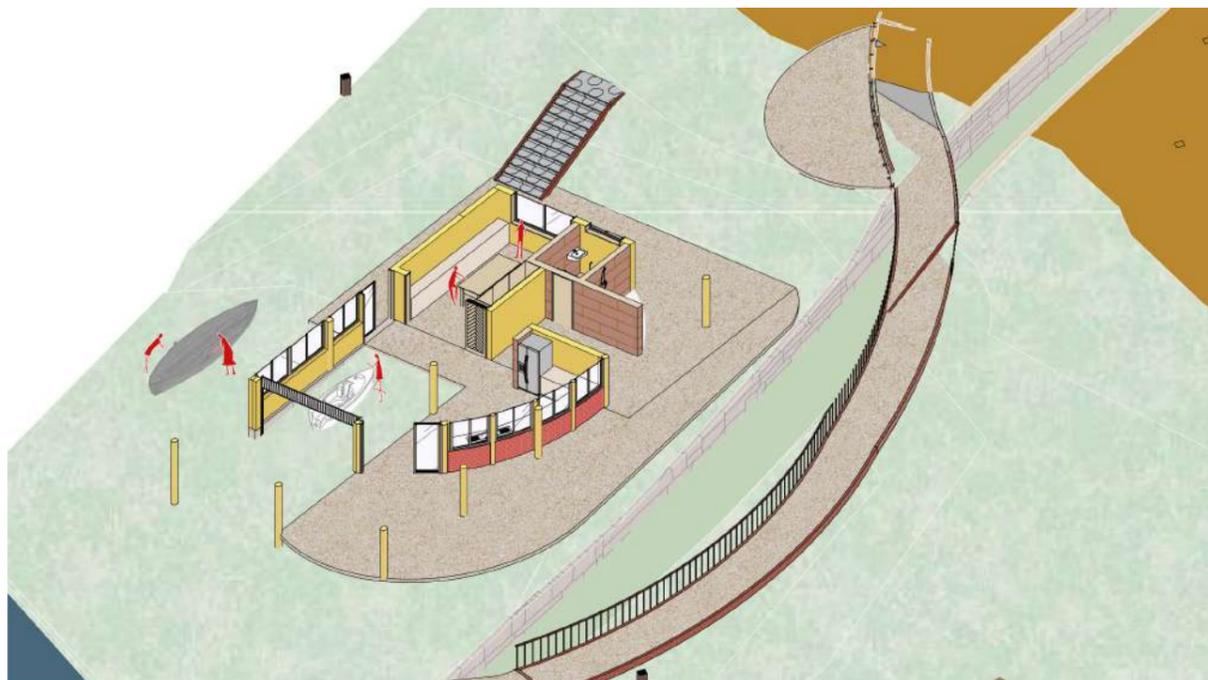


[76] Cortes do Rancho Comunitário.

POSSIBILIDADES DE USO DO RANCHO COMUNITÁRIO



[77] Apoio à chegada de pescados e uso da cozinha.



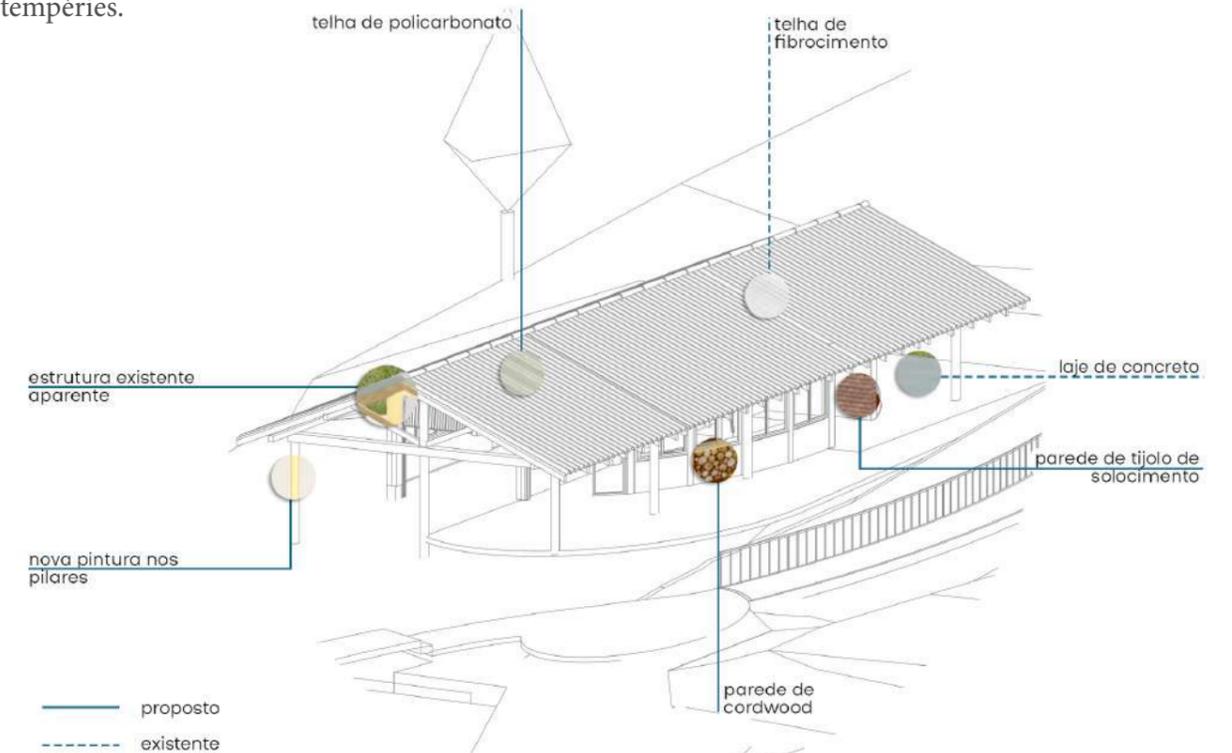
[78] Conserto de embarcações e uso da sala de marcenaria.

ESTRUTURA - RANCHO COMUNITÁRIO

A estrutura do antigo restaurante foi totalmente aproveitada na proposta do Rancho Comunitário e manteve-se alguns fechamentos da alvenaria convencional existente.

Com o novo desenho dos espaços, priorizou-se a visão para o rio e para a lagoa com paredes curvas de cordwood e taipa de mão, utilizando a terra local a partir dos cortes necessários no terreno, e áreas molhadas com paredes de tijolo de solocimento.

O telhado manteve-se duas águas, com a porção mais próxima à orla alterada em suas telhas, a partir da proposta de trocar para telhas translúcidas de policarbonato, realçando a estrutura existente do telhado e trazendo mais iluminação para o deck, ao mesmo tempo que o mantém protegido de intempéries.



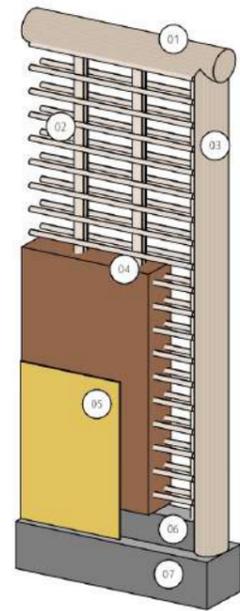
[79] Esquema estrutura e fechamentos do Rancho Comunitário.



[80] Técnicas utilizadas nos fechamentos do Rancho Comunitário.

DETALHES CONSTRUTIVOS

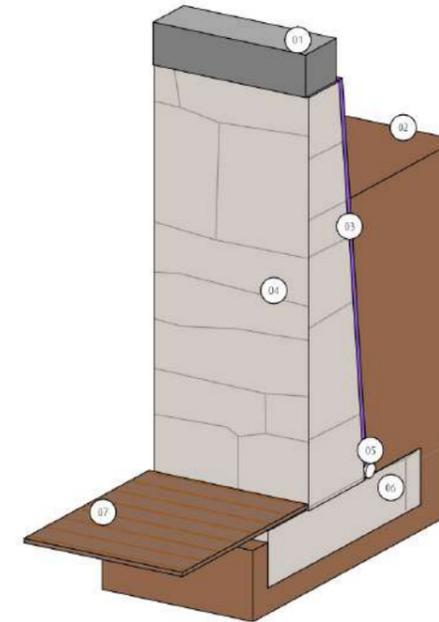
detalhe - parede de taipa de mão



- 01 Viga de eucalipto roliço
- 02 Trama de bambu
- 03 Pilar de eucalipto roliço
- 04 Preenchimento (barro + fibras)
- 05 Reboco de terra
- 06 Bloco de concreto
- 07 Viga de baldrame

[81] Detalhe parede de taipa de mão.

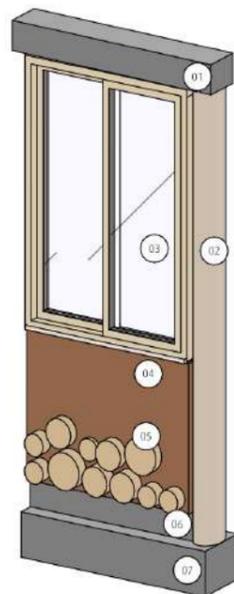
detalhe - parede de pedra



- 01 Viga de concreto armado
- 02 Terra
- 03 Impermeabilização
- 04 Parede de pedra com argamassa de cimento
- 05 Tubo de drenagem
- 06 Fundação de pedra
- 07 Deck de madeira

[82] Detalhe parede de pedra estrutural.

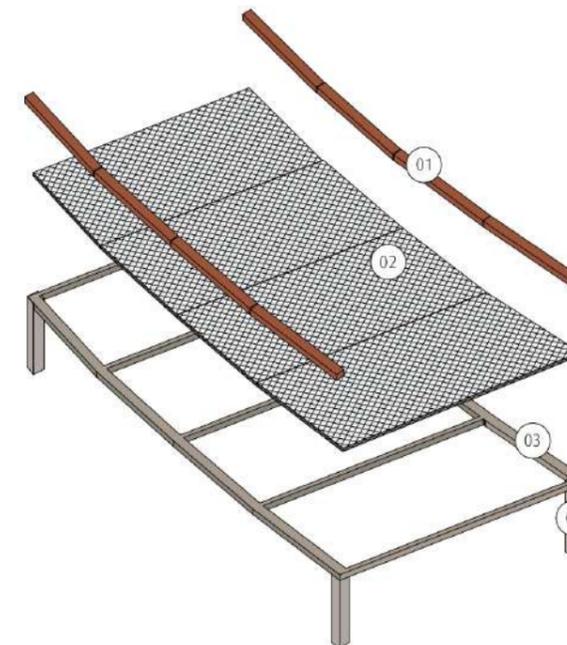
detalhe - parede de cordwood



- 01 Viga de concreto armado
- 02 Pilar de eucalipto roliço
- 03 Esquadria de madeira
- 04 Preenchimento (barro + fibras + c)
- 05 Tocos de madeira
- 06 Bloco de concreto
- 07 Viga de baldrame

[83] Detalhe parede de cordwood.

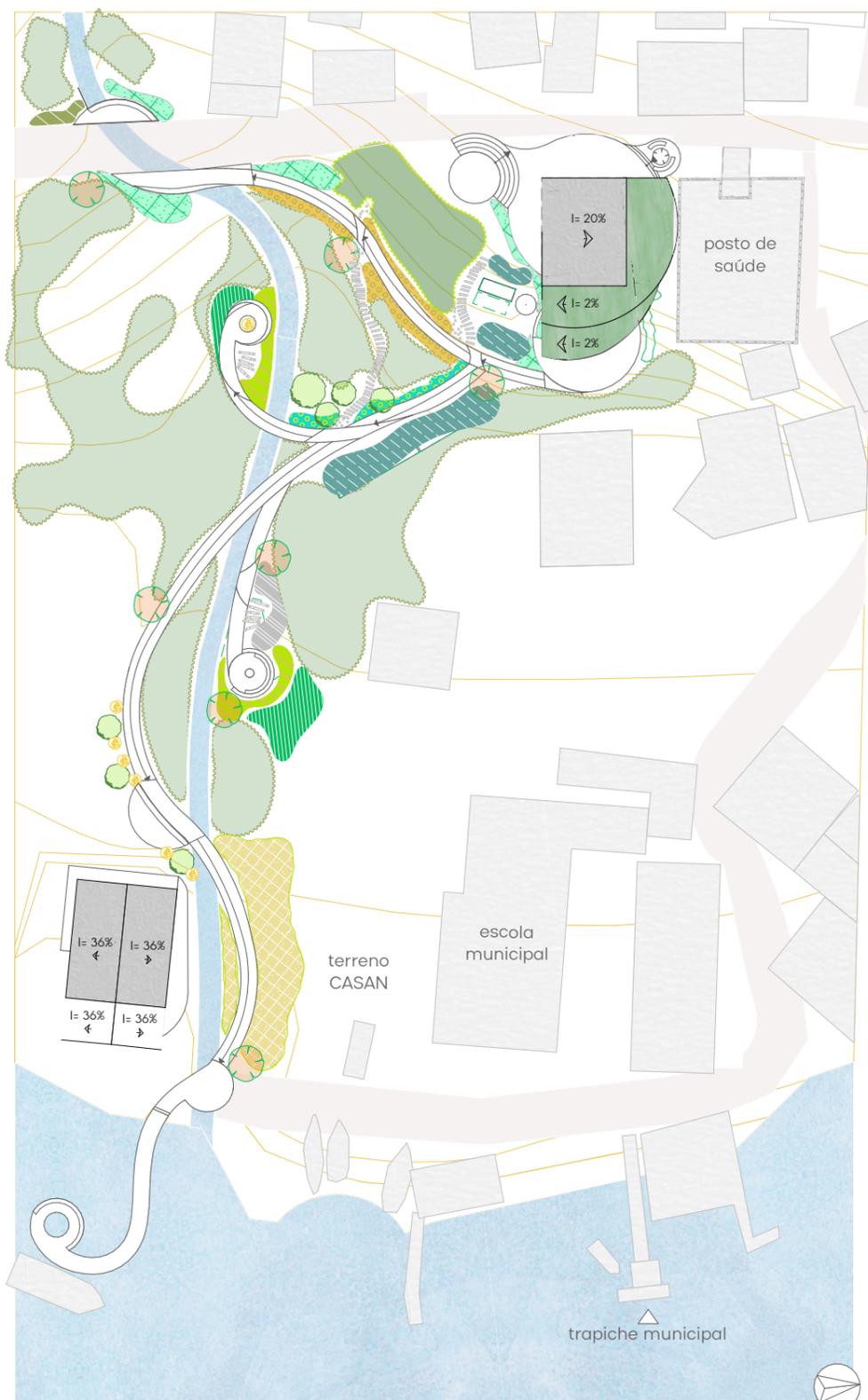
detalhe - rampa metálica



- 01 guia de madeira
- 02 tela metálica pré-fabricada
- 03 estrutura metálica pré-fabricada
- 04 pilar metálico

[84] Detalhe rampas metálicas.

PLANTA DE PAISAGISMO



- vegetação existente
- agrofloresta proposta
- vegetação saneamento ecológico
- carqueja
- capim-limão + paina de sapo
- cidrão + melissa
- arruda
- citronela
- arnica + alfavaca
- penicilina + losna
- bambuzal
- pitangueira
- cítricos (vergamota + limoeiro)
- mamoeiro

Com o objetivo de trazer ao projeto espécies vegetais conhecidas e comumente utilizadas na comunidade da Costa da Lagoa, além da proposta do sistema agroflorestal, buscou-se propor um paisagismo alimentício e medicinal, sobretudo com espécies das quais a comunidade local já tivesse familiaridade, seja através do cultivo e/ou de uso.

A escolha das espécies vegetais teve como base, principalmente, a pesquisa realizada por Marques (2010), intitulada “Retratos de dois momentos: plantas de uso medicinal nas comunidades da Costa da Lagoa e Canto dos Araçás, Florianópolis, SC”, a qual listou 98 plantas medicinais utilizadas nas comunidades.

012345

[85] Planta de paisagismo.

PERSPECTIVAS



[86] Fachada oeste do Centro Comunitário, com o Posto de Saúde à esquerda.



[91] Fachada sul do Centro Comunitário.



[87] Cozinha comunitária com fogão à lenha, com ligação direta com a sala multiuso e a agrofloresta.



[88] Sala multiuso com ligação direta para a trilha principal, para a agrofloresta, circulação do Centro Comunitário e cozinha.



[92] Circulação do prédio, com a lagoa emoldurada ao fundo.



[93] Vista do telhado verde acessível para a biblioteca.



[89] Biblioteca comunitária e espaço para estudo.



[90] Biblioteca com acesso ao telhado verde.



[94] Acesso para o pavimento inferior, com os sistemas de tratamento de resíduos à esquerda.



[95] Pavimento inferior com grandes portas que se abrem para o deck, possibilitando diversos usos.

PERSPECTIVAS



[96] Início da área da intervenção, de quem vem via trilha sentido Lagoa - Costa, com áreas de parada e descanso.



[97] Início da área da intervenção, via trilha sentido Lagoa - Costa, e começo das rampas de acesso.



[101] Caminhos que levam ao pavimento inferior do Centro Comunitário, ou continuam em direção a orla da lagoa.



[102] Caminho que leva à orla da lagoa. Bacia de evapotranspiração à esquerda.



[98] Caminhos que abraçam a vegetação e o rio existentes. Centro Comunitário proposto ao fundo à esquerda.



[99] Caminhos que percorrem o projeto, agrofloresta à esquerda e Centro Comunitário proposto ao fundo.



[103] O caminho também se bifurca e leva a espaços de descanso e lazer em meio a natureza.



[104] Espaço de estar e lazer em meio a natureza.



[100] Agrofloresta e o Centro Comunitário proposto ao fundo.



[105] Espaço de estar e lazer em meio a natureza.

PERSPECTIVAS



[106] Chegada à orla da lagoa em meio a um bambuzal.



[111] Rancho Comunitário.



[107] Reforma de restaurante desativado, adequando seus usos para se transformar em Rancho Comunitário.



[108] Rancho Comunitário com a parte da frente com estrutura aparente, protegendo de intempéries mas permitindo melhor iluminação dos espaços.



[109] Cozinha no Rancho Comunitário, com paredes curvas que ressaltam a vista para a lagoa e morros.



[110] Sala de marcenaria, com espaço de areia e coberto para abrigar embarcações sem danificar o piso.

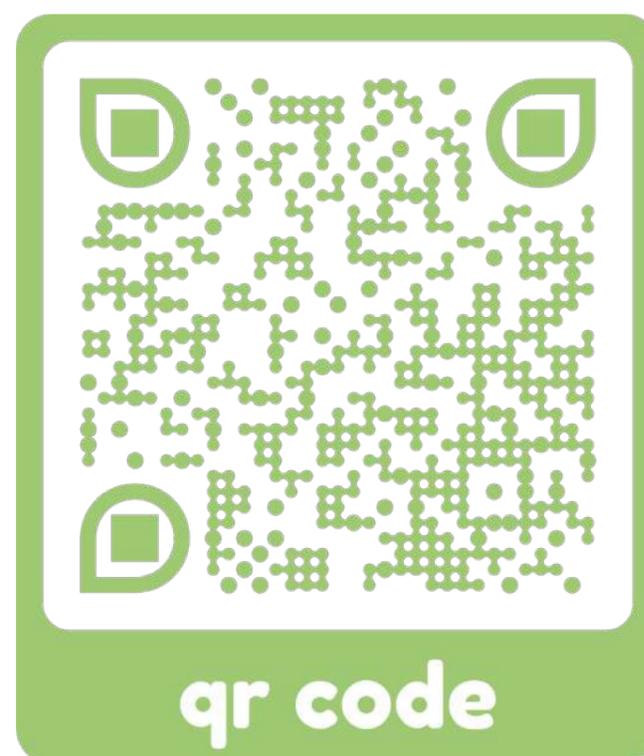


[112] O caminho da proposta se transforma em trapiche quando chega à lagoa. Com bancos e espaço com rede no centro, para contemplação, descanso e lazer.

VÍDEO DO PROJETO

[CLIQUE AQUI](#)

OU



BIBLIOGRAFIA

ANDERMANN, Adriane Schroeder. Histórias de Engenho: Os engenhos de farinha de mandioca em Florianópolis. Economia, cuidados com a produção, imagens (1917 - 1920) [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de Pós-Graduação em História, 1996, 174p.

ANTUNES DA LUZ, Esdras Pio; MARTINS, Pedro. Cultura náutica e patrimônio material: um olhar sobre a Costa da Lagoa, Ilha de Santa Catarina. R. B. Estudos Urbanos e Regionais, v. 16, n. 2, nov. 2014, p. 205-223

ARAÚJO, Alessandra Silva. Organização espacial em Ratonos, Florianópolis: dinâmicas e conflitos [dissertação]. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, 2017, 137p.

BASSO, Lianor Maria Mattos e Silva. Memórias do futuro: Olhares da Costa da Lagoa da Conceição [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2016, 179p.

BASTOS, Ana Carla. Escravidão nos engenhos de farinha da Lagoa da Conceição. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Josiane Zimmermann (Orgs.). História Diversa: Africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013

BERETTA, Bibiana. Percepções de cidade e natureza: a trama verde e azul do distrito do Campeche, Ilha de Santa Catarina [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2018, 142p. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PAR-Q0326-D.pdf>>. Acesso em 25 mar. 2020

BRAGANHOLO, Manuela Valim. Engenhos de Farinha: história, memória e resistência no litoral catarinense [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, 2017, 114p.. Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/2368/2/2017%20-%20Manuela%20Valim%20Braganholo.pdf>>. Acesso em 09 jul 2020.

CAMPOS, Nazareno José de. Terras comunais e pequena produção açoriana na ilha de Santa Catarina [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas, 1989, 215p.

CARDOSO, Cristiane. Análise Ambiental do Distrito de Ratonos, Florianópolis - SC [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Geociências, 2001, 105p.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Leonardo Barci. Patrimônio Cultural: Conceitos, políticas instrumentos. Editora Anablume: São Paulo, 2009b, 379p.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Espaço e lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A (Org.). Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 182-189.

COELHO, Kellen da Silva; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento; KANITZ, Amarildo Felipe. As práticas organizativas do Distrito de Ratonos na resistência à proposta de plano diretor “participativo” feita pela Prefeitura de Florianópolis, à luz da Teoria Política do Discurso. Anais do XVI Seminários em Administração, São Paulo, out. 2013, 16p.

COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Susana de

Araújo. Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Caxias do Sul, jul. 2010, 14p

CUSTÓDIO, Otávio da Silva; LEITE, Nei Kavaguichi. Percepção Ambiental dos Moradores das Comunidades de Ratonos e Lagoa do Peri, Ilha de Santa Catarina. Extensio: R. Eletr. de Extensão, Florianópolis, v. 14, n. 25, 2017, p. 150-160

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. O mito moderno da natureza intocada. 6. ed. ampliada. São Paulo: Hucitec: Nupaub-USP/CEC, 2008, 198p.

FARIAS, Vilson Francisco de. Dos Açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo, 500 anos, litoral catarinense. Florianópolis: Ed. do Autor, 2000, 503 p.

FERREIRA, Giovana Callado. O Rural e o Urbano: ruralidades, meio ambiente e expansão urbana em Florianópolis [tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2018, 474p

FREITAS, Djonathan. Caminho das Ruínas: Retratos do Abandono na Arquitetura de Florianópolis. Anais do 3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/iii-simposioicomosbrasil/155662-caminho-das-ruinas--retratos-do-abandono-na-arquitetura-de-florianopolis/>>. Acesso em: 06 jul. 2020

GIMENO, Silvia Ines Dufech. O destino viaja de barco : um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de modernização - 1930-1990 [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, 1992, 178p

HARDT, Letícia Peret Antunes; HARDT, Carlos; HAR-

DT, Marlos. Memória e cidade: contribuições à gestão do patrimônio cultural. Revista Confluências Culturais, Joinville, v. 6, n. 2, set. 2017, p. 36-45. Disponível em: <<http://periodicos.univille.br/index.php/RCCult/article/view/361>>. Acesso em: 05 set. 2020.

LACERDA, Eugenio Pascele. O Atlântico Açoriano: Uma antropologia dos contextos globais e locais de açorianidade [tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2003, 290p.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós Graduação em Ciências Sociais, 1983, 144p.

MALUE, Sônia Weidner. Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 187 p.

MARQUES, Mel Simionato. Retratos de dois momentos: plantas de uso medicinal nas comunidades da Costa da Lagoa e do Canto dos Araçás [trabalho de conclusão de curso]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Curso de Graduação em Ciências Biológicas, 2010, 86p

MASSOLA, Gustavo Martineli; SVARTMAN, Bernardo Parodi. Enraizamento. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A (Org.). Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes, 2018a. p. 75-88

MASSOLA, Gustavo Martineli; SVARTMAN, Bernardo Parodi. Enraizamento, tempo e participação na Psicologia Ambiental. Estudos de Psicologia, Natal, v. 23, n. 3, p. 293-305, set. 2018b. Disponível em: <[http:// pep-](http://pep-)

sic. bvsalud. org / scielo.php ?script =sci_abstractd=S1413-294X2018000300009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt >. Acesso em 28 set. 2020

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de Lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A (Org.). Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 208-215.

ND Mais. Barqueiros preservam tradições na Costa da Lagoa, em Florianópolis. Florianópolis, 11 jan. 2015. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/noticias/barqueiros-preservam-tradicoes-na-costa-da-lagoa-em-florianopolis/>>

NÓR, Soraya. Paisagem Cultural. Revista Leituras Paisagísticas: teoria e práxis. n. 4. Rio de Janeiro: UFRJ; 2013b, p. 19-31

_____. Paisagem e lugar como referências culturais: Ribeirão da Ilha - Florianópolis [tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2010, 231p. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGCN0442-T.pdf>>. Acesso em 25 mar. 2020

PEDRALLI, Rosângela; DIAS, Sabatha Catoia. Caracterização sócio-histórica de seis comunidades de Florianópolis/SC: uma análise a partir da amostra Floripa. Working Papers em Linguística, Florianópolis, v. 16, n. 1, set. 2015, p. 01-19. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v-16n1p1>>. Acesso em: 08 jun. 2020

PEREIRA, Maria Fernanda Salvadori. Gravidez, corpo e pessoa: a formação da criança na Costa da Lagoa (Florianópolis) [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012, 115p.

RAMOS, Viviana. Escola da Costa da Lagoa é inaugurada nesta quinta (16) após reforma. Tudo sobre Floripa. 2015 jul. 15. Disponível em: <http://www.tudosobrefloripa.com.br/index.php/desc_noticias/escola_da_costa_da_lagoa_e_inaugurada_nesta_quinta_16_apos_reforma>. Acesso em 09 jul. 2020.

ROSA, Edson. Agricultura resiste à urbanização no bairro Ratoles, em Florianópolis. Grupo ND, Florianópolis, 15 set. 2014. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/noticias/agricultura-ratoles-urbanizacao-norte-da-ilha-florianopolis/>>. Acesso em 12 out. 2020.

SALDANHA, Juliana Hammel. Conhecimento ecológico local de plantas e paisagens em duas comunidades do entorno da Estação Ecológica de Carijós, Ilha de Santa Catarina, Brasil [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ecologia, 2013, 112p.

SERAFIM, Diana dos Reis; FALCIANO, Rafael Luiz. Relatório final sobre a Associação dos Pescadores do Rio Ratoles de Florianópolis. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Projeto Conexão Local 2016, 2016, 26p.

SERAFIM, Mauricio Custódio. et al. Capital Social na Costa da Lagoa: Entre a Confiança e a Solidariedade. Anais do Encontro de Administração Pública da ANPAD. Salvador, 2012, 16p.

SIMÕES JÚNIOR, Cesário. Projeto de Tombamento do Caminho da Costa da Lagoa. IPUE, 1981

SOUZA, Ilíada Rainha de. Estudo Demográfico e Genético das Populações da Costa da Lagoa e de São João do Rio Vermelho, na Ilha de Santa Catarina [tese]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Curso de Pós-Graduação em Genética, 2001, 191p.